DR
122
Vol

Ø

DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA. —
SEXUALIDADE, INTERAÇÃO COM OS PAIS,
COMPANHEIROS E SEXO OPOSTO

ANDRÉ FRANCISCO ^{BS}PILON

Tese de Doutorado apresentada à
Faculdade de Saúde Pública da Uni-
versidade de São Paulo, Departamen-
to de Prática de Saúde Pública, pa-
ra obtenção do título de "Doutor
em Saúde Pública".

Orientadora: Prof. Nelly Martins
Ferreira Candeias

São Paulo

1984

RECONHECIMENTO

O Autor expressa reconhecimento a

RUTH SANDOVAL MARCONDES

Professora Titular da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Supervisora e Coordenadora do projeto "Vida Familiar e Educação Sexual", desenvolvido sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde e do qual esta pesquisa é parte integrante

NELLY MARTINS FERREIRA CANDEIAS

Professora Livre-Docente da mesma Faculdade,
Orientadora de Pós-Graduação

A. MOAREFI

ROMEU DE MORAES ALMEIDA

RUBENS MURILLO MARQUES

Consultores em metodologia de pesquisa

ANIELA GINSBERG *

CARLOS ROBERTO MARTINS LACAZ **

ENEIDA BATISTETE MATARAZZO **

ENZO AZZI **

FRANCISCO BERNARDINI TANCREDI **

HELENA SAVASTANO *

JACYRA CALAZANS ***

MARIA STELA ORSINI ****

NORBERTO ABREU E SILVA NETO *

RENATA NOELY BARBUY MELCHIOR ***

Professores e pesquisadores, especialistas nas áreas da Educação, Sociologia, Psicologia e Psiquiatria, que atuaram como juizes do instrumento de coleta de informações

* Psicólogos

** Médicos psiquiatras

*** Educadores

**** Socióloga e Comunicadora

MARIA HELENA MANDACARU GUERRA

MIRIAM A. DA SILVA VILARINHO

Psicólogos que colaboraram no projeto-piloto e
pré-teste do instrumento

CECÍLIA FRANÇA

CELSO CAROPRESO FOGAÇA

HERMÍNIA PRADO GODOY

ISMÊNIA CRISTINA PEPICELLI

JANE JANICE TESTA DA SILVA*

LUCINEA FÁTIMA VENDRAMINI

MARIA ANTONIA PIRES DOS SANTOS

MARIA JOSÉ MADEIRA

RENATA MANCINI

ZILÁ A. DE LIMA PERALTA

Psicólogos que integraram a equipe responsável pe
la aplicação final do questionário

* Assistente Social

AMÉLIA MARIA DA SILVA CLARA
DINORAH NEUSA GONÇALVES PIRES
LAURA SOGLIA PEREIRA PINTO
MARIA TEREZA DE AGUIAR
OTTILIA A. DE SÁ DOS SANTOS

Diretores e Assistentes responsáveis pelas escolas onde foi realizada a pesquisa

634 JOVENS, ALUNOS DESSAS ESCOLAS

Sujeitos desta investigação

COLEGAS

Docentes e administrativos que, direta ou indiretamente, apoiaram o desenvolvimento deste trabalho

Í N D I C E

Relação de tabelas unificadas	vii
Relação de tabelas de frequência	
- Perguntas abertas	ix
- Perguntas fechadas	x
Resumo	
- Em português	xv
- Em inglês (summary)	xvii
1. Antecedentes	1
2. Revisão da literatura	
2.1 Percepção e aquisição de significados; o papel dos grupos primários; interação com pais e companheiros; clima familiar e estilos educativos	4
2.2 A adolescência e suas tarefas; interação com o sexo oposto e expressão da sexualidade; aspectos psicológicos, sociais, educativos e de saúde	16
3. Objetivos geral e específicos	54
4. População e método	67
5. Resultados	73
6. Conclusões	119
7. Referências bibliográficas	137
8. Anexos	
I Questionário aplicado	1 A
II Numeração dos questionários	28 A
III Depoimentos dos sujeitos	29 A
IV Tabelas unificadas	45 A
V Relação de profissões	67 A
VI Tabelas de frequência	Vol. 2

RELAÇÃO DE TABELAS UNIFICADAS

Págs. 45-A a 66-A

- 1 Trabalho dos pais e do sujeito, Sentido da escola, Amizades no grupo de pares, Atividades preferidas
- 2 Constituição do grupo de companheiros (inclui tab. 2-A)
- 3 Assuntos mais discutidos no grupo de companheiros (inclui tab. 3-A)
- 4 Comportamentos atribuídos ao pai em relação ao grupo de companheiros
- 5 Comportamentos atribuídos à mãe em relação ao grupo de companheiros
- 6 Qualidade do afeto percebido da parte dos pais
- 7 Estilos educativos atribuídos aos pais pelos adolescentes
- 8 Namoro, sexualidade e conhecimentos sobre reprodução humana (inclui tab. 8-A)
- 9 Sentimentos positivos despertados no adolescente pela sexualidade
- 10 Sentimentos negativos despertados no adolescente pela sexualidade
- 11 Fontes de informação sobre vida sexual e reprodução humana
- 12 Discriminação da categoria outros (as)
- 13 Explicações de respostas menos freqüentes
- A Índice de desenvolvimento do melhor amigo
- B Índice de desenvolvimento pessoal
- C Índice de auto-disciplina
- D Índice de hétero-disciplina

- E Índice de discordância entre o adolescente e os pais
- F Índice de discordância entre os pais
- G Índice de interferência do namoro
- H Índice de mutalidade no namoro
- I Índice de influência de terceiros no relacionamento com o sexo oposto
- J Índice de intensidade de preferência pela fonte de informação sobre sexualidade

RELAÇÃO DE TABELAS DE FREQUÊNCIA

Perguntas Abertas

V 18	SENTIDO DA ESCOLA PARA A VIDA	/
V99-100	ASPECTOS SATISFATÓRIOS E INSATISFATÓRIOS NO INTERESSE E ATENÇÃO DOS PAIS	/
V122	SITUAÇÕES QUE DEIXARIAM OS PAIS DESGOSTOSOS OU ABORRECIDOS	/
V123	EXPECTATIVAS PARA A VIDA	/
V124	ATIVIDADES PREFERIDAS NAS HORAS VAGAS	/
V164	INTIMIDADE FÍSICA EM SITUAÇÃO DE NAMORO	/
V168	CAUSAS ATRIBUÍDAS A UM ENCONTRO FELIZ	/
V205	RAZÕES APRESENTADAS PARA SEGUIR OU NÃO O MO- DELO EDUCATIVO DOS PAIS	/
V206	REQUISITOS EXIGIDOS DO (A) NOIVO (A)	/
V207	REQUISITOS A SEREM EXIGIDOS PELO NOIVO EM RELAÇÃO AO SUJEITO	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO MELHORES NO CASAMENTO	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO PIORES NO CASAMENTO	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO MELHORES NO CASAMENTO (TOTAIS PARA O MARIDO)	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO MELHORES NO CASAMENTO (TOTAIS PARA A MULHER)	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO PIORES NO CASAMENTO (TOTAIS PARA O MARIDO)	/
V208	SITUAÇÕES TIDAS COMO PIORES NO CASAMENTO (TOTAIS PARA A MULHER)	/
V209	MOTIVOS TIDOS COMO MAIS IMPORTANTES PARA A SEPARAÇÃO DE UM CASAL	/
V230	MUDANÇAS FISIOLÓGICAS QUE POSSIBILITAM PRO- CRIAR: SENDO RAPAÇ	/
V230	MUDANÇAS FISIOLÓGICAS QUE POSSIBILITAM PRO- CRIAR: SENDO MOÇA	/
V231	JUSTIFICAÇÕES PARA A FERTILIDADE PERIÓDICA DA MULHER	/
V233	MÉTODOS PARA EVITAR A GRAVIDEZ	/
V234	FORMAS INDICADAS DE PROTEÇÃO CONTRA DOENÇAS VENÉREAS	/

RELAÇÃO DE TABELAS DE FREQUÊNCIA E CONTINGÊNCIA

Perguntas Fechadas

V01,	PERIODO	/
V02,	SERIE	/
V03,	IDADE	/
V04,	DATA DE NASCIMENTO	/
V05,	SEXO	/
V06,	COM QUEM MORA	/
V07,	PAI TRABALHA	/
V08,	PROFISSAO DO PAI	/
V09,	MAE TRABALHA	/
V10,	PROFISSAO DA MAE	/
V11,	CURSO QUE O PAI CONCLUIU	/
V12,	CURSO QUE A MAE CONCLUIU	/
V13,	O ENTREVISTADO TRABALHA	/
V14,	TRABALHO DO ENTREVISTADO	/
V15,	HORAS DE TRABALHO DIARIO	/
V16,	APROVEITAMENTO ESCOLAR	/
V17,	APÓS CONCLUSÃO DO CURSO ESTARÁ	/
V18,	APRENDIZADO E SENTIDO PARA VIDA	/
V19,	GRUPO COMP-COLEGAS DE ESCOLA	/
V20,	GRUPO COMP-EX-COLEGAS DE ESCOLA	/
V21,	GRUPO COMP-COLEGAS DE TRABALHO	/
V22,	GRUPO COMP-VIZINHOS	/
V23,	GRUPO COMP-PARENTES	/
V24,	GRUPO COMP-OUTROS	/
V25,	GRUPO COMP-NINGUEM, NAO TEM COMP	/
V26,	IMPORTANCIA DO GRUPO COMPANHEIROS	/
V27,	EXPRESSAO DE IDEIAS PROPRIAS	/
V28,	GRUPO DE COMP E TOMADA DE DECISAO	/
V29,	ASSUNTOS DE CONVERSA	/
V30,	CONVERSA COM PAIS DE ATIV DO GRUPO	/
V31,	COMPANHEIROS PAIS CONHECEM PESS	/
V32,	LEVADO A COISA ERR POR PRESSAO	/
V33,	PAI-NAO GOSTA DO GR COMP	/
V34,	MAE-NAO GOSTA DO GR COMP	/
V35,	PAI-TOLERA GR COMP	/
V36,	MAE-TOLERA GR COMP	/
V37,	PAI-NAO SE INTERESSA	/
V38,	MAE-NAO SE INTERESSA	/
V39,	PAI-GOSTA DO GR COMP	/
V40,	MAE-GOSTA DO GR COMP	/
V41,	PAI-ESCOLHE COMPANHEIROS	/
V42,	MAE-ESCOLHE COMPANHEIROS	/
V43,	AMIZADE QUE PAIS NAO APROVARIAM	/
V44,	MELHOR AMIGO-A	/
V45,	TEM BOM DESENVOLVIMENTO FISICO	/
V46,	VAI BEM NA ESCOLA	/
V47,	DA-SE BEM COM COMPANHEIROS	/
V48,	VIVE BEM COM A FAMILIA	/
V49,	RESPONSAVEL-CUMPRE DEVERES	/
V50,	DESEMBARACADO NO RELAC OUTROS	/
V51,	FACIL DE CONVIVER	/
V52,	PREOCUPA-SE COM RELIGIAO	/
V53,	ATRAENTE PARA SEXO OPOSTO	/

V54, SEXO DO MELHOR AMIGO-A	/
V55, IMPORT-APARENCIA PESSOAL	/
V56, IMPORT-ALIM, HORARIO, REFEICAO	/
V57, IMPORT-COLEGAS, CIAS, AMIZADES	/
V58, IMPORT-LAZER-RECR-DISTRACOES	/
V59, IMPORT-PER FORA DE CASA, HORARIO	/
V60, IMPORT-GASTO EM OBJETOS, ROUPAS	/
V61, IMPORT-TEMPO DE ESTUDO	/
V62, IMPORT-CRENCA RELIGIOSA	/
V63, IMPORT-AJUDA TAREFAS DOMESTICAS	/
V64, IMPORT-RELACIONAMENTO SEXO OPOSTO	/
V65, IMPORT PAIS-APARENCIA PESSOAL	/
V66, IMPORT PAIS-ALIMENTACAO	/
V67, IMPORT PAIS-COLEGAS, CIAS, AMIZADES	/
V68, IMPORT PAIS-LAZER, RECR, DISTRACOES	/
V69, IMPORT PAIS-PER FORA DE CASA, HOR	/
V70, IMPORT PAIS-GASTO EM OBJETOS, ROUP	/
V71, IMPORT PAIS-TEMPO DE ESTUDO	/
V72, IMPORT PAIS-CRENCA RELIGIOSA	/
V73, IMPORT PAIS-AJUDA NAS TAREFAS DOM	/
V74, IMPORT PAIS-RELACIONAM SEXO OPOSTO/	/
V75, DISC VOCE E PAIS-APARENCIA PESSOAL/	/
V76, DISC VOCE E PAIS-ALIMENTACAO	/
V77, DISC VOCE E PAIS-COLEGAS, AMIZADES	/
V78, DISC VOCE E PAIS-LAZER, RECR, DISTR	/
V79, DISC VOCE E PAIS-PER FORA DE CASA	/
V80, DISC VOCE E PAIS-GASTO EM OBJ, ROUP/	/
V81, DISC VOCE E PAIS-TEMPO DE ESTUDO	/
V82, DISC VOCE E PAIS-CRENCA RELIGIOSA	/
V83, DISC VOCE E PAIS-AJUDA NAS TAR DOM/	/
V84, DISC VOCE E PAIS-RELAC SEXO OPOSTO/	/
V85, DISC PAIS-APARENCIA PESSOAL	/
V86, DISC PAIS-ALIMENTACAO	/
V87, DISC PAIS-COLEGAS, CIAS, AMIZADES	/
V88, DISC PAIS-LAZER, RECR, DISTRACOES	/
V89, DISC PAIS-PER FORA DE CASA, HOR	/
V90, DISC PAIS-GASTO EM OBJETOS, ROUP	/
V91, DISC PAIS-TEMPO DE ESTUDO	/
V92, DISC PAIS-CRENCA RELIGIOSA	/
V93, DISC PAIS-AJUDA NAS TAREFAS DOM	/
V94, DISC PAIS-RELACIONAM SEXO OPOSTO	/
V95, ATITUDE DO PAI PARA COISA CORRETA	/
V96, ATITUDE DA MAE PARA COISA CORRETA	/
V97, ATITUDE DO PAI PARA COISA ERRADA	/
V98, ATITUDE DA MAE PARA COISA ERRADA	/
V99, INTERESSE DO PAI	/
V100, INTERESSE DA MAE	/
V101, PAI-FRIO E DISTANTE	/
V102, MAE-FRIA E DISTANTE	/
V103, PAI-CARINHOSO E ACOLHEDOR	/
V104, MAE-CARINHOSA E ACOLHEDORA	/
V105, PAI-HOSTIL E AGRESSIVO	/
V106, MAE-HOSTIL E AGRESSIVA	/
V107, PAI-VARIAVEL	/
V108, MAE-VARIAVEL	/
V109, ASSUMIR RESPONSABILIDADE FAMILIA	/
V110, PAI-AUTORITARIO	/
V111, MAE-AUTORITARIA	/
V112, PAI-COLEGA	/
V113, MAE-COLEGA	/

V114, PAI-EXPERIENTE	/
V115, MAE-EXPERIENTE	/
V116, PAI ALHEIO A SUA VIDA	/
V117, MAE-ALHEIA A SUA VIDA	/
V118, EM CASA VOCE SENTE	/
V119, DENTRO DE SUA FAMILIA	/
V120, EM SUA FAMILIA COSTUMA SENTIR	/
V121, MOTIVO DE DESACORDO	/
V124, ATIVIDADE PREFERIDA HORAS VAGAS	/
V125, GOSTARIA TER ALGUMA	/
V126, DESENVOLVIMENTO FISICO	/
V127, VAI BEM NA ESCOLA	/
V128, DA-SE BEM COM COMPANHEIROS	/
V129, VIVE BEM COM FAMILIA	/
V130, RESPONSAVEL, CUMPRE DEVERES	/
V131, DESEMBARACADO NO RELAC OUTROS	/
V132, FACIL CONVIVER	/
V133, PREOCUPA-SE COM RELIGIAO	/
V134, ATRAENTE PARA SEXO OPOSTO	/
V136, ATITUDE DO PAI A RELIGIAO	/
V137, ATITUDE DA MAE A RELIGIAO	/
V138, ATITUDE DO MELHOR AMIGO A RELIGIAO	/
V139, VOCE MESMO E RELIGIAO	/
V140, INFLUENCIA DA RELIGIAO NO SEXO	/
V141, OPINIAO-APARENCIA PESSOAL	/
V142, OPINIAO ESTUDOS	/
V143, OPINIAO DINHEIRO	/
V144, OPINIAO LAZER, RECREACAO	/
V145, OPINIAO PROFISSAO, TRABALHO	/
V146, OPINIAO-RELACIONAM SEXO OPOSTO	/
V147, OPINIAO-RELIGIAO	/
V148, OPINIAO-AMIZADES	/
V149, ATUALMENTE NAMORA ALGUEM	/
V150, TEMPO DE NAMORO	/
V151, JA NAMOROU	/
V152, TEMPO DO ULTIMO NAMORO	/
V153, IDADE DE INICIO DE NAMORO	/
V154, NUMERO DE PESSOAS QUE JA NAMOROU	/
V155, NAMORO ATRAPALHA VIDA FAMILIAR	/
V156, NAMORO ATRAPALHA VIDA ESCOLAR	/
V157, NAMORO ATRAPALHA VIDA COMPANH	/
V158, GOSTOU DA OUTRA PESSOA	/
V159, OUTRA PESSOA GOSTOU DE VOCE	/
V160, CONFIOU NESSA PESSOA	/
V161, PESSOA CONFIOU EM VOCE	/
V162, DIALOGO E COMPREENSAO ENTRE VOCES	/
V163, EXISTIU INTIMIDADE FISICA	/
V165, PAIS SOUBERAM QUE NAMORA-NAMORAVA	/
V166, REACAO DO PAI	/
V167, REACAO DA MAE	/
V169, INFL DO PAI NO RELAC SEXO OPOSTO	/
V170, INFL DA MAE NO RELAC SEXO OPOSTO	/
V171, INFL DOS PROF NO REL SEXO OPOSTO	/
V172, INFL DOS COMP NO REL SEXO OPOSTO	/
V173, INFL DA TELEV NO REL SEXO OPOSTO	/
V174, INFL DE REVIS NO REL SEXO OPOSTO	/
V175, INFL DE LIVRO NO REL SEXO OPOSTO	/
V176, INFL DE OUTRO NO REL SEXO OPOSTO	/
V202, SEXO DESPERTA VERGONHA	/
V201, SEXO DESPERTA TRISTEZA	/

V179, SEXO DESPERTA ANSIEDADE	/
V197, SEXO DESPERTA REPULSA	/
V196, SEXO DESPERTA RAIVA	/
V199, SEXO DESPERTA SOFRIMENTO	/
V181, SEXO DESPERTA CONFIANCA	/
V194, SEXO DESPERTA OBRIGACAO	/
V192, SEXO DESPERTA MEDO	/
V188, SEXO DESPERTA FRACASSO	/
V184, SEXO DESPERTA DESCONFIANCA	/
V187, SEXO DESPERTA EXITO	/
V186, SEXO DESPERTA ESPONTANEIDADE	/
V185, SEXO DESPERTA DESTEMOR	/
V182, SEXO DESPERTA CURIOSIDADE	/
V183, SEXO DESPERTA CULPA	/
V189, SEXO DESPERTA INDIFERENCA	/
V180, SEXO DESPERTA ATRACAO	/
V178, SEXO DESPERTA AMOR	/
V177, SEXO DESPERTA ALEGRIA	/
V195, SEXO DESPERTA PRAZER	/
V190, SEXO DESPERTA INOCENCIA	/
V191, SEXO DESPERTA INSEGURANCA	/
V193, SEXO DESPERTA NATURALIDADE	/
V198, SEXO DESPERTA SEGURANCA	/
V200, SEXO DESPERTA TRANQUILIDADE	/
V203, RELAC SUFICIENTE PARA REL SEXUAIS	/
V204, COMPORT SEXUAL-RAPAZES E MOÇAS	/
V205, EDUCACAO DOS SEUS FILHOS	/
V210, PREST DO RAPAZ-COMEÇA A NAMORAR	/
V211, PREST DA MOÇA -COMEÇA A NAMORAR	/
V212, PREST DO RAPAZ-NAMORA QQ UMA	/
V213, PREST DA MOÇA -NAMORA QQ UM	/
V214, PREST DO RAPAZ-NAMORA + DE UMA	/
V215, PREST DA MOÇA -NAMORA + DE UM	/
V216, PREST DO RAPAZ-TEM EXP SEXUAIS	/
V217, PREST DA MOÇA -TEM EXP SEXUAIS	/
V218, PREST DO RAPAZ-PRETENDE SE CASAR	/
V219, PREST DA MOÇA -PRETENDE SE CASAR	/
V220, PREST DO RAPAZ-NAO QUER + ESTUDAR	/
V221, PREST DA MOÇA -NAO QUER + ESTUDAR	/
V222, PREST DO RAPAZ-PASSA A TRABALHAR	/
V223, PREST DA MOÇA -PASSA A TRABALHAR	/
V224, PREST DO RAPAZ-ABANDONA O LAR	/
V225, PREST DA MOÇA -ABANDONA O LAR	/
V226, PREST DO RAPAZ-PREOCUPA-SE RELIG	/
V227, PREST DA MOÇA -PREOCUPA-SE RELIG	/
V229, IDADE ADEQUADA PARA TER CRIANCA	/
V231, POSSIBILIDADE DE ENGRAV SPRE IGUAL	/
V232, INTERVALO ENTRE FILHOS	/
V233, CONHECE MEIOS PARA EVITAR GRAVIDEZ	/
V234, SABE O QUE E DOENÇA VENEREA	/
V235, JA TEVE RELACOES SEXUAIS	/
V236, IDADE QUE TEVE REL SEXUAIS	/
V237, REC INF SEXUAL-PAI	/
V238, REC INF SEXUAL-MAE	/
V239, REC INF SEXUAL-IRMAOS, PRIMOS	/
V240, REC INF SEXUAL-OUTROS PARENTES	/
V241, REC INF SEXUAL-PROFESSORES	/
V242, REC INF SEXUAL-COMPANHEIROS	/
V243, REC INF SEXUAL-NAMORADO-A	/
V244, REC INF SEXUAL-TELEVISAO	/

V245, REC INF SEXUAL-RADIO	/
V246, REC INF SEXUAL-JORNAIS	/
V247, REC INF SEXUAL-REVISTAS	/
V248, REC INF SEXUAL-LIVROS	/
V249, REC INF SEXUAL-OUTROS	/
V250, REC INF SEXUAL-NINGUEM	/
V251, PREF REC INF SEX-PAI	/
V252, PREF REC INF SEX-MAE	/
V253, PREF REC INF SEX-IRMAOS, PRIMOS	/
V254, PREF REC INF SEX-OUTROS PARENTES	/
V255, PREF REC INF SEX-PROFESSORES	/
V256, PREF REC INF SEX-COMPANHEIROS	/
V257, PREF REC INF SEX-NAMORADO-A	/
V258, PREF REC INF SEX-TELEVISAO	/
V259, PREF REC INF SEX-RADIO	/
V260, PREF REC INF SEX-JORNAIS	/
V261, PREF REC INF SEX-REVISTAS	/
V262, PREF REC INF SEX-LIVROS	/
V263, PREF REC INF SEX-OUTROS	/

As tabelas de frequência referentes às variáveis 07, 09, 13, 18, 19 a 25, 29, 32, 33 a 42, 43, 44, 101 a 108, 110 a 117, 121, 124, 125, 149, 151, 164, 177 a 202, 231, 233, 234, 235, 237 a 250 encontram-se no anexo IV - Tabelas Unificadas.

RESUMO

Este estudo procura conhecer percepções de jovens de ambos os sexos quanto à interação com pais, companheiros e sexo oposto, sexualidade e outros temas pertinentes à adolescência. A amostra foi composta por 634 sujeitos, de ambos os sexos, entre 14 e 21 anos de idade, estudantes de segundo grau, de três estabelecimentos de ensino estaduais do Município de São Paulo, que responderam a um questionário especialmente elaborado, com perguntas abertas e fechadas, aplicado em agosto/setembro de 1982.

Os resultados indicam que o processo de maturação psico-social dos sujeitos corresponde ao esperado em nossa cultura: valorizam o estudo, o trabalho, a família, a companhia dos pares e o relacionamento afetivo com o sexo oposto; têm auto-imagem positiva, buscando na vida realização na profissão, no amor e tudo o mais que leve a um equilíbrio pessoal.

Nesse processo os jovens têm o apoio dos pais, como "pessoas mais experientes, que os ajudam em vários aspectos da vida"; a influência do grupo de companheiros predomina em relação ao lazer e entretenimentos e, entre os rapazes, no relacionamento com o sexo oposto. As dificuldades que parte dos sujeitos aponta na interação com os pais prendem-se aos estilos educativos adotados na educação dos filhos (imprevisibili

dade, indiferença, crítica ou punição), havendo maior insatisfação entre as moças em relação ao pai.

Na experiência de namoro predominam os aspectos afetivos e de comunicação (intimidade física a nível da genitalidade é apontada apenas por 19,6% dos rapazes e 11,6% das moças). Ambos os sexos concordam que determinadas condutas afetam diferentemente o prestígio de rapazes e moças, elevando-o ou rebaixando-o. Sentimentos positivos são associados à sexualidade; sentimentos negativos, menos citados, indicam algum conflito nessa área.

Os companheiros estão em primeiro lugar entre as fontes atuais de informação sobre sexualidade, embora os jovens preferam pais, professores e livros; 73,2% dos rapazes afirmam ter tido relações sexuais, para 12,6% das moças. Em relação à reprodução humana, os sujeitos desconhecem mais os aspectos relativos ao sexo oposto, apresentando deficiência no conhecimento de questões de saúde associadas.

O trabalho sugere projetos nas áreas de Saúde, Educação em Saúde, Orientação Educacional, Aconselhamento Psicológico, Serviço Social, Promoção Humana e outras.

SUMMARY

This study investigates young people's perceptions concerning their relationships with parents, peer group, members of the opposite sex, sexuality and other related issues.

634 High School youngsters, aged 14 to 21 years, of three public schools of the city of S. Paulo, had a questionnaire, specially designed for the purposes of the research, submitted to them. Schools were selected considering areas of high and low economic affluence.

Results indicate that the psycho-social maturation process of the subjects follows the expectations of our culture: they value study, work, family, peer group company, dating; they maintain a positive self-image, looking forward to love, professional achievement and everything conducive to personal balance.

Adolescents look to their parents' support as "more experienced people, who help them with different life problems"; peer group influence prevails in entertainment and spare time; among boys, in relationships with the opposite sex. Difficulties in relationships with parents, felt by some subjects, were due to educational styles (unpredictable, critical, punitive or indiferent). Girls show more dissatisfaction with their fathers than boys.

Dating is emotionally satisfactory to both sexes; physical intimacy with sexual relations is mentioned by 19,6% of boys and 11,6% of girls as part of dating experience. Both sexes

agree that prestige of boys and girls is affected by a range of behaviours in different ways. Positive feelings are associated with sexuality; negative feelings, less often mentioned, indicate some degree of conflict in this area.

Peers are the most frequent source of sex information, although parents, teachers and books seem to have the preference of subjects. 73,2% of boys and 12,6 of girls refer to experience in sexual relations. The adolescents lack information on human reproduction, particularly on aspects related to the opposite sex, as well as on health issues in general.

The study suggests the development of projects in several areas: Health, Health Education, Educational Guidance, Psychological Counseling, Social Work and Human Promotion.

1. ANTECEDENTES

Em meados de 1980, a disciplina Educação em Saúde Pública, do Depto. de Prática de Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública, era chamada a colaborar com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo no desenvolvimento de projeto a cargo da Coordenadoria de Normas Pedagógicas, Divisão de Currículo e Serviço de Orientação Educacional.

O projeto, intitulado "Aspectos do crescimento e desenvolvimento humano", visava a implementar objetivos de ensino da área de Programas de Saúde, de forma a propiciar condições para que os alunos pudessem conhecer aspectos do crescimento e desenvolvimento relativos à sexualidade e desenvolver atitudes de responsabilidade em relação a si mesmos e em relação a outros.

Uma série de encontros com pais, professores, diretores de escola e especialistas resultou em um programa de treinamento de professores da área de Ciências e Programas de Saúde e no desenvolvimento dos respectivos conteúdos nos primeiro e segundo graus de seis estabelecimentos de ensino (SALOMÃO et al., 1983).

Estudo realizado anteriormente, em estabelecimento público de ensino, havia indicado "Educação Sexual" como assunto de interesse de estudantes de 10 a 17 anos de idade (CANDEIAS e MARCONDES, 1980). Outra pesquisa, abrangendo estudantes de 13 a 18 anos, investigara aspectos do relacionamento familiar, namoro e sexualida

de, propondo atuação conjugada com a família e a escola e uma visão do jovem enquanto indivíduo na sociedade (PUC/URPLAN , 1979).

PILON (1971, 1979) em trabalho com jovens que apresentavam dificuldades na área psicossocial, verificou carência de afeto e atenção inadequada no seio da família, falta de sensibilidade dos pais às necessidades de crescimento e desenvolvimento e emprego de modelos inadequados de comunicação e disciplina no tocante aos aspectos mais importantes da vida dos adolescen - tes.

O grupo de companheiros não apresentava características de sub - cultura; valores e padrões de conduta, aparentemente divergentes, constituíam resposta aos próprios conflitos e frustrações familiares, que alimentavam o repertório de condutas defensi - vas no grupo de adolescentes.

Os defeitos da família, agravados no grupo, comprometiam a expressão da sexualidade e o relacionamento com o sexo oposto. Nessa idade a personalidade é agudamente solicitada e fatores de ordem psicológica e social atualizam conflitos latentes de identidade ou modelos defeituosos de relacionamento homem-mulher, que o jovem procura reproduzir, na ausência de modelos adequados.

No final de 1980, a Organização Mundial da Saúde e a Faculdade de Saúde Pública da USP celebravam acordo para desenvolvimento de pesquisa na área da Vida Familiar e Educação Sexual, tendo como tema os estilos de vida do jovem na família, na escola e no grupo de pares e aspectos da expressão da sexualidade, cujos resultados poderiam servir como subsídios para os Programas de Saúde desenvolvidos nas escolas de 1º e 2º graus (ou para quaisquer outros programas na área da Educação, Saúde e Promoção Humana).

Com apoio na literatura e experiência profissional, selecionamos então como variáveis de importância para a realização da pesquisa, juntamente com outros aspectos de crescimento e desenvolvimento, interação com os pais, interação com os companheiros e interação com o sexo oposto. As variáveis de finiam três áreas de interesse típico na adolescência, cuja consideração conjunta ampliaria o enfoque de projetos que buscavam envolver jovens, pais, professores e pessoal das agências de Educação, Saúde e Promoção Humana em ações integradas.

Selecionadas as variáveis, era importante realizar estudo específico junto aos jovens, especialmente aqueles que, escolarizados, constituem a população-alvo dos Programas de Saúde nas escolas, implantados a partir da Lei nº 5692/71*.

Importava também conhecer se rapazes e moças se diferenciavam quanto ao elenco das variáveis em causa, a fim de melhorar o nível de compreensão relativo ao desenvolvimento de cada sexo, a partir de suas necessidades específicas.

Buscou-se, assim, produzir informações visando a propiciar maior participação dos próprios jovens nos programas a eles destinados, a partir do estudo integrado de percepções sobre a escola, a família, o grupo de pares e o relacionamento com o sexo oposto.

* A propósito, em São Paulo, MARCONDES et al. (1980) dedicaram atenção especial às necessidades psicossociais do adolescente escolarizado na obra Saúde na Escola (capítulos Em direção ao futuro e Vivendo juntos), visando a atender os objetivos da lei de diretrizes e base da educação nacional.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *Percepção e aquisição de significados; o papel dos grupos primários; interação com pais e companheiros; estilos educativos na família.*

As coisas e as percepções que temos das coisas não são necessariamente idênticas entre si. A experiência leva o marco da intencionalidade: não permanecemos passivos e inertes no mundo, mas nele investimos nossas próprias finalidades, significados e ações. Homem e mundo se desenvolvem em interação mútua; "ao transformar o que sabe sobre o mundo, o homem transforma o mundo que conhece e, transformando o mundo onde vive, transforma a si próprio". (CANTONI, 1967).

Como ensina HUSSERL (1969), o mundo não é acessível diretamente, mas depende da consciência, que integra e totaliza as percepções de acordo com modelos próprios. O homem reage para além das coisas - reage aos seus significados, às imagens e representações que faz delas, ordenando-as e inter-relacionando-as segundo modelos próprios à espécie humana. Fazendo parte de um sistema dinâmico de interdependências, o homem confronta-se com um mundo que deve interpretar para poder agir.

Mas existe uma perspectiva do observador e um aspecto observado intimamente relacionados na percepção dos fenômenos, estes entremostrando apenas o que o sujeito consegue, deseja ou se permite ver. O "espaço vital" condiciona a percepção dos eventos, influenciando nas interações e acontecimentos (LEWIN, 1935); os indivíduos reagem à parte do ambiente que lhes é acessível, ao "campo fenomenal" pelo qual se orientam, interpretam e constituem os aspectos do mundo (SNIGG e COMBS, 1949).

É possível responder e experimentar diretamente apenas os eventos dos ambientes "próximos", caracterizados como ambientes de percepção, experiência e estimulação funcional - são os ambientes de interpretação ou de significado, distintos dos ambientes "distais", mais afastados da experiência direta, sem significado funcional imediato e geralmente descritos em linguagem não-psicológica (ambientes físicos, geográficos, biológicos e institucionais). Nestes as variáveis influenciam e relacionam-se com o desenvolvimento e a ação "apenas possibilisticamente e de maneira incerta" (JESSOR e JESSOR, 1973).

Existe a necessidade de mediação entre os eventos dos ambientes distais e os indivíduos; essa mediação é feita pelos ambientes próximos, no seio dos grupos primários, caracterizados por COOLEY (1909) pela associação face a face e a cooperação. O indivíduo não vive diretamente na sociedade total, seu ambiente efetivo é o grupo primário, enfatiza BOTT (1976), o que significa que não existem relações de causa e efeito mas a intermediação de conceitos, representações e valores entre os eventos da sociedade global e as pessoas.

Entre as forças de ação propostas pelo meio social total os grupos primários selecionam as que correspondem a seus valores mais íntimos; os valores formam uma ponte entre a estrutura social e o comportamento (KOHN, 1963); a valorização exige uma tomada de posição frente aos objetos, envolvendo aprovação ou reprovação, não um alinhamento automático (STERN, 1960). O repertório da cultura, normas e valores são construídos a partir de interações concretas, que possibilitam a cada um dos membros do grupo compartilhar experiências, formar vínculos e estabelecer as primeiras matrizes de relacionamento humano, as raízes dos conceitos

de pessoa, semelhante (outra pessoa) e nós (várias pessoas significativas entre si).

Nos grupos primários, como a família e o grupo análogo (constituído pelos companheiros, colegas e amigos), os valores básicos são apreendidos e interiorizados nas consciências, impregnando maneiras de sentir, pensar e agir. Essa socialização de tipo primária prevalece sobre a socialização secundária, produto dos contactos ulteriores com os demais agentes de socialização (BERGER et al., 1973). Enquanto a família nuclear dá condições imprescindíveis à socialização da criança e à estabilidade da personalidade (PARSONS e BALES, 1955), o grupo análogo oferece oportunidade de cristalização da cultura, reforçando a identidade de seus membros pela construção recíproca do significado dos acontecimentos (DORN, 1981); dessa forma, complementa a ação da família, desenvolvendo diversos aspectos da personalidade (HARTUP, 1980; CAMPBELL, 1971).

O grupo análogo caracteriza-se pelas relações igualitárias, livres, espontâneas, por ambiente mais neutro para o exercício de atitudes, juízos e faculdades próprias, permitindo o ensaio das normas do mundo adulto ainda numa situação de jogo. Há busca e reconhecimento da opinião dos demais, indagações mútuas e demonstração de compreender as diferentes comunicações, aumentando a coordenação social (SMITH, 1960). Os indivíduos sentem e agem juntos, aprendem a conhecer-se, a sentir o próprio eu, a experimentar relações sociais, transformando-se em pessoas como as outras, ainda que diferentes entre si (HAVIGHURST, 1962).

Em relação ao adolescente, qualidades como inteligência, beleza, simpatia, honestidade são permanentemente avaliadas no gru

po de pares, sendo fonte de reconhecimento e prestígio (KAGAN, 1971). Segundo MERTON (1957), a prática de atos anti-sociais, em certas situações, pode ser explicada como forma de buscar o respeito do grupo quando falha esse reconhecimento.

A questão da subcultura adolescente, definida por COLEMAN ... (1961) em função de uma linguagem, símbolos e valores próprios aos jovens, caracterizada por GREEN (1972) pela irresponsabilidade, gosto pelos esportes e encontros com o sexo oposto e vista por MATZA (1961) como versão convencional da delinquência, vem sendo discutida por diferentes autores. Assim, a hipótese da subcultura jovem depende antes das condições globais da sociedade do que da faixa etária em si mesma.

BRONFENBRENNER (1973) verificou que, em países onde a família desempenha papel mais central e inclusivo, como na Alemanha Ocidental, ou em que os valores do grupo de pares reforçam os valores sociais, como na U.R.S.S., a chamada socialização divergente dos jovens é menor do que nos E.U.A. ou na Inglaterra. Nos E.U.A., BANDURA, citado por SEBALD & WHITE (1980), verificou em famílias comuns de classe média relações cooperativas e mutuamente satisfatórias entre pais e filhos, com normas e valores convergentes, confirmando o equilíbrio encontrado por BRONFENBRENNER (1976) em famílias organizadas e estáveis. OFFER et al. (1965) encontrou rapazes entre 14 e 16 anos de idade cujo relacionamento com os pais não era conflituoso, havendo aceitação e consciência dos valores dominantes na cultura.

A influência da família face à do grupo de pares não é necessariamente antagônica: dependendo do assunto, os jovens orientam-se mais na direção dos pais ou dos companheiros (BRITTAIN, 1963; HARTUP, 1980). Pesquisas de SEBALD & WHITE (1980) demonstram que

em relação a carreira, estudos e dinheiro, os adolescentes tendem a consultar os pais, enquanto que em relação a vestuário, namoro, passatempos e vida social os jovens buscam alinhar-se pela opinião dos companheiros.

BRITAIN (1963) e KANDEL (1972) referem maior influência dos pais a respeito de normas ligadas a "status", questões de identidade e tipo de companheiros, sendo os pais mais procurados em relação a escolaridade, aspirações futuras e assistência. A afirmação de COLEMAN (1961) de que será mais difícil para o adolescente enfrentar um rompimento com seus amigos do que a desaprovção dos pais deve ser considerada face a essas diferentes questões.

A família, como todos os sistemas vivos, deve permitir trocas regulares com o meio para sua sobrevivência e equilíbrio. As possibilidades de interação variam, segundo MINUCHIN (1974), ao longo de um contínuo. KOENIG (1950) refere a hiperorganização de papéis na família como obstáculo ao intercâmbio com o mundo exterior e ao desenvolvimento pessoal. De outro lado, quando os papéis se apagam, os limites com o meio tornam-se difusos e mudanças contínuas, caóticas e aleatórias rompem o núcleo familiar.

A família nuclear tem papéis definidos, é um complexo de inter-relações afetivo-emocionais, envolvendo interações múltiplas e diferenciadas entre os cônjuges, destes com os filhos e dos filhos entre si. Em famílias incompletas por ausência de um dos cônjuges, as necessidades afetivas e emocionais de seus membros não são preenchidas adequadamente e os eventuais problemas e desordens do pai ou da mãe atingem diretamente os filhos. Aqui parece útil a colocação de PARSONS e BALES (1955), que vêem o

papel do pai na família como basicamente "adaptativo-instrumental" e o da mãe como "integrador-expressivo", evidenciando a necessidade de ambos os cônjuges no contexto familiar (SAUCIER, 1982).

Falta de interação entre pais e filhos, deficiente relação emocional no seio da família, comportamento inadequado dos pais são fatores que levam à deteriorização do desenvolvimento social dos jovens (NYE, 1958; DEUTLER e MONROE, 1961; ROBINS e LEWIS, 1966; BARLTROP, 1975; MAQSUD, 1978). Quando o clima familiar é desfavorável, o adolescente tende a voltar-se mais para o grupo de pares (BOWERMAN e KINCH, 1959); "a fuga para o grupo" é explicada por NILSON - GIEBEL (1980) como uma reação ao círculo vicioso da repressão e rigidez dos pais e por FREEDMAN et alii (1956) como uma compensação para os casos de enfraquecimento ou desintegração dos laços familiares. Os estilos participativos no grupo refletiriam por sua vez sua coesão interna (STOGDILL, 1974).

Segurança emocional na família contribui para segurança emocional entre os pares; o relacionamento no grupo de pares reflete o tipo de relacionamento no seio da família (HARTUP, 1980). Ausência de tensão familiar e atitudes espontâneas de amor dos pais em relação aos filhos estiveram associadas à liderança, atitudes de auto-confiança, assertividade e habilidade efetiva na interação dos jovens em seu próprio grupo (HOFFMAN, 1961). São mais preferidas pelos companheiros crianças cujos pais evitam punições agressivas, desencorajam condutas anti-sociais e não são frustradores como regra, mas utilizam reforço positivo (WINDER e RAU, 1962). Crianças menos aceitas no grupo sentem-se menos satisfeitas com sua vida familiar, onde percebem um déficit de coesão (ELKINS, 1958; WARNATH, 1955). Mães seguras fazem com que seus filhos se adaptem

melhor ao grupo de pares do que mães ansiosas (WATERS, WIPPMAN e SROUFE, 1979). Há uma relação direta entre auto-estima e conhecimento de parte dos pais dos amigos dos filhos (ROSEMBERG, 1978). Como resume HARTUP (1980), "a segurança em um sistema social produz uma adaptação bem sucedida no outro". Se há um relacionamento familiar harmonioso, as associações estabelecidas entre os pares implementarão as normas e valores de convivência aprendidos no lar (SEBALD e WHITE, 1980).

Mediante o fornecimento de modelos de relacionamento, os filhos se relacionarão consigo mesmos, com os pais e com o mundo. Modelos precários refletem freqüente alteração do clima afetivo e do padrão de comunicação entre pais e filhos; as mensagens serão contraditórias, criando situações de "duplo vínculo", dificultando o ser e o fazer (ACKERMAN, 1958; BROWN et al., 1978; SATIR, 1967; LANGNER et al., 1977; BATESON et al., 1980). O distanciamento de papel (desempenho da função de pai ou mãe sem convicção interior) é outro fator destacado por GOFFMAN (1963).

GOODY (1974) associa famílias incompletas a distúrbios específicos no desenvolvimento psico-social da criança, especialmente nos casos de separação prolongada ou definitiva de qualquer dos pais; PRINGLE (1974) considera a situação de desajustamento dos filhos inerente ao processo de separação dos pais, afirmando que crianças de pais separados têm maior probabilidade de interromper ou prejudicar seu desenvolvimento; RIJKSEN (1955) relaciona comportamento anti-social à não satisfação de necessidades emocionais dos filhos e não à sua negligência material.

As condições sócioeconômicas e de emprego do pai não explicam a variação no relacionamento entre pais e filhos (HOWELL e MA

BROOM, 1982; WEISNER e WEIBEL, 1981), ... Valores, escolhas culturais e estilos de vida predizem melhor o ambiente familiar do que as condições materiais. Já em 1934 FRANCIS, citado por SANTOS (1968), assinalava que pobreza, aglomeração, condições da vizinhança e espaço para recreação tinham menor relação com a personalidade da criança do que fatores como o comprometimento com os cuidados do lar, o conhecimento dos companheiros dos filhos, o interesse pelo progresso na escola, a permissão de visitas entre os colegas, a liberdade de recreação, o uso do dinheiro nos gastos pessoais, a atenção à religião e à saúde e a frequência a entretenimentos. HINDE (1980) assinala ser difícil especificar a forma básica pela qual a classe social afeta a interação entre pais e filhos.

BRONFENBRENNER (1976) alude a circunstâncias e estilos de vida que minam as relações de confiança e segurança emocional no seio da família, tornando difícil aos pais cuidar, educar e ter prazer com os filhos, como nas situações em que a vida familiar pode significar frustrações pessoais, de carreira, realização individual ou falta de reconhecimento ou apoio da sociedade aos papéis de pai ou de mãe. CATALANO (1979) significativamente afirma que o pai deixa de ser um modelo de adulto efetivo para o filho se não desempenhar os papéis de socialização, formação cultural e emancipação - que RUYTER (1973) associa à condição de pai - restringindo-se a funções extra-familiares e delegando à mãe ou à escola o papel que lhe caberia. A ausência do pai ou substituto pode gerar ou agravar problemas de identidade: é através do pai - como terceira pessoa - que a criança realmente passará a se distinguir da mãe (NUNES, 1980).

A criação de vínculo de reciprocidade entre pais e filhos, que se expressa, de parte dos pais, no reconhecimento das necessidades dos jovens, em atitudes de acolhimento e, de

parte dos filhos, na resposta e valorização das posturas educativas, permitirá a resolução dos problemas de comunicação, identidade, aceitação e auto-estima (HIRSCHI, 1969).

Entre os estilos educativos usados pelos pais BAUMERIND (1971) destaca o "autorizador" (authoritative) como o mais adequado para gerar auto-confiança, auto-controle e curiosidade face ao mundo. Distingue-se pela abordagem racional-afetiva, sensível aos sentimentos e pontos-de-vista dos filhos, mas ressaltando sua responsabilidade pelas situações; a base de controle é dada pela situação em si, por exigências objetivas, explicadas à criança de forma racional e mantidas sob controle, mas sem ameaças de punição ou perda de amor. Contrapõe-se aos estilos "autoritário", "permissivo" e "harmonioso". MINUCHIN (1977) destaca percepção adequada e aceitação da autoridade paterna como fatores relevantes, o que exclui a fantasia da relação paritária ou simétrica.

HARTUP (1980) salienta que tratamento inconsistente, aliado à frustração, rejeição e punição severa por parte dos pais, podem gerar atitudes de retraimento, passividade e dependência; HETHERINGTON et al. (1971) acrescentam super-proteção, controle excessivo e dominação como fatores associados; LANGNER et al. (1977) relacionam pais punidores, mãe excitável e rejeitadora, frieza dos pais, doenças físicas ou emocionais da mãe à gênese de distúrbios da personalidade; BROWN et al. (1978) apontam como fatores que predis põem à esquizofrenia comentários críticos, hostilidade, frieza e super-envolvimento emocional no seio da família; HEIMLICH (1981) verifica que pais críticos são frequentemente causa de nível excessivo de aspiração e de correspondente baixa auto-estima.

Segundo JACKSON (1980) as relações familiares podem ser satisfatórias (estáveis ou instáveis) ou insatisfatórias (estáveis ou instáveis). Serão satisfatórias ou insatisfatórias em decorrência do acordo ou desacordo existente sobre quem controla o quê na relação. Em relações insatisfatórias estáveis o desacordo conduz à inflexibilidade e compulsividade; na relação insatisfatória instável o desacordo gera discussão permanente de pormenores irrelevantes e escamoteação de responsabilidades.

De acordo com TOWLE (1955), quando as responsabilidades pela família são compartilhadas por ambos os conjuges, há condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos filhos; se o pai detém a maior responsabilidade, não apenas mantendo a família, mas assumindo papel preponderante quanto à disciplina dos filhos, tipo de lazer familiar, planos educacionais e práticas religiosas, a criança mostra-se mais insegura em seus valores (independentemente de quão harmoniosa possa ser a atmosfera do lar); se é a mãe que assume o maior grau de responsabilidade, a criança pode experimentar sentimentos de privação, insegurança e inadequação no relacionamento com o pai; quando nenhum dos cônjuges assume papel responsável, a situação piora: há grande insegurança da criança no relacionamento com os pais e um incremento máximo da rivalidade e hostilidade com os irmãos, que competem por fragmentos de cuidados.

BRONFENBRENNER (1973) observa que, em famílias onde a mulher tem o poder de decisão, as crianças tendem a ser sem iniciativa e o relacionamento próximo entre mãe e filho maximiza a dependência e impede a prontidão para a socialização segundo os padrões adultos. É importante salientar que no processo de desenvolvimento a criança busca sua identidade pessoal a partir do progenitor do mesmo sexo. KAGAN (1971) distingue nessa busca: a. uma crença da criança de compartilhar determinados atributos físicos ou psíquais

cos do pai ou da mãe; b. uma experiência vicária de estados emocionais do progenitor modelo; c. um desejo ativo de adquirir os atributos percebidos como importantes e atraentes, e d. a adoção e prática das atitudes e comportamentos do modelo (cujo efeito reforça o processo de identificação).

O processo é positivo na medida em que os pais são fontes importantes de acolhimento, recompensa e satisfação para os filhos, permitindo a identificação como objetos de admiração e afeto. Um clima afetivo adequado nas relações entre pais e filhos é essencial para a definição psicológica da masculinidade e feminilidade, o que leva HERTZ (1977) a dizer que um lar estável é mais importante para a sexualidade do que qualquer educação sexual.

Entre os fatores que interferem no clima familiar CARNEIRO (1981) distingue comunicação, regras, papéis, liderança, conflitos, manifestação de agressividade, afeição, interação conjugal, individualização, integração, auto-estima e interação familiar global. VAN DER VEEN (1978) enumera consideração versus conflito; realização familiar versus inadequação; comunicação aberta; sociabilidade comunitária; ambição familiar; locus de controle interno versus externo; proximidade versus afastamento; integração familiar e mecanismos adaptativos. Cabe à família a satisfação das necessidades afetivas, a oferta de objetos de identificação válidos, valorizados e acessíveis, a aprendizagem do relacionamento interpessoal e o preparo da criança para a autonomia. HURLOCK (1955) destaca entre os fatores favoráveis ao clima da família: entendimento mútuo, empatia, comunicação, experiências compartilhadas, lazer conjunto, respeito pela opinião dos filhos, compreensão dos problemas dos jovens, posturas sobre valores, convivência, controle, divisão de papéis, direitos, deveres e autonomia.

Através da vida um conjunto de crenças sobre nós mesmos e nossas circunstâncias formam elos carregados de afeto entre nós e o mundo; mediante os vínculos estabelecidos nos grupos primários são compartilhados sentimentos e crenças, reforçada a auto-estima de cada um e promovida a integração sócio-cultural. A formação e preservação da família, o intercâmbio amoroso, a expressão da agressividade e da sexualidade, a obtenção de reconhecimento e a pertinência a uma ordem moral dependem do compartilhamento simbólico dos sentimentos e crenças dominantes nos grupos primários (FIGUEIREDO, 1983).

BINSWANGER, citado por AVAN DEN BERG (1955), considera fatores disposicionais, isto é, condições específicas de vida humana e o mundo íntimo de cada um (auto-imagem, sistemas conceituais, construção da identidade própria) e fatores situacionais, representados pelo meio físico, social e cultural e pelo que o indivíduo compartilha (linguagem, normas, valores, significados, interações e percepção do próximo). Temos, então, universo, indivíduo, meio e rede de relações, permanente intercâmbio entre fatos objetivos e processos subjetivos, onde o contexto das leis naturais é substituído por um contexto de significados.

Em tese, HILL e HANSEN (1960) vêem a possibilidade de estudar a família sob cinco aspectos: o correlacional, ou de sistema interatuante, onde se estuda a situação relativa, a tomada de decisões e a reação às tensões; o de estrutura e função, onde se destacam as funções sociais; o situacional, onde se considera que a família estabelece o contexto do comportamento, nos rituais, na criação dos filhos; o institucional, onde passa a ser considerada como parte de um sistema mais amplo, de coletividades e culturas; o evolutivo, em que se destacam conflitos inerentes a cada etapa de seu desenvolvimento.

2.2 A adolescência e suas tarefas; interação com o sexo oposto e expressão da sexualidade; aspectos psicológicos, sociais, educativos e de saúde.

Como etapa de transição, a adolescência representa fase importante para a integração psicossocial, em que o jovem complementa e gradualmente substitui a interação no seio da família pela interação com outros grupos da sociedade em geral.

O processo é mediado pelo grupo de companheiros, que funciona como ponte para os contatos ulteriores, inclusive com o sexo oposto, facilitando ao jovem o aprendizado das responsabilidades da fase adulta.

As percepções que o jovem tem nessa fase são cruciais para sua orientação e desenvolvimento biopsicossocial, contribuindo (favoravelmente ou não) para a obtenção de níveis mais elevados de saúde e bem-estar físico, mental e social.

A idade cronológica é de pouca valia na definição da adolescência, em razão das diferenças individuais no desenvolvimento biológico e das características de cada cultura. A puberdade, como indicador biológico, deve ser complementada pelos indicadores psicossociais que constituem a resposta individual e social à sua eclosão. O término da adolescência também não tem idade específica, não produz efeitos biológicos e pode ocorrer até bem tarde no que chamamos de idade adulta (HOLZMAN et al., 1974).

As diferenças entre os sexos, observadas ao longo do crescimento e desenvolvimento, influem nas maneiras de sentir, pensar e agir no tocante a coisas, pessoas e situações. Desde os primeiros anos, meninos e meninas se diferenciam por suas ações, interesses e sentimentos, mercê de um processo de aprendizagem, em que os pais e outras pessoas atuam como reforçadores do que é esperado em termos de masculinidade e feminilidade (PAPALIA, et al., 1978).

Estudos citados por esses autores mostram maior benevolência e permissividade dos pais em relação aos filhos do sexo oposto ao seu; o pai, contudo, geralmente discrimina muito mais do que a mãe quando trata com filhos ou filhas, enquanto a mãe tende a tratá-los de forma mais uniforme, independentemente do sexo.

As atitudes e estímulos dos pais, especialmente da mãe, em relação à liberdade e à independência contribuem para a independência de campo, permitindo aos filhos perceber os fatos ambientais com maior clareza, objetividade e flexibilidade, possibilitando mais competência, segurança e autonomia na ação. A conformidade ao campo, ligeiramente maior entre as meninas do que entre os meninos, aumenta sensivelmente para aquelas dos 17 aos 20 anos de idade (VERNON, 1974).

Se a percepção está associada à personalidade, deve-se esperar modos coerentes de perceber pessoas, coisas e situações e que diferenças individuais apareçam regularmente em certo número de observações. As diferenças entre os sexos são em grande parte resultado de fatores culturais e de experiência (ANASTASI, 1965).

Para OFFER e OFFER (1978) a adolescência deve ser entendida como estágio distinto do desenvolvimento humano, com suas próprias tarefas, soluções e problemas específicos; como coloca ERIKSON (1972), é um momento crucial, quando o indivíduo "tem que optar por uma ou outra direção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação". O desenvolvimento psicológico do adolescente caracteriza-se por três processos dinâmicos: o desenvolvimento da capacidade de pensamento abstrato e conceitual (PIAGET e INHELDER, 1936), a busca da própria personalidade e a maturação progressiva biopsicossocial da sexualidade.

O adolescente entra em contato com um universo conceitual que transcende o espaço-tempo, estabelecendo relações entre passado, presente e futuro, procurando a essência além da aparência, visando a compatibilizar seu mundo interno, em processo de intensa transformação, com o mundo externo. SPRANGER (1924) fala das vivências intensas, do estado de angustioso isolamento, reações afetivas contraditórias, anseio de auto-conhecimento e compreensão pelos outros, que caracteriza a "grande solidão" vivenciada pelo adolescente. Em meio a essa situação de transformação e instabilidade, o adolescente deverá encontrar saídas para alguns problemas fundamentais.

Ao lado da necessidade de conservação e afirmação de si, a necessidade de expansão e abertura para o outro adquire na adolescência o caráter de engajamento e participação, na busca de superação do conflito entre intimidade e isolamento (ERIKSON, 1963). Há acentuada tendência de filiação grupal, necessidade de exercitar a fantasia; surgem atitudes sociais reivindicatórias guiadas por uma tendência para a ação (KNOBEL, 1972). A busca de identidade, a partir de objetos parentais internalizados na primeira infância, adquire características especiais no relacionamento com os pares; em novas experiências compartilhadas, identidades são redescobertas e alte

radas (MATTESON, 1975), uma parte do "self" move-se em direção do outro e, em consequência, o jovem já não é mais totalmente o que era antes (RATHBONE e RATHBONE, 1971).

Durante esse período emergem capacidades para maior intimidade atual ou potencial (REISMAN e SHORR, 1978), aumenta a empatia para com os sentimentos e desejos dos outros (BIGELOW, 1977; FISCHER, 1981), compartilham-se confidências (SULLIVAN, 1953), há possibilidade de auto-revelação (RIVENBARK, 1966) e maior complexidade para categorias cognitivas (DUCK, 1975). A capacidade do adolescente para o pensamento abstrato justifica o aumento da preocupação com os significados e valores básicos da existência humana (EISEMBERG, 1969). Esses valores e significados estão vinculados ao universo imediato de vivência dos jovens, implicando na direção e sentido que escolhem para sua existência, na adoção de uma hierarquia de valores, na elaboração de seu "plano de vida", como diz SPRANGER (1924).

Mediante as soluções que o adolescente encontra para a crise atravessada poderá atingir maior e mais estável nível de maturidade, estado em que o ser humano se responsabiliza completamente por si mesmo (SATIR, 1967). De acordo com PIAGET (1955), o equilíbrio é atingido quando o adolescente: a. percebe o mundo social como unidade orgânica, com leis próprias; b. cultiva o sentido de moral solidária, não egocêntrica; c. passa a depender do intercâmbio social de idéias para desenvolver sua personalidade e não mais da imitação; d. substitui a mera submissão à autoridade adulta por um sentido de equidade. CARVER (1978) vê na maturidade cinco aspectos: o intelectual, capacidade de aprendizagem e adaptação ao meio; o emocional, habilidade para desenvolver relacionamentos; o social, emancipação (cuidar de si mesmo e po

der viver de forma independente, contribuindo com seu trabalho, lazer e disposição amistosa para o desenvolvimento social); o moral, tomada de consciência, e o físico, culminação do crescimento e desenvolvimento.

HAVIGHURST e TABA (1949) especificam como tarefas do adolescente: conseguir estabelecer relacionamentos novos e mais maduros com companheiros de ambos os sexos; desempenhar papéis sociais masculinos ou femininos; aceitar o próprio físico e usar o corpo efetivamente; adquirir independência emocional dos pais e outros adultos; preparar-se para o casamento, para a vida familiar e para a carreira econômica; adquirir um sistema ético e de valores que permita embasar seu comportamento, desenvolvimento e ideologia de vida, com a aquisição de comportamento social responsável. MITCHELL (1980) destaca ainda tarefas de trabalho, pensar em se preparar para uma profissão; de companhia, conseguir um papel social satisfatório para si e para o grupo de pares; de direção da sexualidade, estabelecer identidade sexual estável e orientar seu impulso sexual; de manipulação da agressividade, lidar adequadamente com o aumento dos impulsos agressivos e, finalmente, da superação do conflito interdependência-dependência.

Nesse processo, é importante para os educadores levar em conta o que BIESTER (1957) considera como exigências básicas das relações humanas: individualização, expectativa de ser tratado como indivíduo e não como tipo, categoria ou caso; expressão intencional de sentimentos, expectativa de poder expressar os próprios sentimentos, quer positivos (amor, confiança, entusiasmo), quer negativos (insegurança, medo, revolta contra a injustiça); envolvimento emocional controlado, expectativa de encontrar compreensão empática e resposta aos sentimentos expressados; aceitação, expecta-

tiva de ser aceito como pessoa, com valor absoluto e dignidade intacta; atitude não judicante, expectativa de não ser julgado nem condenado por causa das próprias deficiências, mas sim estimulado a superá-las; auto-determinação, expectativa de ser tratado como pessoa livre, com direito de escolha e opção e, mesmo quando precisar de auxílio ou conselho, de ser livre na decisão e, finalmente, confidencialidade, expectativa de serem guardadas em segredo as informações confidenciais sobre si mesmo.

SATIR (1967) considera ter o indivíduo atingido a maturidade quando "se manifesta com clareza aos outros, mantêm-se em contato com sinais do seu eu interno e percebe mais abertamente o que pensa e sente; é capaz de ver e ouvir o que está fora dele, como diferente dele e, igualmente, de qualquer outra coisa; trata a presença de diferenças mais como uma oportunidade de aprender e explorar do que como uma ameaça ou sinal de conflito; comporta-se em relação ao outro como alguém separado dele e único; lida com as pessoas e situações no seu contexto mais em termos de "como elas são" do que em termos de "como gostaria ou esperaria que fossem"; aceita responsabilidade pelas coisas que sente, pensa, ouve e vê, mais do que as nega ou as atribui a outros; possui técnicas para transacionar abertamente o significado do dado e do recebido entre ele e os outros".

SAUL (1971), por sua vez, afirma que a maturidade ocorre quando o indivíduo passa da dependência à independência; da carência à suficiência plena; da irresponsabilidade à responsabilidade; do egoísmo ao altruísmo; da inferioridade à igualdade; da competição à cooperação; da impulsividade ao equilíbrio, de repositório de amor a doador de amor; da hostilidade à consideração; da fantasia à realidade; do receber para o dar; dos esquemas habituais para os alternativos de ação (adaptação e flexibilidade).

Maturidade, equilíbrio, disciplina são produtos de ordem interior (auto-disciplina), de normas e valores racionais e pertinentes, de uma síntese criadora entre o ser e o fazer, envolvendo relação positiva entre autoridade e liberdade, união da capacidade de realizar, escolher e chegar a ser com as forças e influências externas (NASH, cit. por MARCONDES, et al., 1980).

Durante a adolescência o relacionamento com o sexo oposto deve ser comparado, em níveis de intimidade e amizade, com os relacionamentos com o mesmo sexo (FISCHER, 1981). As interações com pares do mesmo sexo assumirão papel importante no desenvolvimento da capacidade de exploração do mundo heterossexual e contribuirão para aumentar a auto-estima, desenvolver maior altruísmo (SULLIVAN, 1953; MANNARINO, 1976; FISCHER, 1981) e assumir responsabilidade por atos e sentimentos (SORRELO e FORD, 1969).

LLEWELLYN-JONES (1980) afirma ser de crucial importância que os pais demonstrem, na infância e na adolescência, atitude saudável em relação à sexualidade humana, mediante palavras e comportamentos. Não só na maneira de tratar os filhos, mas, principalmente, servindo como modelo de relação homem-mulher funcional e gratificante: conflitos entre o casal geram mensagens contraditórias sobre o que os filhos deverão ser e fazer, afirma SATIR (1967).

O "ser-em-relação-com-o-outro", "o-pai-em-relação-com-a-mãe", a "mãe-em-relação-com-o-pai" indicam aos filhos modelos de relacionamento entre homens e mulheres e constituem parâmetros para estabelecer contatos com o sexo oposto. HARLOW (1974) cita cinco tipos básicos de afeto envolvidos na expressão sexual: amor da mãe pelo filho, do filho pela mãe, do filho pelos companheiros, amor pelo sexo oposto e amor paterno. A satisfação adequada no núcleo familiar, desses tipos básicos, é essencial para que os demais também prosperem, incluindo a dimensão de intimidade.

O namoro é o processo pelo qual os jovens costumam vivenciar o relacionamento afetivo com o sexo oposto, em que põem à prova a aceitação recíproca, maneiras de pensar, sentir e agir e procuram construir um vínculo que perdure no tempo, embora su jeito, no início, às próprias incertezas e características da fase de crescimento e maturação.

MENNINGER (1963), ERIKSON (1972) e KATCHADOURIAN (1980) salientam que um relacionamento íntimo envolve partilhar vida interior e a definição prévia da própria identidade pessoal. A intimidade prematura entre os sexos redonda em problemas para o jovem (SHEN, 1982): pode significar uma forma de substituição de necessidades emocionais básicas insatisfeitas, uma fuga a situações traumatizantes e conflituosas na família ou a tentativa de provar a masculinidade ou feminilidade.

MATTESON (1975) lembra a influência mútua entre identidade e intimidade: numa experiência realmente compartilhada, ambas as pessoas crescem, redescobrando suas identidades e as alterando. Para ERIKSON (1963) a não resolução do estágio intimidade-isolamento produz relações interpessoais superficiais. O adolescente vive num mundo de relações e vínculos que precisa reconhecer, consolidar e construir ao longo de seu desenvolvimento.

Nesse contexto, a sexualidade ocorre como uma profunda necessidade humana, uma das principais ocorrências nas trocas interpessoais, um meio para que as pessoas se relacionem mais íntima e significativamente entre si (WALDEN, 1976; KATCHADOURIAN, 1980). Os jovens, como membros de uma família e também como adultos e pais futuros, preocupam-se seriamente com a sexualidade (SUTHERLAND, 1979); como parte do processo de busca de identidade (KATCHADOURIAN, 1980), é um recurso pessoal de comparação com os adultos e o meio que encontram para introduzir uma

comunicação significativa (SORENSEN, 1973). OFFER e SIMON (1973) revelam que as razões relatadas pelos adolescentes para a sua primeira relação sexual são amor, curiosidade, desejo sexual, pressão do companheiro, acaso, "aconteceu". Para os autores, os sentimentos advindos dessa primeira experiência poderão ser de culpa, ansiedade, desgosto, vergonha, confusão, felicidade, amor, satisfação, orgulho, satisfação física e sentimento de maturidade.

SORENSEN (1973) afirma que o uso do sexo pelo adolescente pode significar prazer físico, novas experiências, prova de maturidade, aprovação dos pares, desafio aos pais e à sociedade e ainda visar a prêmio ou punição, fuga da solidão e outras pressões. Nesse sentido HALLECK (1971) diz que o sexo, enquanto ato interpessoal, é veículo de expressão de qualquer tipo de necessidade emocional que o ser humano pode experimentar, podendo satisfazer necessidades agressivas, de dependência e de "status"; sentimentos de culpa podem ~~ser~~ associados ao uso egoísta ou agressivo do sexo.

É arriscado e irresponsável entrar num tipo de relação íntima que aparentemente nada exige e em que nada se pretende empenhar. Os participantes têm sido traumatizados pelas experiências, alguns são explorados e mesmo os aparentemente melhor sucedidos deixam de aprender que muito mais está envolvido além da popularidade entre os sexos. LEWIS (1966) propõe medir a autenticidade de um relacionamento pela duração no tempo, qualidade da comunicação, acordo sobre questões básicas, extensão da confiança mútua e grau de engajamento em relação ao matrimônio; a fidelidade deve existir a

partir do encontro de uma relação estável e pessoal. O jovem deve perceber que, nas relações que envolvem expressão sexual, ele tem as mesmas obrigações para com os outros, como em qualquer outra área da vida (BÖETHIUS, 1976).

KNOBEL (1972) vê nas relações genitais mantidas apenas para "viver a experiência" expressões patológicas que denotam e alimentam uma atitude negativa frente à vida; a sexualidade insatisfeita - sem seu conteúdo humano de amor - e a sexualidade negada ou utilizada como descarga tensional simples são fontes de alterações da conduta e produtoras de um clima degradado de convivência.

HALLECK (1971) observa que a promiscuidade de moças delinquentes é apenas sintoma de perturbação emocional, determinada por necessidades neuróticas primitivas; não conduz ao desenvolvimento dos traços de personalidade característicos de indivíduos saudáveis: em estudo nos E.U.A. com estudantes universitárias notou elevada correlação entre atividade sexual permissiva e doença mental.

HETTLINGER (1970) define maturidade sexual como capacidade de poder desfrutar prazer da relação sexual sob certas circunstâncias, como expressão do amor ao outro; exclui poder ou domínio sobre ele e diminuição da própria identidade e valor como ser sexuado. LLEWELLYN-JONES (1980) lembra que, apesar das dificuldades inerentes a uma sociedade que enfatiza a instantânea gratificação dos desejos, o jovem deve adquirir responsabilidade por sua conduta sexual. Níveis elevados de aspiração educacional e profissional e alto fator

de desempenho pessoal contribuem para o adolescente adiar a realização direta da sexualidade, evitando envolvimento sexual precoce (ALEXANDER, et al., 1981).

O jovem deve tornar-se capaz de integrar a sexualidade à sua personalidade e às esferas da vida social (SIMON e GAGNON, 1971), sem "coisificar", reconhecendo o profundo valor das relações humanas na área sexual. Segundo BÖETHIUS (1976), isso é mais facilmente percebido pelas mulheres. A não integração da sexualidade à totalidade do ser pode levar a situações onde o sexo permanece desvinculado da relação humana, como na pornografia e estupro.

As práticas, mores e informações sexuais são usualmente transmitidas na juventude pelos companheiros da mesma faixa etária (BERELSON e STEINER, 1964; KINSEY et al., 1948). Nos E.U.A. os adolescentes indicam o próprio grupo de companheiros como principal fonte de informação sobre sexo, literatura em segundo lugar e mães em terceiro; as atitudes e informações transmitidas por ambos os pais, quer expressa, quer tacitamente, diferem em relação aos filhos e às filhas (DARLING, 1982). GAGNON et al. (1973) assinalam que, no processo de desenvolvimento, o valor sócio-cultural da sexualidade é a meta de chegada para os rapazes, enquanto para as moças é ponto de partida.

HASS (1979) revela que a atividade sexual não é, em si mesma, prioridade para adolescentes norte-americanos: interação com companheiros de ambos os sexos e desempenho escolar foram focos de maior interesse; 41% dos rapazes e 68 %

das moças sentiam necessidade de envolvimento romântico como pré-requisito para a expressão física da sexualidade.

SCHMIDENBERG (1951) identifica vínculos familiares fortes, i dealização do amor é do casamento, religião, supervisão dos adultos e capacidade de sublimação entre fatores não condcentes à precocidade nas relações heterossexuais (pesquisa com jovens negros norte-americanos). A associação entre o clima afetivo da família de origem e o estilo posterior adotado em relação à expressão do amor e da sexualidade vem sendo afirmada em diferentes estudos (PRESCOTT, 1976; WALLACE, 1981).

A precocidade das relações sexuais, nos estudos de ZELNIK et al. (1972), SORENSEN (1973), JESSOR et al. (1975) e CHILMAN (1980), esteve positivamente associada à precariedade da comunicação entre pais e filhos; isolamento social e sexualidade precoce são também positivamente associados por SUNDSTROM-FEIGENBERG (1976). LEWIS (1973) verificou que quando os pais eram a principal fonte de educação sexual, mais tardio foi o início das relações sexuais na adolescência.

PROSEN et al. (1981) comparam a crise da adolescência com a crise da idade madura dos pais, coincidentes no tempo e tendo a um agravamento mútuo. Estes sentem a proximidade da idade adulta para os filhos e os esforços destes em emancipar-se da família como evidência de que praticamente viveram o seu tempo, sem ter realizado todas as suas aspirações (cujas concretização muitas vezes esperam dos filhos). Por outro lado, a afirmação da sexualidade do adolescente, nessa época, coincide com a ameaça do seu declínio no adulto de meia ida-

de, que revive antigos conflitos, tornando-se, ele também, "adolescente".

GILES (1979) fala de uma relação de osmose entre a existência e a sexualidade, que impregna todo ser cognoscente e atua ao longo da vida: a motivação sexual e as demais motivações confundem-se na gênese dos atos e decisões; existe uma solidariedade entre todas as funções humanas, envolvendo os aspectos cognitivo, afetivo e comportamental. MARTINO (1981) assinala que o jovem elabora seus comportamentos a partir do que percebe e decodifica do mundo, de sua vivência com os outros, de seus sentimentos, opiniões e percepções. RATHBONE (1971) engloba no conceito de experiência todos os impulsos, interesses, talentos, esperanças, temores e pensamentos que nela adquirem uma totalidade significativa.

SHEN (1982) reconhece que a sexualidade, além de representar uma força biológica natural, expressa aspecto único e básico da personalidade total e também explicita o tipo de relacionamento mantido com os demais. Em outros termos, a qualidade do vínculo mantido com o outro sexo definirá o tipo de comportamento sexual adotado. Isso implica na subordinação da educação sexual à educação global, relacionando expressão da sexualidade com desenvolvimento pessoal e adequada maturidade psicológica. A expressão da sexualidade depende das condições psicossociais dos indivíduos, envolvendo atitudes e expectativas em muitas áreas de convivência; qualquer relacionamento deve ser pensado em termos da situação total na qual ele ocorre (LAYCOCK, 1974). Os problemas sexuais refletem problemas da relação total e constituem um aspecto desta

(SÖRLIN, 1976); a satisfação de necessidades instintivas, ir restritamente, como objetivo de vida, não garante felici- dade, saúde, bem-estar e indica problemática neurótica (HETTLIN GER, 1970).

Nos últimos 25 anos a "revolução sexual" trouxe sérias con- seqüências no campo da saúde física, mental e social, contri- buindo para o aumento da incidência das doenças de transmis- são sexual, cujo controle epidemiológico é dos mais difíceis na prática da Saúde Pública (CATTERAL, 1981). Devido à ati- vidade sexual mais intensa e precoce nos países industrializ- zados, a incidência entre adolescentes de doenças sexualmen- te transmitidas dobrou em relação a indivíduos da faixa etá- ria de 20 a 29 anos: no período de 1966 a 1977, para a popu- lação menor de 17 anos, a incidência duplicou entre o sexo masculino e triplicou entre o sexo feminino (OMS, 1981).

A promiscuidade sexual aumenta o número de gestações não de- sejadas, especialmente entre adolescentes: MAXCY (1980) as- socia à promiscuidade doença venérea, câncer cervical, gravi- dez precoce, prematuridade, baixo peso ao nascer e elevada mortalidade no primeiro ano de vida. Na faixa etária dos 11 aos 17 anos tanto a gravidez como o aborto apresentam taxas elevadas em vários países (SILVA, 1980).

Dados de 1975 indicam em 19 países do continente americano complicações da gravidez, do parto e puerpério entre as pri- meiras causas de morte na população feminina de 15 a 19 anos. Em relação à população total prevalecem nessa faixa etária acidentes, homicídios e suicídios entre as primeiras causas de morte - e não mais tuberculose e pneumonia (OPAS, 1979).

Em nosso país meio milhão ou 11,35% das gestantes ou parturientes têm de 15 a 19 anos de idade (BRASIL, IBGE, 1983).

No Brasil, gestações de alto risco, capazes de levar o conceito à morte ou à incapacidade física ou mental, são devidas, segundo MARTINO (1974), à gravidez na adolescência, à farmacodependência, à ausência do cônjuge, à carência total ou deficiência de cuidados pré-natais, à idade inferior a 18 anos e às tensões emocionais graves. CANDEIAS (1979) encontrou entre puérperas de menos de 20 anos de idade, em Serviço de Obstetrícia de unidade hospitalar de São Paulo, 20% com médio risco e 80% com alto risco gravídico (proporção essa que só se repetia para mulheres de 40 anos e mais): 48,2% do total tiveram sua primeira gravidez antes dos 19 anos (15,7% com 16 anos ou menos). É grande o risco reprodutivo deste grupo, em que a mortalidade perinatal alcança seu auge, especialmente entre as jovens abaixo dos 16 anos.

Nos E.U.A. o aborto é mais freqüente em adolescentes do que em mulheres com mais idade, excetuando as de 40 anos ou mais (CATES, 1980). Um quarto das adolescentes jamais adota medidas anticoncepcionais e 37% afirmam não as ter adotado em sua última relação sexual (FEINSILBER, 1980). Cada ano, um milhão de moças entre 15 e 19 anos ficam grávidas: 2/3 são solteiras e 1/4 abortam voluntariamente; entre os casamentos antes dos 20 anos as separações são duas a três vezes mais freqüentes do que após essa idade; do total de abortos, 1/3 ocorre em adolescentes (SHEN, 1982). Estudos citados por VINCENT (1981) referem que, em 1976, 42% das jovens norte-americanas, entre 15 e 19 anos, eram sexualmente ativas, metade engravidando nos primeiros seis meses de vida sexual.

KANTNER et al. (1972) observam que, entre 4.000 moças, 14% já tinham tido relações sexuais aos 15 anos de idade e 46% aos 19 anos; abaixo do limiar de pobreza a proporção atingia 32% aos 15 anos e 81% aos 19 anos. Atualmente a idade da primeira relação sexual tende a aproximar-se para ambos os sexos, de acordo com os estudos de CHILMAN (1980). Nos E.U.A. 7 entre 10 mulheres iniciam sua vida sexual antes de completarem 20 anos de idade; do total dos partos, um milhão e cem mil são de adolescentes, com grande risco dos nascituros apresentarem deficiências em seu desenvolvimento (ALAN GUTTMACHER INSTITUTE, 1981).

Em países europeus, LEWIN (1982) verificou, na Suécia, que entre 14 e 18 anos de idade, mais moças do que rapazes haviam tido relações sexuais (47% para 31%, respectivamente), a média etária de iniciação correspondendo a 14,3 e 15,0 anos. Na França, PLAT et al. (1983) observam que a idade da primeira relação sexual é de 14,8 anos para os rapazes e 15,7 para as moças; 52% dos rapazes e 37% das moças entre 15 e 18 anos já têm experiência sexual. Na Austria, HUSSLEIN et al. (1982) apontam a proporção de 41% de moças para 36% de rapazes (faixa entre 14 e 18 anos).

À iniciação nessa faixa etária faltam condições de intimidade psico-social; o amor ainda é um sentimento vago, mal definido (WEREBE et al., 1981); existe uma inabilidade para confiar no outro, o que estaria associado à promiscuidade (MITCHELL, ... 1980); a atividade sexual passa a representar o vínculo emocional e afetivo de maneira simbólica; a prevenção da gravidez ou de doenças venéreas "conspurcaria a relação amorosa" e é rejeitada (HÜCHER, 1974).

As moças temem ser consideradas promíscuas ou fáceis se tomam medidas anticoncepcionais "a priori"; por outro lado, adolescentes que não se identificaram como seres sexualmente ativos dificilmente planejarão com antecedência suas relações (SIDALL, 1973, LINDEMANN, 1974 e LUKER, 1976, citados por HEROLD, 1983).

Poucos ou nenhum dos métodos anticoncepcionais existentes são adequados às necessidades dos adolescentes (IPPF, 1981). Sua prescrição esbarra com fatores psicológicos, culturais, médico-legais, éticos, religiosos e mesmo técnicos: DESCHAMPS et al. (1983) indicam métodos centrados no evento relações sexuais: o condom, que não exige controle médico, possibilita ao parceiro masculino compartilhar a responsabilidade pela anticoncepção e geralmente previne enfermidades de transmissão sexual. Conceitos abstratos como fertilidade dependem de, para sua compreensão, o adolescente ter atingido a fase das operações formais; muitos ainda vivem o mito de que "a gravidez não acontecerá" e se surpreendem com ela (PIAGET (1950) e LIPSITZ (1980).

A jovem ou a adolescente imatura, diz PETERSON (1982), é frequentemente incapaz de avaliar realisticamente as implicações da gravidez ou de predizer o impacto que decisões alternativas poderão ter sobre sua vida. Falta-lhe maior desenvolvimento da identidade pessoal. RUESCH (1964) afirma que ter identidade implica na capacidade de compromisso com objetivos a longo prazo, na substituição do oportunismo e gozo imediato pela responsabilidade face ao próprio bem-estar e crescimento físico e espiritual.

Para SMITH et al. (1982) a percepção do risco de gravidez entre adolescentes do sexo feminino, de 13 a 18 anos, não está associada à faixa etária, frequência de relações sexuais ou grau de conhecimento sobre fertilidade; na amostra estudada a gravidez não era tida como dilema moral ou social, sendo aceita por amigos e familiares e significando para a jovem maior atenção em torno de si e incremento na auto-estima.

Na Grande São Paulo, BITTENCOURT et al. (1983) verificaram que os comportamentos de mães e filhas são mais influenciados pelo sistema de valores do que pelos conhecimentos disponíveis; as mães dispõem de maior soma de conhecimentos sobre concepção e temas relativos, mas não os passam para as filhas.

EPSTEIN (1980) aponta, como principal motivação das adolescentes que engravidam, o desejo de serem amadas, de que alguém a final precise delas. É revelador o que escreve CHEETHAM

(1977): "parecem ter sido mais ou menos rejeitadas em sua vida anterior; fome de afeto, imaturidade emocional tornam a aleatória a escolha dos parceiros e impedem uma relação duradoura e amorosa; é comum jovens solteiras se relacionarem precariamente com suas mães e, menos frequentemente, com seus pais; infelicidade e privação emocional nas famílias pode levá-las ao desejo compulsivo de serem desejadas, amadas e ter alguém para amar, um homem ou um filho, como compensação para o sentimento de rejeição e fracasso que experimentam".

Via de regra enfoques sobre problemas específicos camuflam desequilíbrios psicossociais mais gerais, que se manifestam em áreas não autônomas (como no caso da sexualidade).

Conceitos, valores e disposições afetivas deverão ser desenvolvidos para seleção e adoção de comportamentos adequados a cada situação de vida e a cada configuração específica do processo de crescimento e desenvolvimento. A sexualidade é um componente desse processo e implica na possibilidade e habilidade do jovem de tomar decisões benéficas à sua saúde física, mental e social, no aumento da auto-estima, no esclarecimento de valores, na tomada de consciência das consequências das próprias ações e em uma maior sensibilidade às necessidades dos outros.

GORDON (1979), especialista em educação sexual norte-americana, afirma que "os jovens não devem praticar sexo por serem muito jovens, muito inexperientes, muito vulneráveis e facilmente sujeitos à exploração; não têm acesso a métodos anticoncepcionais, não sabem que a primeira experiência é usualmente negativa...; se um jovem me perguntasse eu não lhe diria "bem, depende de seu nível de maturidade e de seu sistema de valores"; eu diria simplesmente "não".

São necessárias visões holísticas, não segmentadas, da adolescência e do adolescente, que atendam às suas necessidades dentro de uma perspectiva global de desenvolvimento e crescimento, enfatizando o sentido e o significado das experiências nesse processo. As preocupações e problemas de saúde dos adolescentes não se restringem às questões mais popularizadas como drogas ou sexo. Grande parte dos jovens demonstra interesse e pede ajuda nos mais variados domínios: fisiológico, físico, social, sexual, emocional e psicológico (WALKER et al., 1983).

O mais importante para os jovens, observa VELASCO (1979), não é comparecer a uma clínica para obter anticoncepcionais ou fazer exames médicos, mas ter a oportunidade de serem ouvidos quanto a relações interpessoais, vida familiar, problemas no lar, no grupo de pares, na escola ou em qualquer outra situação de vida, incluindo aspirações e projetos.

Abordagens holísticas, que integram as diferentes necessidades, sob o aspecto biopsicossocial, deverão ser a pedra-de-toque dos programas; como propõem WHITE et al. (1973), citados por LANGNER et al. (1977), todas as variáveis e suas inter-relações serão objeto de consideração simultânea.

Numa atmosfera de confiança, os adolescentes produzirão as mais diversas questões na área da sexualidade, ultrapassando os aspectos relativos a fisiologia da gravidez, ciclo menstrual, anticoncepção e cuidado da prole, para tratar de aspectos sociais, psicológicos, éticos e mesmo religiosos, entremeados com suas ansiedades e incertezas.

Os serviços deverão ter a necessária especialização para detectar aqueles casos provenientes de famílias que carecem de habilidades de comunicação na área de solução de problemas, ou caracterizadas por atitudes rígidas e autoritárias, ou ainda por sistemas de interação em que prevaleça a troca recíproca de comportamentos negativos (BRIGHT et al., 1981).

É necessário lidar não apenas com as consequências do evento, mas com as causas que o produziram e que o mantêm. Por outro lado, o trabalho terapêutico não significa apenas apoio, mas desenvolvimento do adolescente como pessoa, visando a orientação em termos de futuro, sociabilidade e socialização e locus de controle (GREER, 1981).

A sexualidade está associada à maneira de ser, sentir, pensar e agir, ao próprio universo de vida. É imanente aos estilos básicos de convivência desenvolvidos no lar e extensivamente socializados nos grupos primários. Reflete um processo de aprendizagem espontâneo, impregnado de aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais intimamente relacionados. Mas esse processo pode sofrer distorções, devido aos defeitos de organização e funcionamento da família, multiplicados pela inadequação das experiências socializadoras subseqüentes. Recente estudo, realizado em 15 países, confirmou que não estão sendo atendidas adequadamente necessidades específicas do jovem, especialmente as de natureza psicossocial, com reflexos prejudiciais no crescimento de ambos os sexos (OMS, 1981).

A chamada "educação sexual nas escolas", por sua vez, não vem surtindo o efeito desejado em relação ao comportamento sexual dos adolescentes e sua influência não tem passado da esfera dos conhecimentos e atitudes (REID, 1982). Nos países que adotam, como a Inglaterra, "parece não ter ajudado os jovens a lidar refletida e responsavelmente com suas relações pessoais e sexuais"; nesse sentido, os especialistas recomendam aos professores ênfase antes nas responsabilidades do sexo do que na sua biologia (IPPF, 1980). De maneira genérica, programas de educação sexual parecem não ter influído sobre a conduta juvenil: há dificuldade de especificar quais os comportamentos e contextos influenciados por um programa; distúrbios, como gravidez indesejada e problemas sexuais, continuam a ocorrer depois de cursos de Educação Sexual (PARCEL et al., 1979) e os danos à saúde devidos à gravidez precoce não cessaram de crescer nos últimos vinte anos (GREYDANUS, 1981).

Não basta aos professores conhecimento de biologia para ajudar o jovem; os pais, por sua vez podem ter tanta ansiedade em relação à própria sexualidade que qualquer esforço "intencional" de ajuda pode soar falso (GAGNON, 1965). São necessários programas integrados de saúde física, mental e social, dirigidos à unidade familiar e a grupos de adolescentes, favorecendo uma metodologia participativa, em lugar de aulas formais para filhos. Nesse sentido, diz REID (1982), "o fornecimento de informação factual direta é relativamente pouco importante, comparado com a necessidade de melhorar a motivação".

GLIDEWELL (1978) lembra que desde a realização nos E.U.A. da Assembleia Nacional de Educação em Saúde Mental, em 1958, a nova postura vem sendo adotada em relação à educação em saúde mental da família: ao invés de especialistas tentarem repassar conhecimentos sobre a natureza das relações familiares, cujo impacto foi nulo na prevenção dos problemas, seja em relação aos pais, seja em relação aos filhos, os programas desenvolvidos partem da discussão do assunto pelos próprios interessados, que assumem e planejam o processo. Essa metodologia repousa nos bem sucedidos experimentos de LEWIN (1951), que registraram mudanças de comportamento e atitudes após discussão e decisão em grupo.

Importa o que é significativo para o grupo, a comunicação de atitudes e pontos-de-vista relevantes ao seu universo conceitual, às maneiras de pensar, sentir e agir, afinal, as conclusões a que os próprios interessados chegam, as decisões que querem implementar em suas vidas. O enfoque de um dos programas, o de Saint Louis, Missouri, a exemplo dos de Austin, Texas e Westchester County, New York, é reproduzido por GLIDEWELL (1978):

"Atitudes e pontos-de-vista era o que importava ser comunicado, não fatos; não existiam fatos na área de relações humanas incontestavelmente verdadeiros para todas as pessoas... Os líderes de discussão eram especialmente advertidos contra a tentação de assumirem a condição de autoridades na área das relações pais-filhos".

Programas educativos na área da sexualidade, em que os próprios jovens são capacitados para atuar junto a seus pares, vêm sendo propostos nos E.U.A. e recente manual, editado num condado norte-americano (IPPF, 1982), inclui guia para o recrutamento e formação dos estudantes, com a participação dos pais e professores. Na Califórnia, BIGNELL (1981) organizou programas integrados, cobrindo áreas consideradas prioritárias pelos alunos, pais e professores ao nível de "junior" e "high schools" (dois últimos anos do 1º grau e os três anos do 2º grau, no Brasil).

A educação sexual, quando tratada como aspecto da educação global e vista como uma expressão de maturidade e desenvolvimento, canaliza o interesse natural pelo sexo na direção de um equilíbrio individual, favorecendo o contacto entre as pessoas e desenvolvendo relações sadias e harmoniosas no lar e na sociedade. Diferentemente da simples "instrução", que se limita à transmissão de conteúdos de maneira unilateral, educar implica no exame de atitudes e valores sócio-culturalmente estabelecidos, em certo grau de conscientização no receptor (SUNDSTRÖM-FEIGENBERG, 1976). Nas situações de crise, em que há sofrimento e perda de liberdade interior, essa tomada de consciência será fruto de um processo de desenvolvimento pessoal, visando a emancipar o sujeito das injunções, não apenas dos eventos, mas de suas próprias percepções.

O exame das motivações é muito importante nesse processo, que na da tem a ver com comportamento externamente condicionado ou automático, mas sim com uma intencionalidade inerente à ação, com o fato de existirem alternativas e o indivíduo ter condições de percebê-las como tais. Nesse sentido não será apenas a influência do meio sobre o sujeito o fator a ser considerado, mas também, e especialmente, a capacidade de desenvolvimento da função simbólica do indivíduo, que progride da percepção dos acontecimentos como sendo causados inteiramente pelo exterior para a atribuição de um papel causal às suas próprias trocas com o meio ambiente (HARVEY et al., s/d.).

HALL (1973) sugere uma metodologia ou processo pelo qual as pessoas chegam a descobrir os valores que orientam seus comportamentos, sentimentos, idéias e decisões de importância ("esclarecimento de valores"). Se alguém vive segundo um conjunto de valores assimilados que refletem a maneira como foi criado e não uma escolha, não tem plena consciência de seus objetivos (eles existem, mas lhe estão ocultos) e caminha para algo cujo significado desconhece. O processo de valorização implica para o autor, escolha livre dentre várias alternativas, após a análise das conseqüências da adoção de cada uma; identificação e fetiva com a escolha feita e sua defesa aberta, incorporação dessa escolha nos padrões habituais de conduta, agindo coerentemente e buscando resultados em função dela.

A participação dos adolescentes, pais e mestres em grupos de encontro, em que a verbalização aberta de suas necessidades, dificuldades e frustrações é permitida e estimulada, tem-se revelado mais importante do que a tentativa de resolução de problemas específicos. Quando a finalidade não é "resolver problemas" mas

propiciar o crescimento e desenvolvimento das pessoas, uma melhor percepção de seus motivos e necessidades, novas maneiras de sentir, pensar e agir poderão surgir da interação grupal, de forma a prevenir novos problemas e encaminhar a solução dos já existentes.

EMERY (1980) descreve como, a partir de uma estória narrada em classe sobre "dois jovens que tiveram relações e a moça espera uma criança", alunos de ambos os sexos, entre 14 a 15 anos de idade, distribuíram papéis e representaram a situação segundo suas próprias percepções, dramatizando as conseqüências de diferentes alternativas (aqueles que "assumiram a criança" receberam uma boneca para interagir com ela). Só depois que os valores e os sentimentos pessoais de cada um foram experimentados em relação às diferentes alternativas e suas conseqüências, é que os alunos se envolveram numa discussão. Em aula meramente acadêmica, o significado pessoal estaria prejudicado por uma cortina de defesas psicológicas e estereótipos.

Publicação especializada (IPPF, 1978), destaca a necessidade de ajudar os jovens a desenvolverem vidas satisfatórias, a tomarem decisões conscientes e responsáveis, baseadas em informações fidedignas em relação à vida familiar, recomendando programas de educação sexual que envolvam a auto-estima e relacionamento interpessoal, aspectos de saúde e desenvolvimento da criança, planejamento familiar e aprendizagem de papéis sociais, incluindo a família.

Os problemas principais do adolescente não são de má saúde física, mas de natureza emocional, envolvendo educação, trabalho, sexo e integração na comunidade como indivíduos. BRUCE (1980) considera que as dificuldades podem assumir três aspectos: a) dificuldades pessoais do adolescente; b) dificuldades de suas famílias ou das pessoas que o tenham sob responsabilidade; c) dificuldades dos membros da sociedade que estão envolvidos com os adoles -

centes e suas famílias. Há evidência clínica de que a maturidade psicológica do adolescente requer um equilíbrio entre o indivíduo, a família nuclear, outros adultos e o grupo de pares (MILLER, 1970). Nessa rede há uma contínua geração de mensagens.

Nesse sentido importa avaliar, segundo YINGER (1965), quão eficaz é uma dada mensagem, transmitida por um dado comunicador, recebida em uma situação específica por um indivíduo com certas tendências e interagindo dentro de um determinado grupo. Se as atitudes são segmentos de uma situação e dependem da maneira como essa situação é percebida pelo sujeito (LEWIN, 1951), que acontecimentos estão sendo gerados na dinâmica situacional susceptíveis de serem modificados? A simples "tomada de consciência", sem apoios e reforços institucionais, é suficiente? A responsabilidade é algo que deriva da "consciência ética" de cada um ou é o produto de um arranjo social definido?

URBAN (1939) distingue três formas de conhecimento, que definem o relacionamento do sujeito com seu mundo: por vivência ou relacionamento, envolvendo a experiência; por descrição, envolvendo linguagem e símbolos; por interpretação, envolvendo entendimento e monólogo interior, de que a capacidade simbólica é parte integrante. As posições corresponderiam, assim, a uma atitude ingênua, a uma atitude intelectualizada e finalmente a uma atitude reflexiva, em que o sujeito realmente passa a existir no presente, pela consciência; no passado, pelas memórias e no futuro, pelas expectativas.

É preciso que o indivíduo reflita sobre sua identidade e suas circunstâncias, como procura adaptar-se às relações interpessoais, como isso afetará sua reação a acontecimentos atuais e como os estilos adaptativos podem ser modificados median

te a crescente utilização de conceitos ou esquemas alternativos para reagir aos estímulos (HARVEY et al., s/d). Essa reflexão só é possível quando o indivíduo atinge a adolescência (PIAGET, 1955), a fase do pensamento conceitual, caracterizada pela capacidade de pensar sobre as coisas que o sujeito percebe em suas experiências. A utilização de conceitos passa a ser uma ferramenta mental para avaliar situações e experiências sem ser levado de roldão por elas.

JESSOR (1982) lembra que as relações sexuais, embora desestimuladas nos mais jovens, são esperadas ou mesmo prescritas para os mais velhos; assim, para o jovem, manter relações sexuais pode ter valor simbólico de "maturidade", na ausência de outras alternativas para afirmação pessoal. Por isso é preciso ir além dos comportamentos manifestos e avaliar seu significado simbólico para o adolescente face às próprias necessidades de desenvolvimento.

Em relação à personalidade do jovem importa verificar seu sistema de valores, orientação para o futuro e grau de auto-controle pessoal; em relação aos comportamentos, é necessário analisar o repertório de condutas passíveis de serem adotadas, incluindo a capacidade de adotá-las em determinadas situações; em relação ao ambiente, é preciso avaliar os modelos, as redes de relações, os sistemas sociais subjacentes. tais quais percebidos pelo adolescente (suas percepções importam mais do que os próprios comportamentos), desenvolvendo habilidades de ação e provendo apoio ambiental às mudanças desejadas de conduta (PERRY et al., 1982).

Nesse contexto, a escola destaca-se não apenas pela oferta de instrução formal, mas também por constituir o lugar físico e

social que permite ao adolescente encontrar seus pares e intercambiar habilidades, valores, atitudes e conhecimentos; a aprendizagem informal ou "currículo oculto" geralmente canaliza maior interesse e afeto do que as aulas formais, sendo por isso altamente importante sob o ponto de vista educativo.

A escola demanda freqüência às aulas, estudo e trabalhos escolares segundo padrões pré-estabelecidos; a adesão a esse "currículo expresso" influi, por sua vez, sobre a orientação de vida dos jovens; essa adesão está positivamente associada a uma menor incidência de comportamentos sexuais precoces, lesivos à saúde física, mental e social (KINSEY et al., 1948; ALEXANDER et al., 1981).

COLEMAN (1974) diz que a escola é rica em informação, mas pobre em ação, sendo "um lugar de aprendizagem de habilidades verbais e conceituais, mas onde pouca ação concreta geralmente tem guarida". No desenvolvimento de programas de Educação em Saúde, a participação efetiva dos estudantes no processo de aprendizagem deve visar não só ao exame dos fatores biopsicossociais que afetam a saúde, mas uma genuína mudança de comportamentos, uma tomada de consciência das responsabilidades recíprocas de alunos, pais e mestres. É necessário um conjunto de experiências curriculares integradas sob o aspecto afetivo-cognitivo-comportamental, que substitua o mero repasse de informações, prescrições e advertências (PILON, 1974).

Devemos referir os objetivos curriculares à própria filosofia que orienta as propostas curriculares. Se o enfoque biopsicossocial deve "propiciar conhecimentos, na área da saúde, necessários e suficientes para observação, compreensão, interpretação e ação consciente do cidadão em relação à realidade", a operacionalização dos objetivos da "higiene física, mental e social"

precisa abranger atitudes, valores, afetos e comportamentos e não se limitar à "identificação e descrição" de necessidades básicas do homem e "descrição e avaliação" da importância das diferentes formas de organização para o atendimento dessas necessidades (Proposta curricular para programas de saúde no 2º grau, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1980).

Levantamento realizado em seis escolas de 2º grau da rede estadual de ensino, como parte do projeto "Programas de Saúde - Aspectos do Crescimento e Desenvolvimento Humanos", revelou que as áreas de interesse dos alunos são anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino; práticas sexuais; métodos anticoncepcionais; gravidez e parto; menstruação; masturbação; homossexualismo; doenças de transmissão sexual e orientação de comportamento (Secretaria da Educação de São Paulo, 1981).

Nos E.U.A., foram tópicos de interesse entre alunos das séries 9ª a 12ª (idades de 13 a 18 anos): gravidez; preparação para o casamento; anticoncepção; auto-conhecimento; cuidado da prole; doenças venéreas; escolha do futuro cônjuge; percepção mútua entre os sexos; reprodução; crescimento e desenvolvimento; biologia feminina e masculina; desenvolvimento de código de conduta sexual; homossexualidade; masturbação; pornografia e outros, como convivência após o casamento (itens apresentados dos mais citados para os menos citados). Esse mesmo estudo revelou que para os adolescentes é importante que Educação Sexual inclua Biologia, Psicologia, Religião e Moral (SHIRREFS et al. 1979).

Programas gerados a partir de áreas de interesse devem atender a fatores importantes de vivência e utilizar metodologia adequada para lidar com eles. SUTHERLAND (1979) salienta que a relevân-

cia do currículo depende da associação direta com os problemas da vida diária, da informação cognitiva para enfrentar os problemas potenciais dos alunos e de um plano de Educação em Saúde qualificado quanto ao tipo e a intensidade de ênfase em relação aos de mais programas desenvolvidos.

Pesquisa longitudinal, nos E.U.A., com 400 estudantes de 7^a, 8^a, e 9^a séries, iniciada em 1969 e concluída em 1981, quando os sujeitos já alcançavam os seus 25 e 27 anos de idade., demonstrou que a probabilidade do jovem apresentar problemas de conduta depende da combinação de riscos em três sub-sistemas (JESSOR, 1982):

personalidade - tendência à super-valorizar a independência pessoal, a subestimar o desempenho escolar e a ter baixa expectativa quanto a ele; acentuada atitude de crítica social, alienação pessoal e maior tolerância dos desvios da conduta esperada; decréscimo de religiosidade;

percepção e condições do meio - diminuição do apoio de parte dos pais e dos companheiros, baixa compatibilidade entre as expectativas de uns e de outros, maior influência dos companheiros em relação aos pais, pouca desaprovação dos pais quanto às condutas problemáticas e muita aprovação dos companheiros em relação às mesmas;

comportamento - muito envolvimento com diferentes problemáticas e pouco envolvimento com condutas convencionais, como dedicar-se aos estudos, frequentar a igreja.

Como educadores - lembram MARCONDES et al (1980) - precisamos encarar as coisas de modo a considerar que os problemas podem ser solucionados, as pessoas ajudadas a encontrarem vidas satisfatórias e equilibradas, a comunidade envolvida para diagnóstico e tomada de decisões sobre seus problemas.

Não obstante , não podemos utilizar apenas a rede de ensino para lidar com problemas psicossociais que nela se refletem, sob o risco de confundir papéis que devem ser solidariamente assumidos pela família e pela comunidade.

Em nosso país - ao contrário dos países mais desenvolvidos - apenas uma parcela pequena da população está na escola. No Estado de São Paulo, a unidade considerada em melhor situação na federação brasileira, do total de jovens entre 15 e 19 anos, somente 46% são estudantes (25,4% no 1º grau e 18,9% no 2º grau, conforme dados reproduzidos pela Secretaria da Educação do Estado no seu Plano Trienal para 1980 - 1982). É uma situação que contrasta violentamente com a dos países desenvolvidos, onde a escola é privilegiada para o desenvolvimento dos programas de saúde em geral, porque a grande maioria dos jovens é encontrada nos estabelecimentos de ensino e não em ambientes de trabalho, ou mesmo à margem dele.

Entre os suportes sociais, além da escola, estão os sistemas religiosos que proveem definições do mundo e das relações desejáveis entre os seres humanos e que, se aceitas, usualmente satisfazem a busca pessoal por identidade, segurança e propósito na vida - aspectos importantes na adolescência. As crenças religiosas, por outro lado, não se aliam aos desejos de autonomia e liberdade desenfreadas, nem ao gozo hedonístico do presente, sendo, como tais, antagônicas à sociedade de consumo, movida pelo desejo de mais "prazer", consumação imediata e obter vantagem sobre o semelhante.

BRICK (1981) lembra que os adolescentes estão lutando para sobreviver em um meio sexual explorador; precisam de uma educação que os ajude a entender a si próprios e à sociedade; precisam aprender como lidar com pressões criadas pelas normas sexuais em

conflito e mensagens deliberadamente provocativas dos meios de comunicação de massa. Denuncia os padrões duplos relativos à conduta sexual de homens e mulheres, a prática do sexo como resultado da imposição de terceiros, o desinteresse e falta de cuidado pelo outro, a ausência de comunicação honesta e integral.

LLEWELYN-JONES (1980) afirma que dificilmente os jovens desenvolverão responsabilidade sexual enquanto os adultos a rejeitam e a propaganda continua estimulando a satisfação instantânea dos desejos. CUSMINSKY et al. (1979) acentuam que o aumento das enfermidades de transmissão sexual entre os mais jovens traduz a permissividade existente nas relações interpessoais, aliada à ausência de conhecimentos preventivos e à falta de educação sexual. Consideram esses autores que a transição para adotar um estilo de relações íntimas com o sexo oposto ultrapassa, em importância, questões como deixar a casa paterna, concluir os estudos e ingressar numa profissão.

Nesse aspecto, constituem temas de importância fundamental na educação para a vida familiar: a família, o ambiente no lar, a constelação familiar, o noivado, o casamento, a paternidade responsável, as relações familiares, a reprodução, o planejamento familiar, as relações entre família, sociedade e cultura e as relações entre população, família e qualidade de vida (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1973).

Como objetivos de programas de educação sexual e de educação face à vida familiar, a UNESCO (1978) inclui

a) propiciar a compreensão dos jovens a respeito da natureza e das necessidades de sua própria sexualidade, da evolução do papel da sexualidade e do lugar que lhe cabe na vida fami-

liar e individual, ajudando o indivíduo a tomar decisões fundamentais no tocante a seu comportamento sexual;

b) propiciar aos membros da família o desenvolvimento da habilidade necessária para cumprir adequadamente suas responsabilidades respectivas, encorajando a comunicação entre os membros da família e melhorando a qualidade da vida familiar.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1975) integra no conceito de saúde sexual elementos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais, visando enriquecer e potencializar a personalidade, a comunicação e o amor. A sexualidade saudável expressa-se mediante relações pessoais próximas, estáveis e satisfatórias para ambas as partes. Em encontro de especialistas (Suécia, 1976), o relacionamento sexual humano foi definido como expressão física e emocional de ternura, calor, felicidade e prazer, em clima de confiança e consideração mútua, envolvendo, mas transcendendo o aspecto reprodutivo (BOETHIUS, 1976).

Sexualidade humana não é apenas o que fazemos, mas também o que somos, envolvendo identificação, atividade, impulso, visão das coisas e expressão de si num processo biopsicossocial influenciado por crenças pessoais e sociais e, por sua vez, influenciando crenças e comportamentos (AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, ... 1972). É um processo de desenvolvimento, uma experiência pessoal e uma expressão de comportamento (KATCHADOURIAN, 1980). Inclui o sentimento de ternura e bem-estar, o interesse ativo pelo outro, o respeito a sua própria identidade e valor, excluindo o domínio e a manipulação.

Aos adolescentes é mister propiciar condições para expressão de sentimentos face a seu mundo pessoal, abrangendo família, escola, trabalho, companheiros e sexo oposto. A subjetividade com que os eventos são percebidos importa tanto quanto o tipo dos

eventos em curso; há interação entre a maneira com que a estrutura do meio é percebida e as mudanças em processo nessa estrutura (LEWIN, 1951). Nesse contexto é necessário dar oportunidade para que os indivíduos tomem consciência desses fenômenos e possam elaborar, face a eles, meios de disposição e controle (CORÉNT-SEAT et al., 1967). A intervenção educativa deve propiciar não um sentido de estruturação, mas de orientação e equilíbrio, respeitando a pessoa humana como valor e projeto fundamental.

Os trabalhos desenvolvidos em pequenos grupos vêm demonstrando que é possível às pessoas analisarem sua forma de vida e refletir sobre sua situação quando participam de atividades centradas em seus interesses e necessidades. Há uma presença curiosa face ao mundo, a possibilidade de articular respostas adequadas a algo que desafia, ensejando uma ação simultaneamente transformadora da realidade, da própria pessoa e do grupo. A aplicação dessa metodologia obteve êxito em vários campos de trabalho: educação de analfabetos (FREIRE, 1980), educação de toxicômanos (MOSKOWITZ, 1970), educação de menores infratores (SLAVSON, 1965).

SMITH (1969) descreve a interação existente entre os antecedentes sociais mediatos, próprios à configuração global da sociedade, entre os antecedentes sociais imediatos, próprios à configuração específica da situação, entre o ambiente social subjacente ao desenvolvimento da personalidade e à aquisição de atitudes e entre os processos e disposições inerentes à personalidade de cada um. De um lado temos então as instituições, papéis e expectativas sociais (dimensão nomotética) e, de outro, a personalidade e as necessidades e disposições individuais (dimensão ideográfica).

KULKA et al. (1980) destacam, na gênese dos comportamentos, motivos e habilidades dos sujeitos face a demandas e recursos do ambiente e GREEN et al. (1980) distinguem fatores que predispõem (conhecimentos, atitudes, valores e percepções), fatores que habilitam (recursos e habilidades pessoais e comunitárias) e fatores que reforçam (incentivos, consequências e suporte social).

Na promoção da Saúde os esforços conjugados de agências e serviços educativos, médicos, psicológicos e de assistência social deverão visar a detecção dos problemas em sua fase inicial e na época da existência que costumam eclodir. Na área da Saúde Mental, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1978) destaca os seguintes estágios em relação aos problemas que afetam os jovens:

a) atenção precoce: desajustes incipientes no lar, na escola, no trabalho e na comunidade em geral, visando à informação preventiva e à orientação;

b) atenção intermediária: problemas de adaptação associados a tentativas inadequadas de resolver questões básicas, propiciando aconselhamento e terapias breves;

c) atenção secundária: casos caracterizados por horizontes psicossociais fechados e fixação em padrões auto-destrutivos, impeditivos de uma mudança espontânea ou adaptação sadia, propiciando psicoterapia;

e) atenção terciária: casos de reintegração à família, à escola, ao trabalho e à comunidade, após tratamento especializado.

Pais, professores e a comunidade em geral sômente buscam atenção, na maioria das vezes, quando os problemas já estão em fase adiantada, o que de certa forma reforça a prestação de serviços especializados, complexos e onerosos de parte dos órgãos públicos. Daí a necessidade de abordagens preventivas e educativas.

No planejamento do componente educativo dos programas de saúde GUILBERT (1981) lembra que três domínios deverão ser considerados: o das atitudes, que implica receptividade, resposta e valorização; o das habilidades práticas, que envolve imitação, controle e automação e o das habilidades intelectuais, que abrange reconhecimento, interpretação e solução de problemas. BLOOM et al. (1972) já consideravam três áreas onde devem ocorrer mudanças nos educandos: cognitiva (habilidades de pensamento e compreensão), afetiva (atitudes, valores, interesses, sentimentos e emoções) e psico-motora (habilidades, hábitos e práticas. Embora essas áreas expressem conceitos diferentes, não são coisas diferentes, razão por que não podem ser separadas operacionalmente, observa O'NEILL (1970).

Na metodologia de trabalho, cognição, afeto e comportamento não serão tratados em termos de conteúdos, como objeto de uma atitude, nível de conhecimento ou dado desempenho, mas sim analisados os componentes do sistema de conceitos subjacente às valorizações e respostas dos sujeitos. HARVEY et al.(s.d.) destacam, nesse sentido, a função adaptativa dos conceitos, elos entre o indivíduo e o mundo, de valor instrumental, adaptativo e de integração do ego; expressando valores e desempenhando função cognitiva, tornam-se filtros mediante os quais os acontecimentos são selecionados e avaliados.

O trabalho educacional deve permitir experiências integradas sob os aspectos cognitivo, afetivo e conativo a partir do próprio universo de vida do jovem, favorecendo a definição existencial e a consciência do seu papel como pessoa no mundo. Novos valores e percepções serão reconstruídos de dentro para fora (ROGERS, 1970) e oportunidades alternativas de melhor relacionamento e convívio deverão ser concomitantes ao desenvolvimento de cosmovisão ou "Weltanschauungen" adequada.

Embora os estabelecimentos de ensino possam aumentar a ênfase e o tempo dedicado a certas áreas de interesse especial, condições e recursos adequados deverão ser propiciados para o seu desenvolvimento e integração ao currículo geral. Isso evitaria as chamadas abordagens "festivas", os programas de "impacto" e os esforços fragmentados e de breve duração, a sabor

de tópicos momentaneamente objeto de popularidade ou cobertura jornalística (KOLBE, 1979).

RAGAN e SHEPERD (1974) exigem que os objetivos sejam bem definidos, claros e realistas, expressem apenas as atividades programadas e visem a resultados suscetíveis de avaliação. A escola geralmente fornece informações que consolidam crenças e conhecimentos; procurar detectar mudanças de comportamento, como resultado do currículo, é extremamente aleatório (op. cit.).

A escola é necessária, mas não suficiente, para atingir os objetivos mais amplos da Promoção de Saúde. Para melhor desenvolver objetivos cognitivos, afetivos e psicomotores, deverá articular-se com a família e diferentes agências da comunidade, responsáveis pela saúde e bem-estar dos jovens, ciente de que mudanças globais de comportamento transcendem sua capacidade e competência.

Destacamos a importância, nas ações de Saúde, da atenção para as condições masculina e feminina, incluindo diferenças biopsicossociais, necessidades específicas, posição ímpar, mas complementar, de ambos os sexos, de maneira a favorecer o desenvolvimento de sensibilidade e tomada de consciência sobre esses aspectos, envolvendo toda a comunidade.

Rapazes e moças deverão ser ajudados a conhecer-se mutuamente, mediante processos educativos adequados da parte de pais e professores, que favoreçam alternativas melhores para lidar com os problemas de que trata esta pesquisa, condições de equilíbrio pessoal face aos elementos de ordem física, mental e social que influem sobre a saúde, e o projeto de vida.

É evidente que a educação do adolescente não se limita apenas a preleções informativas, sem cuidar de suas atitudes, valores e condutas. Não se trata de aprender algo exterior, mas um sistema complexo e interiorizado, profundamente enraizado na estrutura afetivo-valorativa, em que o aspecto psicológico e cultural transcende o meramente biológico do crescimento e desenvolvimento.

Os problemas humanos não têm existência isolada e só podem ser tratados e esclarecidos se consideradas as interações interpessoais, as representações sociais, as necessidades e aspirações que as práticas culturais procuram satisfazer, as percepções e conceitos que os indivíduos têm do conjunto de fatores em jogo e o que fazem em relação a eles.

As representações relacionadas à sexualidade abrangem os conceitos de homem, de mulher, de relação recíproca entre ambos, de pai, mãe e filho, de amor, prazer, moral, religião e existência. Do ponto de vista educativo, essas representações só poderão sofrer mudanças de dentro para fora, mediante tomada de consciência de condições de vida específicas e necessidades subjetivamente percebidas. Cabe ao educando assumir livremente a decisão de mudar sua própria situação, embora ajudado e apoiado. Sua participação na criação de valores, normas e formas de vida é direta e o processo de comunicação exige o diálogo.

Como não é possível condicionar um ambiente ótimo, que reforce sempre os comportamentos desejáveis, os jovens deverão assumir responsabilidades em situações muitas vezes ambíguas e tomar decisões à luz de objetivos de vida e valores internalizados: uma educação bem sucedida é avaliada pela persistência dos comportamentos desejáveis, mesmo em condições adversas.

3. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo geral deste trabalho é o estudo das percepções de adolescentes escolarizados a nível de segundo grau, residentes no município de S. Paulo e provenientes de famílias organizadas, sobre suas interações com os pais, o grupo de companheiros e o sexo oposto, incluindo aspectos de crescimento e desenvolvimento e envolvendo a área de expressão da sexualidade.

Como vimos à luz da literatura revista, pais, companheiros e membros do sexo oposto constituem pessoas significativas no universo de vida do adolescente e a interação com elas processos relevantes de sua existência. Como formas de integrar visões de mundo, as percepções que os jovens têm de suas experiências de interação nos grupos primários expressam e condicionam maneiras de pensar, sentir e agir, orientando novas percepções no decurso do desenvolvimento.

As percepções estruturam e disciplinam as modalidades de ação e representam variáveis relevantes entre estímulos e comportamentos (DURANA, 1982). Neste estudo, consideramos como percepções o produto de processos afetivos e cognitivos intimamente relacionados, catalizados mediante o estímulo eliciador fornecido por um elenco de questões apresentadas por escrito aos sujeitos.

As percepções dos indivíduos de dada cultura sofrem variações menores quando comparadas a percepções de indivíduos de cultura

ras diferentes; no entanto, sempre permanecerá singular a forma de cada um estruturar seu espaço vital, face a circunstâncias peculiares de vida, saúde, inteligência, temperamento, idade e sexo.

Neste estudo, interação significa formas dinâmicas de relacionamento dos sujeitos com as pessoas com as quais convivem, intimamente relacionadas com as percepções, na medida em que estas contribuem para dar sentido às interações, mas também são produzidas pelas interações (LEWIN, 1951).

Interagir não é apenas responder automaticamente às ações daqueles que nos cercam, mas interpretá-las ou defini-las, (BLUMER, 1969). Essa interpretação pode ser simultânea à ação, dando sentido à resposta; antecedente à ação, sob forma de atitude ou expectativa; e posterior à ação, como forma de evocação, reflexão e avaliação. Em nosso estudo, em razão da metodologia utilizada, a interpretação é geralmente um dado a posteriori e, em alguns casos, a priori (percepção de situações futuras ou que impliquem eventual condição).

Esta investigação inclui também aspectos relativos a opiniões, conhecimentos e outras informações factuais relacionados ao universo de vida dos sujeitos, cujo levantamento complementa o estudo das percepções e fornece indicadores importantes de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. Esses aspectos são descritos no elenco de objetivos específicos.

Como objetivos específicos, visa-se a descrever e comparar as percepções que rapazes e moças manifestam em relação a:

- a. aspirações, interesses, valores e auto-imagem;
- b. interação com os companheiros;
- c. interação com os pais;
- d. interação com o sexo oposto e sexualidade.

Na caracterização dos sujeitos e definição dos objetivos específicos foram considerados os aspectos seguintes:

1. Caracterização dos sujeitos

- 1.1 Nível e período escolar
- 1.2 Idade e sexo
- 1.3 Família efetiva
- 1.4 Profissão dos pais
- 1.5 Escolaridade dos pais
- 1.6 Trabalho dos sujeitos

2. Aspirações, interesses, valores e auto-imagem

2.1 Significado da escolarização

- 2.1.1 Sentido da escola para a vida
- 2.1.2 Importância atribuída ao tempo de estudo, deveres e notas escolares
- 2.1.3 Percepção do aproveitamento escolar
- 2.1.4 Perspectiva de trabalho e estudo
- 2.1.5 Prestígio atribuído ao trabalho e ao estudo
- 2.1.6 Influência da opinião dos professores sobre decisões de vida

2.1.7 Percepção do papel dos professores como fontes de
informação sobre vida sexual e reprodução humana

2.2 Importância atribuída a aspectos da rotina de vida:

2.2.1 Aparência pessoal

2.2.2 Alimentação, horários de refeição

2.2.3 Colegas, companhias, amizades

2.2.4 Lazer, recreação, distrações, entretenimentos

2.2.5 Período de permanência fora de casa, horários

2.2.6 Gastos em objetos, roupas, uso de dinheiro

2.2.7 Tempo de estudo, deveres e notas escolares

2.2.8 Crença religiosa, frequência a atos religiosos

2.2.9 Ajuda nas tarefas domésticas

2.2.10 Relacionamento com o sexo oposto

2.3 Percepção do desenvolvimento pessoal

2.3.1 Auto-imagem

2.3.2 Expectativas para a vida

2.3.3 Uso do tempo livre

3. Interação com os companheiros:

3.1 Composição do grupo de companheiros

3.2 Importância atribuída ao grupo de companheiros

3.3 Assuntos de conversação preferidos

3.4 Percepção da influência do grupo

3.5 Percepção do desenvolvimento do melhor amigo

4. Interação com os pais:

- 4.1 Participação atribuída aos pais face ao grupo de companheiros
 - 4.2 Controle atribuído aos pais sobre assuntos da rotina de vida
 - 4.3 Estilo educativo atribuído aos pais
 - 4.4 Percepção da qualidade da vida em família:
interesse e atenção, afetividade, harmonia, compartilhamento de responsabilidade e apoio mútuo
5. Interação com o sexo oposto e sexualidade:
- 5.1 Início, duração, constância, qualidade, importância e prestígio do namoro
 - 5.2 Reação atribuída aos pais face ao namoro
 - 5.3 Iniciação sexual, valores e prestígio
 - 5.4 Sentimentos despertados pela sexualidade
 - 5.5 Expectativas face ao primeiro encontro, noivado e casamento
 - 5.6 Conhecimentos sobre reprodução humana e aspectos de saúde
 - 5.7 Fontes atuais e fontes preferidas de informação sobre vida sexual e reprodução humana
 - 5.8 Influência de terceiros no relacionamento com o sexo oposto.

3.1 VARIÁVEIS QUE INTEGRAM A PESQUISA E RESPECTIVO TRATAMENTO

1. Idade

Faixa etária entre 14 e 21 anos.

2. Sexo

Masculino e feminino.

3. Família efetiva

Aquela com quem o sujeito mora, incluindo ambos os pais (ou um deles e o padrasto ou madrasta), ou apenas o pai ou a mãe, ou parentes, ou outras pessoas.

4. Profissão dos pais

Declarada pelo sujeito e codificada segundo a listagem adotada pela Secretaria da Receita Federal (versão adaptada à pesquisa, Anexo V).

5. Escolaridade dos pais

Declarada pelo sujeito e codificada segundo os três graus de ensino (abrange cinco classes).

6. Profissão do sujeito

Declarada pelo sujeito e codificada da mesma forma que a profissão dos pais (os que trabalham com o pai, sem especificar função, aparecem na listagem equivalente à mesma profissão do pai; os que trabalham como auxiliares docentes ou de outros profissionais técnicos aparecem sob o código da profissão correspondente).

6.1 Prestígio de quem passa a trabalhar, definido em função de três categorias de respostas aumento, diminuição ou não alteração.

6.2 *Horas diárias de trabalho*, conforme número declarado pelo sujeito,

7. *Percepção do efeito da escolaridade*

A percepção do efeito da escolaridade foi definida em função do julgamento que o sujeito faz

7.1 do seu aproveitamento escolar (notas obtidas);

7.2 da perspectiva de acumular estudo e trabalho;

7.3 do sentido da escola para a vida;

7.4 da importância do tempo de estudo, deveres e notas escolares;

7.5 da influência relativa da opinião de professores em decisões de vida (destacando relacionamento com o sexo oposto);

7.6 da variação do prestígio de quem não quer mais estudar;

7.7 do papel dos professores como fontes de informação sobre sexualidade.

8. *Interação com o grupo de companheiros*

A interação com o grupo de companheiros foi estudada em relação aos seguintes aspectos:

8.1 *composição do grupo*; definida em função daqueles que habitualmente o integram, como colegas e ex-colegas da escola e trabalho, vizinhos, parentes e outros;

8.2 *importância atribuída à companhia do grupo*, definida em função da percepção que o sujeito tem da importância dessa companhia, isoladamente e em comparação com outros assuntos;

8.3 *percepção da influência do grupo nas decisões*, definida em função

8.3.1 da possibilidade sentida de expressar idéias próprias;

8.3.2 da conformação ou não do sujeito a propostas do grupo de que discorde;

8.3.3 da influência relativa da opinião dos companheiros em decisões de vida (destacando relacionamento com o sexo oposto).

8.4 assuntos preferidos pelo grupo para conversação, definidos pelo sujeito em função de oito categorias fechadas e uma aberta;

8.5 percepção do melhor amigo, definida pelo conjunto de nove categorias de apreciação (desenvolvimento, vida escolar, vida no grupo, vida familiar, responsabilidade, facilidade de relacionamento e convivência, religiosidade e atração para o sexo oposto).

9. Interação com os pais

A interação com os pais foi estudada a partir dos seguintes temas:

9.1 participação dos pais em relação ao grupo de companheiros, definida em função

9.1.1 da comunicação aos pais sobre atividades realizadas com o grupo de companheiros;

9.1.2 do conhecimento pessoal dos pais de companheiros do sujeito;

9.1.3 da aceitação, rejeição e controle pelos pais dos companheiros do sujeito;

9.2 controle atribuído aos pais nos assuntos da rotina diária de vida, definido em função da importância que o

sujeito sente que os pais dão ao controle dos dez seguintes tópicos: aparência pessoal, alimentação, companhias, lazer, permanência fora de casa, gastos em geral, estudo, religião, ajuda no lar e relacionamento com o sexo oposto.

9.3 *aceitação da influência dos pais nos assuntos da rotina de vida*, definida em função

9.3.1 da concordância ou discordância entre o sujeito e os pais em relação aos dez tópicos mencionados em 9.2;

9.3.2 da influência relativa dos pais em decisões de vida (destacando relacionamento com o sexo oposto).

9.3.3 da eventualidade de ser o sujeito motivo de desacordo entre os pais;

9.3.4 da possibilidade de expectativas negativas dos pais em relação a atos do sujeito.

9.4 *estilo educativo atribuído aos pais*, definido em função

9.4.1 de comportamentos atribuídos aos pais em relação a ações corretas ou incorretas do sujeito;

9.4.2 da percepção do exercício pelos pais dos papéis de pai e mãe, ilustrados em quatro categorias distintas;

9.4.3 da percepção da qualidade da atenção e interesse propiciados pelos pais (aspectos satisfatórios e insatisfatórios) e do tipo de interação afetiva entre os pais e o sujeito (fria e dis-

tante; carinhosa e acolhedora; hostil e agressiva; imprevisível);

9.4.4 da percepção da integração familiar, evidenciada por

9.4.4.1 concordância ou discordância entre os pais quanto à orientação dada ao sujeito em dez tópicos distintos (mencionados em 9.2);

9.4.4.2 distribuição da responsabilidade em relação à família entre os pais;

9.4.4.3 percepção de apoio recíproco entre os pais;

9.4.4.4 percepção de apoio recíproco na família;

9.4.4.5 harmonia percebida na família.

10. Interação com o sexo oposto

A interação com o sexo oposto é definida em função das respostas do sujeito em relação

10.1 ao início, duração, constância, importância e prestígio do namoro;

10.2 à interferência do namoro na vida familiar, escolar e de grupo;

10.3 à qualidade do intercâmbio na situação de namoro (afeto, confiança, diálogo e intimidade física);

10.4 a aspectos da expressão da sexualidade quanto a:

10.4.1 sentimentos despertados;

10.4.2 iniciação sexual e aceitação de normas sociais;

10.4.3 conhecimentos sobre aspectos de saúde na área da reprodução humana;

10.4.3.1 Puberdade e concepção

10.4.3.2 Concepção e ciclo menstrual

10.4.3.3 Desenvolvimento físico e gravidez

10.4.3.4 Intervalo intergestacional

10.4.3.5 Métodos anticoncepcionais

10.4.3.6 Doenças de transmissão sexual

10.4.4 Fontes atuais e fontes preferidas de informação sobre vida sexual e reprodução humana

10.4.5 Influência recebida dos pais, professores, companheiros e meios de comunicação social de massa

10.5 Expectativas face ao vínculo com o sexo oposto, abrangendo

10.5.1 Primeiro encontro (causas atribuídas a um encontro feliz)

10.5.2 Noivado

10.5.2.1 requisitos exigidos do (a) noivo (a)

10.5.2.2 requisitos a serem exigidos pelo (a) noivo (a)

10.5.3 Casamento

10.5.3.1 Situações melhores e piores no casamento, para o marido e para a mulher

10.5.3.2 Motivos que levam à separação

11. Aspirações, interesses, valores e auto-imagem

As aspirações, interesses, valores e auto-imagem dos sujeitos são definidos mediante suas respostas quanto a:

- 11.1 Aspiração de vida, religião e sistemas de valores;
- 11.2 Importância concedida a assuntos da rotina de vida (incluindo os dez tópicos já mencionados em 9.2);
- 11.3 Atividades preferidas nas horas vagas;
- 11.4 Auto-percepção do desenvolvimento psico-social.

Na parte descritiva, além da distribuição de frequência das variáveis estudadas, alguns índices descrevem o perfil de respostas dos sujeitos em relação a variáveis de interesse específico, a saber:

- a. *índice de desenvolvimento do melhor amigo*, derivado da variável *percepção do desenvolvimento psico-social do melhor amigo* (nº de ordem 8.5, abrangendo as questões 44 a 54);
- b. *índice de desenvolvimento pessoal*, derivado da variável *auto-percepção do desenvolvimento psico-social* (nº de ordem 11.4, abrangendo as questões 126 a 135);
- c. *índice de auto-disciplina*, derivado da variável *importância dada a assuntos da rotina de vida* (nº de ordem 11.2, abrangendo as questões 55 a 64);
- d. *índice de hetero-disciplina*, derivado da variável *controle atribuído aos pais nos assuntos da rotina diária de vida* (nº de ordem 9.2, abrangendo as questões 65 a 74);
- e. *índice de discordância entre o adolescente e os pais*, derivado da variável *concordância ou discordância entre o sujeito e os pais* (nº de ordem 9.3.1, abrangendo as questões 75 a 84),
- f. *índice de discordância entre os pais*, derivado da variável

concordância ou discordância entre os pais quanto à orientação dada ao sujeito (nº de ordem 9,4,4,1, abrangendo as questões 85 a 94);

- g. índice de interferência do namoro, derivado da variável interferência do namoro na vida familiar, escolar e de grupo (nº de ordem 10.2, abrangendo as questões 155 a 157);*
- h. índice de mutualidade no namoro, derivado da variável qualidade do intercâmbio na situação de namoro (nº de ordem 10.3, abrangendo as questões 158 a 162);*
- i. índice de influência de terceiros no relacionamento com o sexo oposto, derivado da variável influência exercida por pais, professores, companheiros e meios de comunicação social (nº de ordem 10.6, abrangendo as questões 169 a 176);*
- j. índice de intensidade de preferência pela fonte de informação, derivado da variável fontes preferidas de informação (aspectos da expressão da sexualidade) (nº de ordem 10,4,4, abrangendo as variáveis 251 a 263).*

Esses índices resultam da ponderação dos valores assumidos pelas variáveis em diferentes classes de resposta, como "nenhuma", "pouca", "regular" ou "muita", que qualificam a importância ou influência de determinado fator, agora tratado quantitativamente e expresso por um valor numérico em uma escala pertinente.

Na parte analítica, considerando as frequências originais obtidas em distintas categorias, procura-se verificar se as respostas estão associadas ao sexo dos sujeitos, mediante o teste de "Qui" quadrado (X^2), aplicado em grupos selecionados de variáveis.

4. POPULAÇÃO E MÉTODO

Na faixa etária dos 15 aos 19 anos existem no Brasil doze milhões de jovens, com índice de escolarização de 43,2%; 13,7% são analfabetos (BRASIL, IBGE, 1979). No Estado de S. Paulo, dos 2.400.000 jovens de 15 a 19 anos, 600.000 se distribuem ao longo do primeiro grau e 450.000 estão cursando o segundo; 63% ou 1.500.000 são economicamente ativos. A Grande São Paulo conta com cerca de 200.000 alunos na rede pública e 160.000 na particular, a nível de segundo grau de ensino (S. PAULO, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, Plano Trienal 1980-1982).

O presente estudo reflete as condições daqueles que, na faixa etária dos 14 aos 21 anos, estando cursando o segundo grau na rede estadual de ensino, residem no município de S. Paulo. São beneficiários, portanto, do maior nível de escolarização oferecido pelo Estado antes da barreira seletiva de ingresso ao ensino superior. Representam o contingente melhor situado na respectiva faixa etária que, na razão de 1 para 4, tem condições de estudar a nível de segundo grau; dados do SEADE (1981) indicam que apenas 24% dos alunos que ingressam no primeiro grau chegam à terceira série do segundo grau de ensino.

Nesse nível, na área da Saúde teriam conhecimentos necessários e suficientes para observação, compreensão, interpretação e ação consciente face à sua própria realidade, nos termos da proposta curricular para Programas de Saúde (S. PAULO, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 1979).

Considerando o fato de o município da Capital compreender áreas diferenciadas sob o aspecto sócio-econômico, os estabelecimentos estaduais, a nível de segundo grau, foram selecionados em áreas de melhor e pior situação, face à renda e à escolaridade médias das famílias residentes (dados para o primeiro grau levantados na própria rede pela Secretaria de Estado (S. PAULO, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 1981)).

No extremo superior obtivemos uma escola no bairro de Vila Madalena e, no inferior, duas escolas, uma em Vila Brasilândia, outra no Jardim Tremembé, abrangendo a primeira os períodos diurno e noturno, a segunda o noturno e a terceira o diurno, ausente na segunda escola. Foram selecionadas, ao acaso, duas classes de cada série e, em cada uma, realizado o censo dos alunos, abrangendo 24 classes e 689 alunos. Destes, 351 estavam matriculados na primeira escola (área com famílias em melhor situação) e 338 nas duas últimas (áreas com famílias em pior situação, de acordo com os dados oferecidos pela rede).

Estando as agendas dos sujeitos pré-estabelecidas e controladas por currículos e horários já fixados, metodologias de pesquisa-ação (LEWIN, 1951) demandariam projetos a médio ou mesmo longo prazo, envolvendo decisões e recursos fora de nossa área de influência e de difícil concretização no sistema de ensino público, onde pouca oportunidade têm os alunos de participar na elaboração do conteúdo e forma de ensino.

A metodologia lewiniana envolveria o desencadeamento de processo de mudança de percepções concomitante à tomada de decisões coletivas pelos próprios sujeitos no tocante a maneiras de sentir, pensar e agir, o que implicaria em dispor de pessoal, tempo e condições de Direito junto às escolas. Assim

optamos por elaborar questionário para coleta das informações, que funcionou como roteiro para o diálogo dos jovens consigo mesmos, facilitando a tomada de consciência e o relato de aspectos relevantes ao seu crescimento e desenvolvimento. Esses aspectos foram discutidos em grupo com os adolescentes, após a aplicação do instrumento, compartilhando a experiência e reduzindo eventual ansiedade.

A abordagem racional - ao nível do consciente - de aspectos afetivos e emocionais vinculados a experiências de vida demanda limiares de crescimento e desenvolvimento; percepções e significados somente estão disponíveis, ao nível do discurso conceitual, a partir do período das operações formais (PIAGET, 1955); não é possível, antes dos 14 anos, produzir relatos fidedignos e consistentes sobre o próprio comportamento (LANGNER, 1977),

A expressão conceitual de percepções e significados, mediante resposta a um instrumento auto-administrado (questionário), exigiria compreensão lógica e capacidade de distinguir alternativas ou hipóteses; os jovens, na faixa etária dos 14 aos 21 anos de idade, com escolaridade de segundo grau, reuniram as condições necessárias para o estudo a nível de conceitos, percepções e significados.

Ao contrário de testes projetivos, com estímulos ambíguos, no questionário o "quadro de referência" para as respostas, indeterminado nas perguntas abertas, estava explícito nas perguntas fechadas, cabendo ao sujeito fazer um auto-diagnóstico, avaliação ou julgamento em termos de evidências subjetivas, o que exige compreensão do significado do material e desenvolvi-

mento cognitivo ao nível dos sujeitos estudados.

A elaboração do instrumento, em termos de construção e conteúdo, correspondeu a um processo desenvolvido em tres etapas:

- 1a. redação das questões necessárias à explicitação das variáveis estudadas, na justa proporção de sua importância para os objetivos da pesquisa;
- 2a. validação do instrumento por dois juris, um constituído por especialistas em áreas relacionadas à educação e à saúde mental (pedagogia, sociologia, psicologia, psiquiatria) e outro integrado por adolescentes, da mesma faixa etária e escolaridade dos sujeitos;
- 3a. pré-teste do questionário junto a uma classe de segundo grau da rede estadual de ensino, não pertencente à amostra.

O juri de especialistas foi composto por professores com responsabilidade de ensino e pesquisa em diferentes institutos de ensino superior de São Paulo, totalizando dez juizes, número indicado como ótimo por GOODE & HATT (1972). Suas observações, por escrito, abrangeram: a) linguagem e construção das questões; b) pertinência em relação às variáveis em estudo; c) adequação do instrumento à população e d) outros aspectos da pesquisa. A versão final do instrumento recebeu a homologação desse Juri.

O juri de adolescentes, formado por doze estudantes, metade de cada sexo, cursando o segundo grau em três escolas estaduais não abrangidas pela pesquisa, preencheu, individualmente, for-

mulário sobre a) inteligibilidade das questões; b) facilidade ao responder; c) adequação à faixa etária; d) possibilidade de aplicação a nível de segundo grau e e) acrescentando comentários adicionais por escrito e oralmente, em entrevista subsequente.

Na última etapa realizamos estudo-piloto, abrangendo 42 sujeitos (24 rapazes e 18 moças), visando ao pré-teste do instrumento, utilizando uma classe de 2a. série do 2º grau, período noturno. Após responderem ao questionário, os alunos participaram de discussão conjunta sobre a experiência, intercambiando suas percepções a respeito das perguntas contidas no instrumento.

Após análise das informações colhidas, o questionário, em versão final, foi aplicado nas três escolas selecionadas segundo o mesmo procedimento do pré-teste: após responderem às perguntas por escrito, os sujeitos participaram de discussões conjuntas, coordenadas por psicólogos, focalizando a temática abordada.

Por ter correspondido a necessidades, interesses e motivos específicos da adolescência e pelas suas características de construção, o questionário manteve o interesse dos sujeitos ao longo do tempo necessário para sua aplicação (60 a 90 minutos). A discussão conjunta com os alunos levou tempo equivalente, permitindo a realização do trabalho de campo no período normal de aulas, com a anuência e colaboração dos professores.

O instrumento exigiu reflexão sobre situações carregadas de valores e afetos, envolvendo aspectos de identidade, auto -

-estima e eventuais conflitos, mais ou menos conscientes. Como roteiro para reflexão sobre experiências de vida, forneceu parâmetros em relação a elas; de forma heurística, revelou alternativas, canalizou percepções e permitiu aos sujeitos organizarem seu universo conceitual face às questões.

Nas discussões conjuntas, o compartilhamento das percepções, a verbalização de eventual ansiedade, funcionaram como experiência positiva sob aspecto psico-pedagógico. Os sujeitos, já a partir do preenchimento do questionário, sentiram-se valorizados como pessoas, muitos deles registrando, no verso da última página, depoimentos favoráveis e encorajadores (anexo III).

O cronograma de trabalho foi estabelecido de comum acordo com os diretores das três escolas, previamente entrevistados e informados sobre os objetivos da pesquisa, de acordo com a carta-circular ao aluno que acompanha e introduz o questionário elaborado (anexo I), cuja aplicação, após exame, autorizaram.

O trabalho de campo abrangeu o final de agosto e o início de setembro de 1982, no que concerne à aplicação do instrumento.

5. RESULTADOS

Dos 689 questionários aplicados, 55 foram eliminados da codificação, referentes a alunos com mais de 21 anos de idade (34) , morando sozinhos (3) ou que omitiram idade, sexo ou período de estudo (18), o que resultou em 634 sujeitos.

1. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

1.1 Nível e período escolar

Os sujeitos se distribuíram em proporções quase equivalentes ao longo das três séries do segundo grau (... 33,1%, 35,0% e 31,9%, respectivamente) e em relação aos períodos diurno e noturno (50,6% e 49,4%); a proporção de rapazes e a de moças no período noturno mantiveram-se próximas (48,2% e 51,8%). Quanto à proporção de rapazes e moças no período diurno (27,4% e 72,6%, respectivamente) e à distribuição dos sexos por série (42,6%, 33,3% e 24,1% para o sexo masculino e 27,2%, 36,0% e 36,8% para o sexo feminino, respectivamente) os resultados revelam uma associação com o sexo ($X^2=28,39$, 1 g.l., $p=0,0000$ e $X^2= 18,26$, 2 g.l., $p=0,0001$), denotando possivelmente a presença de fatores que estariam influenciando na escolha do período e progressão ao longo das séries (trabalho masculino, por exemplo).

1.2 Idade e sexo

As idades se distribuíram na faixa dos 14 aos 21 anos nas proporções de 0,9%, 10,6%, 20,8%, 26,8%, 20,3% , 10,7%, 6,9% e 3,0%, respectivamente; a distribuição é normal entre os 15 e 19 anos, com assimetria positiva em relação às idades de 20 e 21 anos (que reúnem 9,9% dos sujeitos). Entre os 16 e 18 anos temos 67,8% dos sujeitos; a moda, a média e a mediana coincidem com os 17 anos: a média foi de 17 anos e quase dois meses para os rapazes (17,16) e 17 anos e quase cinco meses para as moças (17,40). Em todas as idades a proporção de moças é maior do que a de rapazes e em razões diferentes; no conjunto o total de sujeitos correspondeu a 239 (37,7%) rapazes e 395 (62,3%) moças.

1.3 Família efetiva

A família efetiva, isto é, aquela com quem os sujeitos moram, corresponde, em 77,1% dos casos, à própria família de origem (pai e mãe), em 2,7% àquela com um dos pais e padrasto ou madrasta, em 12,8% à que conta só com a mãe, em 1,1% à que conta só com o pai, em 3,9% à de parentes e em 2,4% a outras pessoas. Considerando o sexo, 82,0% dos rapazes e 74,2% das moças moram com ambos os pais, enquanto só com a mãe estão 10,5% dos rapazes e 14,2% das moças; nos casos restantes as proporções não variam muito entre os sexos; 79,8% dos sujeitos, portanto, vivem em famílias completas.

1.4 Profissão dos Pais

Dos sujeitos, 87,0% declararam que o pai trabalha; 73,8% que a mãe trabalha apenas no lar (9,0% com atividade remunerada) e 26,2% que a mãe trabalha fora; 83,8% especificaram a profissão do pai e 25,4% a profissão da mãe. Em relação ao pai, 16,8% pertencem à categoria dos empresários (proprietários de estabelecimentos agrícolas, comerciais, industriais e de prestação de serviços), 15,4% à de trabalhadores da produção industrial, 14,7% à de trabalhadores de serviços, 12,4% à de trabalhadores das profissões científicas, técnicas e artísticas, 9,8% à de trabalhadores do comércio, 8,7% à de trabalhadores administrativos, 6,0% à de membros dos três poderes e das forças armadas, 0,9% à de trabalhadores agrícolas e 15,3% à categoria genérica de aposentados, funcionários públicos e outras atividades. Reunindo as categorias de empresários, profissionais técnicos, científicos e artísticos e membros dos três poderes e forças armadas obtemos 35,2% de pais em atividades ligadas a categorias sócio-econômicas mais elevadas, contra 64,8% em atividades vinculadas a categorias sócio-econômicas menos elevadas. Das mães que trabalham foram, 29,7% estão ligadas às atividades consideradas mais elevadas e 70,3% às menos elevadas, de acordo com as categorias acima.

1.5 Escolaridade dos Pais

Apenas 6,4% dos pais e 8,4% das mães não possuíam nenhum curso; 53,5% e 56,5%, respectivamente, concluíram o antigo primário; em comparação com os pais, poucas mães tinham curso superior (11,7% para 3,1%), sendo quase equivalente a proporção de pais e mães com o antigo ginásio (18,1% para 19,7%) e com escolaridade de 2º grau (10,3% para 12,3%).

1.6 Trabalho dos Sujeitos

Aproximadamente metade dos sujeitos trabalha (46,2%), 56,5% dos casos correspondendo a rapazes e 40,0% a moças. O número de horas de trabalho por dia é de 8 horas para 73,0% dos sujeitos, o restante trabalhando de 3 a 7 horas diárias.

Entre os que trabalham, 57,1% pertencem à categoria de trabalhadores administrativos, 23,8% às categorias de trabalhadores do comércio, de serviços e da produção industrial, 12,9% à categoria de trabalhadores das profissões científicas, técnicas e artísticas — pessoal auxiliar e 6,2% às demais categorias.

2. ASPIRAÇÕES, INTERESSES, VALORES E AUTO-IMAGEM

2.1 Significado da escolarização

Para 84,7% dos sujeitos a escola tem sentido para a

vida, além de preparar para uma profissão e facilitar um em prego: 34,1% valorizam a escola por ensejar relacionamento humano e sociabilidade; 28,9% por propiciar uma cosmovisão, cultura geral; 17,2% por favorecer o amadurecimento e desenvolvimento pessoal e 5,8% por dar condições para exercício da cidadania e socialização. Essa visão, compartilhada por rapazes e moças em proporções muito próximas, está expressa em respostas como estas, que transcrevemos:

"Acho que as pessoas ficam mais vivas, mais inteligentes;" "a escola ajuda a desenvolver a mentalidade"; "a comunicação com outras pessoas ajuda-nos no setor social"; "a escola ajuda a saber o porquê da vida"; "é de proveito para o dia-a-dia de cada um"; "ajuda a obter amizades"; "propicia organização, disciplina, convívio com outras pessoas"; "dá conhecimentos sobre a maior parte dos campos existentes"; "eleva a cultura"; prepara para ser alguém na vida"; "aprendemos a conhecer e a nos relacionar com todas as pessoas"; "ajuda a fazer amigos e a ter mais contacto"; "uma pessoa culta tem tudo na vida para melhorar"; "prepara para a sociedade"; "prepara para uma vida melhor"; "ajuda-nos a amadurecer e a compreender com maior facilidade tudo que nos cerca"

Quanto à importância atribuída ao tempo de estudo, deveres, notas escolares, os sujeitos diferiram, as moças atribuindo a esse item maior valor do que os rapazes. Assim a importância foi considerada regular por 45,7% dos rapazes e 39,4% das moças, muita por 29,7% e 45,0% e pouca ou nenhuma por 24,6% e 15,6%, respectivamente. Houve associação com o sexo ($\chi^2 = 18,67$, 3 g. l., $p = 0,0003$). No índice de auto-disciplina, a pontuação foi de 2,00 para os rapazes e 2,28 para as moças (escala de 0 a 3).

Em relação ao aproveitamento escolar, 66,8% dos rapazes e 54,7% das moças consideram-no regular, 23,1% e 38,2% bom e apenas 10,1% e 7,1%, mau, respectivamente; no conjunto, as moças revelam melhor aproveitamento do que os rapazes ($X^2 = 15,58$, 2g.l., $p = 0,0004$).

Após a conclusão do 2º grau, 75,7% dos sujeitos esperam estar trabalhando e estudando, só estudando 12,5%, só trabalhando 11,3% e sem estudar ou trabalhar 0,5% (as proporções de rapazes e moças se aproximam; note-se que 46,2% já trabalham).

Segundo os sujeitos, o prestígio do rapaz ou da moça que não quer mais estudar diminui, respectivamente, em 66,2% e 65,1% dos casos, não muda em 27,8% e 29,4% dos casos e aumenta apenas em 6,0% e 5,5% dos casos, não estando associado ao sexo.

Quanto ao prestígio de quem passa a trabalhar, os sujeitos consideram que, sendo rapaz, aumenta em 72,7% dos casos, não muda em 22,7% e diminui em 4,6% e, sendo moça, aumenta em 63,5% dos casos, não muda em 31,0% e diminui em 5,5% (não houve associação com o sexo do sujeito).

Tanto o trabalho quanto o estudo são valorizados por ambos os sexos, sendo fonte de prestígio para os jovens. No entanto, as moças se atribuem melhor rendimento escolar do que os rapazes, dando mais importância a tempo de estudo, deveres e notas. Rapazes e moças são quase unânimes ao ver na escola sentido que transcende o preparo profissional, influenciando no próprio processo de crescimento e desenvolvimento.

A opinião dos professores é levada em conta pelos sujeitos, em suas decisões, apenas em relação aos estudos (após a opinião dos pais), com 22,5% das citações; nos demais tópicos (aparência, dinheiro, lazer, profissão, relacionamento com o sexo oposto, religião e amizades) as citações para os professores não passam de 3,5% dos casos). Essas questões são decididas preferentemente no contexto da família e do grupo de pares, como se verá nesta tese. Os professores estão em segundo lugar entre as fontes preferidas de informação sobre sexualidade, depois dos pais, mas, como fontes de fato, ocupam lugares mais modestos (vide item 5).

2.2 Importância atribuída a aspectos da rotina de vida

A importância dada pelos adolescentes aos dez tópicos da rotina de vida representa fator de auto-regulação do comportamento, por estar ligada a escala de valores e foi quantificada mediante índice de importância atribuída a tópicos da rotina de vida.

Assim, na escala de 0 a 3, os rapazes obtiveram, em relação à importância dada a colegas, companhias, amizades, 2,633 pontos; lazer, recreação, distrações, entretenimentos, 2,498, relacionamento com o sexo oposto, 2,433; aparência pessoal, 2,285; alimentação, horários de refeição, 2,134; tempo de estudo, deveres e notas escolares, 2,004; gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro, 1,950; período de permanência fora de casa; horários, 1,812; crença religiosa, frequência a atos religiosos, 1,381; ajuda nas tarefas domésticas, 1,236.

Em relação aos rapazes, as moças obtiveram pontuações ligeiramente mais elevadas e quase na mesma ordem, exceção feita à

crença religiosa e ajuda doméstica, onde alcançam, ao contrário deles, posições acima da média e alimentação, horários de refeição, valorizados mais por rapazes. A pontuação média foi de 2,037 para os rapazes e 2,282 para as moças, o que dá a elas uma posição mais favorável no conjunto. As moças obtiveram para colegas, companhias, amizades, 2,778; aparência pessoal, 2,644; relacionamento com o sexo oposto, 2,528; lazer, recreação, distrações, entretenimentos, 2,391; tempo de estudo, deveres e notas escolares, 2,279; ajuda nas tarefas domésticas, 2,173; período de permanência fora de casa, horários, 2,181; gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro, 2,082; alimentação, horários de refeição, 1,977; crença religiosa, frequência a atos religiosos, 1,782 pontos. O sexo do sujeito esteve associado à importância dada a aparência pessoal ($X^2 = 39,67$, 3 g.l., $p = 0,0000$), colegas, companhias, amizades ($X^2 = 18,54$, 3 g.l., $p = 0,0003$), período de permanência fora de casa, horários ($X^2 = 33,29$, 3 g.l., $p = 0,0000$), tempo de estudo, deveres, notas escolares ($X^2 = 18,67$, 3 g.l., $p = 0,0003$), crença religiosa, frequência a atos religiosos ($X^2 = 25,60$, 3 g.l., $p = 0,0000$), ajuda nas tarefas domésticas ($X^2 = 130,19$, 3 g.l., $p = 0,0000$), itens esses em que as moças se destacam dos rapazes, havendo tendência masculina para valorizar alimentação e horários de refeição ($X^2 = 9,33$, 3 g.l., $p = 0,0252$) e feminina para dar importância a gastos pessoais e uso do dinheiro ($X^2 = 9,48$, 3 g.l., $p = 0,0235$).

Faça à religião, os sujeitos atribuem interesse, valorização e procura ao pai (60,0% dos rapazes e 60,3% das moças), à mãe (85,7% e 86,8%, respectivamente), ao melhor amigo (49,7% e 63,3%) e a si próprios (55,2% e 77,9%). Os demais, nas proporções respectivas, assinalam indiferença (não tomar conhecimento); a

terceira alternativa (menosprezo e ridicularização) pouco foi assinalada (máximo de 6% de casos, face ao melhor amigo). As moças se destacam dos rapazes em relação à atribuição a si próprias e à melhor amiga de preocupação religiosa ($X^2 = 27,39$, 2 g.l., $p = 0,0000$ e $X^2 = 8,28$, 2 g.l., $p = 0,0159$).

Ao lado da maior valorização de situações próprias à adolescência, como companhia do grupo de pares, atividades de lazer e relacionamento com o sexo oposto, observa-se nos outros itens da rotina de vida pontuações elevadas, especialmente entre as moças, que se destacam dos rapazes quanto à importância dada a companheiros, estudos, ajuda em casa, permanência fora e religião, confirmando possivelmente expectativas culturais em relação a alguns desses itens.

Apesar de religião figurar em último lugar, as moças atribuem a ela maior importância do que os rapazes, inclusive em relação à melhor amiga, enquanto ambos os sexos apontam maior preocupação religiosa da mãe do que do pai, o que poderá expressar traço cultural, vigente em nosso meio, de que religião é assunto mais reservado à mulher.

2.3 Percepção do desenvolvimento pessoal

O estudo de aspectos psico-sociais de crescimento e desenvolvimento, segundo a percepção que os sujeitos têm da opinião das pessoas a respeito deles, resultou em um índice de desenvolvimento pessoal, abrangendo nove tópicos (escala de 0 a 2).

Os rapazes obtiveram, no relacionamento familiar, 1,795 pontos; no relacionamento com os companheiros, 1,794; em responsabilidade e cumprimento de deveres, 1,630; em facilidade de convivência, 1,585; no desembaraço com os outros, 1,414; na atração para o sexo oposto, 1,370; no desempenho escolar, 1,301; em desenvolvimento físico, 1,297 e em relação à religião, 0,847. As moças obtiveram, em responsabilidade e cumprimento de deveres, 1,786; no relacionamento com os companheiros, 1,741; no relacionamento familiar, 1,739; no desenvolvimento físico, 1,542; em facilidade de convivência, 1,537; em atração para o sexo oposto, 1,489; no desempenho escolar, 1,485; no desembaraço com os outros, 1,401; em relação à religião, 1,106.

As moças estão em melhor posição do que os rapazes em relação a desenvolvimento físico ($X^2 = 25,54$, 2 g.l., $p = 0,0000$), desempenho escolar ($X^2 = 16,41$, 2 g.l., $p = 0,0003$) e preocupação com religião ($X^2 = 19,89$, 2 g.l., $p = 0,0000$). Nos demais tópicos os sexos apresentam perfis semelhantes, com pontuações elevadas. Como, principalmente na adolescência, a auto-imagem positiva depende do "eu ao espelho", de como achamos que os outros nos vêem, os resultados demonstram condições favoráveis ao processo de busca de identidade e manutenção de auto-estima. Pontuações menores dos rapazes em desempenho escolar, religião e desenvolvimento físico, revelaria, quanto às duas primeiras, situações de certa forma aceitas culturalmente e, quanto à última, possível ansiedade face a padrões culturais de desenvolvimento masculino.

No tocante às expectativas de vida, os adolescentes referem, de maneira geral, "ser felizes" (sic), ter êxito na vida (no estudo, na profissão, no trabalho, no amor), relacionar-se bem com as pessoas, ter tranqüilidade, estabilidade, equilíbrio, independência e autonomia, qualidades essas que denotam valorização de aspectos relevantes no caminho do desenvolvimento.

Além da família, do grupo de companheiros, da escola, do trabalho, existe a importante dimensão de vivência representada pelo uso do tempo livre. Essa dimensão significa uma alternativa à rotina, sendo fonte de descobertas, crescimento pessoal e intercâmbio com o mundo, onde saber ser e saber relacionar-se com pessoas, coisas e situações transcende o mero saber fazer (BOISSET, 1983). O uso adequado do tempo livre complementa mas não substitui as experiências na família, no grupo, na escola e no trabalho face às necessidades de crescimento e desenvolvimento.

Ao todo, 85,4% dos rapazes e 89,4% das moças têm atividade preferida nas horas vagas e que lhes dá satisfação; preferem esportes 29,3% e 16,2%, respectivamente; ouvir música 15,9% e 15,1%; ler livros 7,5% e 18,7%; assistir à televisão 4,2% e 7,1%; conversar com os companheiros, 9,6% e 4,5%; fazer passeios, 6,3% e 6,1%; pintar e desenhar 2,9% e 4,8%; cultivar artes em geral, 4,6% e 2,3%; praticar artesanato, 1,3% e 8,4%; ir a teatro, "shows" e cinema, 4,2% e 6,6%, além de outras atividades, menos citadas (respostas múltiplas).

Não têm atividade, mas desejariam ter alguma dentre as acima citadas, 8,3% dos rapazes e 8,1% das moças; os demais, 6,3% e

2,5%, respectivamente, alegando trabalhar, preferem apenas descansar nas horas vagas, não tendo nem desejando quaisquer outras atividades.

3 - INTERAÇÃO COM O GRUPO DE COMPANHEIROS

Em relação a todos os que integram o grupo de companheiros, 92,4% dos sujeitos citaram colegas de escola, 68,9% ex-colegas de escola, 68,6% vizinhos, 66,8 parentes, 56,7% outros (amigos de clube, igreja, viagem, etc.), 40,2% colegas de trabalho e 0,6% ninguém.

Considerando a proporção relativa dos integrantes do grupo, 41,0% correspondem a colegas e ex-colegas de escola, 17,4% a vizinhos, 17,0% a parentes, 10,2% a colegas de trabalho, 14,2% a outros e 0,2% a ninguém. Há pois, preponderância no grupo de companheiros de colegas de escola, atuais ou passados,

Entre dez tópicos da rotina de vida, os sujeitos consideram colegas, companhias e amizades como o item mais importante onde obtêm a pontuação mais elevada no índice de auto-disciplina (2,633 entre os rapazes e 2,778 entre as moças, na escala de 0 a 3). Em questão específica, a importância do grupo de pares para os sujeitos manteve-se elevada (muita importância, 80,5% dos rapazes e 86,3% das moças; regular importância, 17,4% e 11,1% e pouca importância, 2,1% e 2,6% respectivamente),

Os sujeitos escolheram três assuntos em uma lista com nove itens (um deles aberto) como objeto de mais conversa no grupo

de companheiros. Os mais citados, entre os rapazes, foram esportes (71,0%), diversões (58,6%) e sexo (43,0%); namoro, estudo, reuniões sociais, trabalho, família e outros corresponderam a 37,1%, 29,1%, 27,4%, 16,7%, 8,6% e 8,6% respectivamente. As moças citaram mais diversões (66,3%), namoro, (59,7%) e estudos (38,1%); reuniões sociais, família, sexo, trabalho, esportes e outros obtiveram 36,5%, 29,5%, 28,6%, 20%, 14,9% e 6,3%. Nota-se assim uma ênfase distinta entre rapazes e moças face aos assuntos de conversação no grupo de companheiros.

Do total, 41% dos sujeitos sentem-se sempre à vontade para expressar as próprias idéias no grupo de companheiros, 58% às vezes e apenas 1% nunca. Rapazes e moças não diferem nesse aspecto.

Se alguém no grupo de companheiros apresentasse proposta da qual discordassem, 28,2% dos sujeitos aceitariam a proposta se o grupo todo a aceitasse, enquanto 71,8% não a aceitariam mesmo que aceita pelo grupo. As moças rejeitariam a proposta em proporção maior do que os rapazes (75,6% para 65,5%), o que poderá indicar maior resistência feminina a pressões do grupo : $\chi^2 = 6,791$; 1 g.l., $p = 0,0092$.

Apenas 15,4% dos sujeitos declararam ter sido levados a fazer alguma coisa que consideram errada por pressão do grupo de companheiros, citando desde atos de indisciplina familiar e escolar (mentir aos pais, faltar às aulas) até comportamentos não aceitos socialmente (brigar, furtar, experimentar maconha), mencionados quase que exclusivamente pelos rapazes.

A influência do grupo de companheiros, comparada à dos pais, professores e outros, varia conforme o assunto considerado. Assim, face a lazer, recreação, 55,8% dos rapazes e 44,6% das moças indicam a influência de seus pares em maior proporção; contudo, em decisões referentes à aparência pessoal, amizades, estudos, dinheiro, profissão e religião, os pais prevalecem sobre os companheiros (pela ordem, 42,2%, 35,9%, 50,6%, 67,3%, 63,3% e 53,6% para os rapazes; 39,6%, 36,3%, 44,6%, 75,7%, 51,7% e 52,6% para as moças). Face ao relacionamento com o sexo oposto, os rapazes citam mais os companheiros do que os pais (37,9% para 17,7%) e as moças mais os pais do que os companheiros (32,3% para 27,2%), com predominância da mãe, isoladamente (17,0%), sendo o $\chi^2 = 35,83$, 7 g.l., $p = 0,0000$. Observou-se uma tendência ao alinhamento com o genitor do mesmo sexo em relação a dinheiro ($\chi^2 = 28,11$, 6 g. l. $p = 0,0001$) e profissão ($\chi^2 = 41,35$, 7 g.l., $p = 0,0000$). Em aparência pessoal, rapazes e moças citam também o grupo de pares, mas estas em maior proporção do que aqueles (27,1% para 17,3%), o inverso ocorrendo em relação a amizades (31,6% de rapazes para 23,5% de moças). Os resultados encontrados, no que tange à variação da influência entre pais e companheiros, confirmam pesquisas de BRITAIN (1963), KANDEL (1972), HARTUP (1980) e SEBALD & WHITE (1980). Quanto à influência dos professores, não ultrapassou 3,5% dos casos, exceto quanto ao item estudos, com 22,5% de citações. Parte dos sujeitos assinala não ser influenciada por ninguém em relação aos oito assuntos considerados, o que estaria ligado ao processo de auto-afirmação do adolescente; conforme o assunto, as proporções variaram entre 9,9% e 30,6% (rapazes) e 12,4% e 34,4% (moças), para aqueles que não referem influência de ninguém.

Dos sujeitos, 88,9% declaram ter um melhor amigo, ao qual atribuem características de crescimento e desenvolvimento cuja avaliação, mediante o índice de desenvolvimento do melhor amigo, resultou na seguinte ordem (escala de 0 a 2 pontos): relacionamento com os companheiros, 1,868; responsabilidade e cumprimento de deveres, 1,800; relacionamento familiar, 1,749; facilidade de convivência, 1,707; desembaraço no relacionamento com os outros, 1,658; atração para o sexo oposto, 1,472; desenvolvimento físico, 1,469; desempenho escolar, 1,357 e preocupação com religião, 1,040 (médias para ambos os sexos). Face às frequências observadas, as moças assinalam responsabilidade e cumprimento de deveres ($X^2 = 12,98$, 2 g.l., $p = 0,0015$), desenvolvimento físico ($X^2 = 19,06$, 2 g.l., $p = 0,0001$), preocupação religiosa ($X^2 = 16,77$, 2 g.l., $p = 0,0002$) e desembaraço no relacionamento com os outros ($X^2 = 6,19$, 2 g.l., $p = 0,0452$) em proporções maiores do que os rapazes. Estes, contudo, tendem a atribuir ao melhor amigo viver bem com a família em proporção maior do que as moças ($X^2 = 7,73$, 2 g.l., $p = 0,0209$). A escolha do melhor amigo ou amiga coincidiu com o sexo do sujeito em 73,9% e 79,4% dos casos, respectivamente para rapazes e moças.

Os sujeitos apontam, em geral, no melhor amigo ou amiga, qualidades necessárias a um adequado desenvolvimento psicossocial; desempenho escolar e preocupação religiosa, com pontuações menos elevadas, provavelmente não são vistas como critérios de escolha pela maioria dos sujeitos (que, por sua vez, apresentam perfil semelhante no índice de desenvolvimento pessoal). As diferenças entre os sexos, observadas em relação ao melhor amigo, repetem condições encontradas nos próprios sujeitos face às demais variáveis. Face ao processo de crescimento na adolescência

cia, considera-se natural que as moças assinalem melhor desenvolvimento físico em relação à melhor amiga, embora os rapazes possam expressar, nesse aspecto, alguma frustração face a seu próprio sexo quanto a ideais físicos de crescimento.

4. INTERAÇÃO COM OS PAIS

Dos sujeitos, 81,9% afirmam que os pais conhecem pessoalmente alguns dos seus companheiros, 16,3% que conhecem todos e apenas 1,8% que não conhecem nenhum. Quanto a conversar com os pais sobre as atividades realizadas com os companheiros, as moças conversam mais do que os rapazes ($X^2 = 29,83$, 3 g.l., $p = 0,0000$): 60,4% dos rapazes não conversam ou conversam pouco; 57,5% das moças conversam regularmente ou conversam muito.

Os adolescentes sentem que tanto o pai (63,3% dos casos) quanto a mãe (71,8%) gostam de seus companheiros e aprovam que andem juntos; apenas 10,9% (pai) e 14,5% (mãe) afirmam que os companheiros são apenas tolerados e 19,3% que o pai e 10,4% que a mãe simplesmente os ignora, não se interessando em saber quem são, deixando-os à vontade. Aberta rejeição (proibindo a companhia deles) e imposição (escolha dos companheiros) são assinaladas em número reduzido de casos (6,6% e 7,0% para o pai e 5,2% e 9,2% para a mãe). Não há associação entre o sexo dos sujeitos e a gama de comportamentos atribuídas aos pais em relação aos companheiros (em cerca de 10% dos casos os sujeitos deram respostas múltiplas).

Quanto à existência eventual de amizade desconhecida pelos pais e que estes não aprovariam, apenas 20,6% dos sujeitos afirmam possuí-la, esclarecendo que não seria aprovada porque

ou a aparência, ou o comportamento, ou as atitudes e valores desse amigo ou amiga não correspondiam a padrões aceitos pelos pais, desde corte de cabelo até prática de contravenções e infrações penais (tóxicos, roubos).

Os adolescentes sentem que os pais atribuem de regular (33,8%) a muita (52,4%) importância ao controle de colegas, companhias e amizades e apenas 13,8% assinalam que os pais dão pouca ou nenhuma importância; sob esse aspecto a pontuação obtida foi de 2,35 na escala de 0 a 3 (índice de hetero-disciplina), ocupando a terceira prioridade de controle pelos pais no rol de dez tópicos de rotina de vida.

Prioritariamente, os adolescentes sentem que os pais dão maior importância ao controle de alimentação, horários de refeição e período de permanência fora de casa, horários (2,59 e 2,52 pontos na escala de hetero-disciplina), e, em seguida a colegas, companhias, amizades (2,35), tempo de estudo, deveres e notas escolares (2,32), aparência pessoal (2,29), gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro (2,13), ajuda nas tarefas domésticas (1,99), lazer, recreação, distrações, entretenimentos (1,96), relacionamento com o sexo oposto (1,94), crença religiosa, frequência a atos religiosos (1,87).

Vistos sob os olhos dos adolescentes, os pais procuram controlar, em ordem de importância, aspectos ligados à saúde (alimentação), segurança (permanência fora de casa), ambiente social (companhias), instrução (escolaridade), aparência, despesas em dinheiro, ajuda no lar, lazer, relacionamento com o se

xo oposto e religião. Na escala de 0 a 3, todos os itens citados têm importância acima da média para os pais, segundo a visão dos próprios filhos (exceto ajuda no lar para o sexo masculino).

As moças referem ser alvo de maior controle em relação à ajuda nas tarefas domésticas (2,36 para 1,37 para os rapazes — com $X^2 = 145,24$, 3 g.l., $p = 0,0000$), período de permanência fora de casa, horários (2,66 para 2,30, com $X^2 = 36,34$, 3 g.l., $p = 0,0000$) relacionamento com o sexo oposto (2,07 para 1,73, com $X^2 = 23,21$, 3 g.l., $p = 0,0000$), aparência pessoal (2,30 para 2,28, com $X^2 = 11,35$, 3 g.l., $p = 0,0099$) e tempo de estudo, deveres, notas escolares (2,37 para 2,26, com $X^2 = 11,42$, 3 g.l., $p = 0,0096$). O índice conjunto de hétéro-disciplina foi, para moças, 2,82 e para os rapazes, 2,05.

A discordância entre os adolescentes e seus pais em relação aos tópicos citados não é grande: na escala de 0 a 3 denotam pouca discordância (índices ao redor de 1). O maior índice encontrado chega a 1,68 (discordância um pouco acima da média) e refere-se ao período de permanência fora de casa, horários, sendo seguido por gastos em objetos, roupas, uso de dinheiro (1,33), tempo de estudo, deveres e notas escolares (1,33), alimentação, horários de refeição (1,20) e pelos demais itens em ordem decrescente até 0,80, para aparência. Há influência do sexo do sujeito em relação a tempo de estudo, deveres, e notas escolares (maior discordância com os rapazes: $X^2 = 17,89$, 3 g.l., $p = 0,0005$), ajuda nas tarefas domésticas (... maior discordância com moças: $X^2 = 23,51$, 3 g.l., $p = 0,0000$)

e relacionamento com o sexo oposto (maior discordância com as moças: $X^2 = 30,05$, 3 g.l., $p = 0,0000$).

Quando as médias dos índices de hêtero-disciplina (controle a cargo dos pais) e de auto-disciplina (controle a cargo do adolescente) são comparadas elas coincidem, embora a comparação por tópico possa revelar alguma variação.

Quanto ao desacordo atribuído aos pais em relação à orientação a ser dada aos sujeitos, foi detectado na escala de 0 a 3 um índice de discordância entre os pais menor do que 1 (0,891), média dos índices dos dez tópicos referentes à rotina diária de vida do adolescente (o índice maior, de 1,298, refere-se a período de permanência fora de casa, horários, seguido por gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro, com 1,059). As moças vêem maior discordância entre o casal quando se trata de ajuda nas tarefas domésticas ($X^2 = 21,28$, 3 g.l., $p = 0,0001$) e relacionamento com o sexo oposto ($X^2 = 20,85$, 3 g.l., $p = 0,0001$).

Apenas 14,2% dos sujeitos consideram-se motivo de desacordo entre os pais: questões relacionadas à disciplina de rotina de vida e aparente déficit no relacionamento afetivo, envolvendo o casal e os filhos, são levantados pelos sujeitos em suas justificações.

Os sujeitos assinalam que o abandono do lar diminui o prestígio do rapaz em 60,8% dos casos e da moça em 73,4%; em 28,7% e 16,9%, respectivamente, o prestígio do rapaz e da moça não se altera; apenas 10,5% e 9,5% acreditam que ele aumenta para rapaz e moça em caso de abandono do lar, respectivamente,

Ambos os sexos assinalam mau rendimento e abandono dos estudos (24,1%) e desobediência, mentira, irresponsabilidade (12,9%) como situações que deixariam os pais mais desgostosos e aborrecidos; delinquir, furtar, usar tóxicos é citado mais pelos rapazes do que pelas moças (33,1% para 7,3%) e levar vida sexual permissiva e abandonar o lar são citados mais pelas moças do que pelos rapazes (18,7% para 5% e 15,9% para 5,4%, respectivamente), como eventuais causas de desgosto e aborrecimento para os pais, além de outros tópicos, menos citados.

Em relação a ações praticadas pelos sujeitos e consideradas "corretas", os adolescentes sentem que o pai (54,3%) e a mãe (68,9%) geralmente elogiam; sentem que criticam em 3,6% (pai) e 1,7% (mãe) dos casos, ignoram em 16,6% (pai) e 5,6% (mãe) dos casos e reagem aleatoriamente (reação imprevisível) em 25,5% (pai) e 23,8% (mãe) dos casos. Não há associação entre o sexo dos sujeitos e os tipos de contingências descritos,

Em relação a ações consideradas "erradas", os adolescentes sentem que o pai (53,0%) e a mãe (65,4%) geralmente buscam a solução mediante discussão conjunta com o sujeito; sentem que geralmente ignoram em 12,1% (pai) e 4,5% (mãe) dos casos, castigam em 11,3% (pai) e 9,9% (mãe) dos casos e reagem aleatoriamente (reação imprevisível) em 23,6% (pai) e 20,2% (mãe) dos casos. Existe associação entre o sexo dos sujeitos e a conduta atribuída aos pais em relação a ações incorretas (pai: $\chi^2 = 21,88$, 3 g.l., $p = 0,0001$; mãe: $\chi^2 = 9,98$, 3 g.l., $p = 0,0187$), as moças sendo alvo de reações imprevisíveis em maior proporção do que os rapazes: 28,5% para 15,6% em relação ao pai e 24,3% para 13,0 em relação à mãe.

A associação encontrada poderia ser explicada face a uma inconsistência real dos pais quanto a ações consideradas incorretas praticadas pelas filhas; a conduta não repressiva de diálogo e solução conjunta é apontada mais pelo sexo masculino (66,1% dos rapazes) do que pelo sexo feminino (45,0% das moças) em relação ao pai e mesmo quando se trata da mãe (71,9% dos rapazes e 61,7% das moças).

Em relação à percepção do papel educativo de ambos os pais, os adolescentes sentem que os pais são pessoas mais experientes, que os orientam e com quem podem contar (64,7% dos rapazes e 50,9% das moças quando se trata do pai e 69,2% de ambos os sexos quando se trata da mãe); 28,6% dos rapazes e 16,3% das moças vêem o pai como uma espécie de colega, a quem tratam de igual para igual; em relação à mãe compartilham dessa percepção 30,8% dos rapazes e 28,8% das moças. Apenas 20,5% dos rapazes e 25,7% das moças sentem o pai como uma pessoa autoritária, "mandona", que exige prestação de contas de seus atos; essa proporção baixa, em se tratando da mãe, para 14,1% para os rapazes e 16,5% para as moças. As adolescentes tendem a ver o pai como pessoa indiferente e alheia em 17,4% dos casos (para 12,5% de rapazes) e a mãe em 7,7% dos casos (para 10,7% de rapazes). Parte dos sujeitos assinalou mais de uma categoria.

As percepções acima indicam predominância de relações assimétricas do tipo "autorizador" (pais orientadores-experientes), seguidas de relações simétricas igualitárias (pais espécie-de-colega), excetuando a díade pai-filha; as relações assimétricas

cas autoritárias (pais "mandões") aparecem mais em relação ao pai do que à mãe e finalmente omissão das relações (pais alheios-indiferentes) é apontada pela menor proporção de sujeitos (e em razão um pouco maior na diáde pai-filha). O teste de χ^2 revelou associação quanto ao sexo do sujeito somente no tocante às relações com o pai, tipo simétrica igualitária ($\chi^2 = 11,66$, 1 g.l., $p = 0,0006$), experimentada mais pelos rapazes, e assimétrica autorizadora ($\chi^2 = 10,13$, 1 g.l., $p = 0,0015$), também assinalada pelos mesmos, o que indica que o papel da mãe tende a ser percebido de maneira mais uniforme por ambos os sexos, enquanto o papel do pai tende a variar segundo o sexo dos filhos, pelo menos em duas das quatro categorias assinaladas.

Em relação ao pai, 48,2% dos rapazes e 33,1% das moças sentem que o interesse e a atenção recebidos são satisfatórios em todos os aspectos; em relação à mãe, a proporção aumenta para 58,1% e 44,1%, respectivamente. Maior proporção de moças do que de rapazes assinala a existência de aspectos satisfatórios e insatisfatórios conjugados, tanto da parte do pai ($\chi^2 = 12,00$, 2 g.l., $p = 0,0025$) quanto da parte da mãe ($\chi^2 = 12,70$, 2 g.l., $p = 0,0017$), no tocante a atenção e interesse recebidos no lar, principalmente em relação ao pai. Nesse sentido, a satisfação apenas parcial de rapazes e moças em relação ao pai é de, respectivamente, 46% para 59% e, em relação à mãe, de 41% para 53%. Em geral, os sujeitos apontam, como aspectos satisfatórios, orientação recebida (15,9%), cuidado físico, alimentação, saúde (14,5%), compreensão (12,5%), diálogo (12,3%) interesse pelo estudo, trabalho (10,6%) e, como aspectos insa-

tisfatórios, incompreensão (11,0%), imposição (8,0%), desatenção (6,9%), atitudes na área de namoro e sexo (3,9%). Sentem que a atenção e o interesse são insatisfatórios em todos os aspectos apenas 7% (pai) e 2% (mãe) dos sujeitos,

Quanto à qualidade da interação afetiva, indicada pela maneira usual de tratar os filhos, os sujeitos vêem a mãe como mais carinhosa e acolhedora (63,3% dos rapazes e 59,2% das moças) do que o pai (36,7% dos rapazes e 41,0% das moças). Impreviabilidade de reações é referida ao pai por 49,6% dos rapazes e 46,3% das moças e à mãe por 38,4% dos rapazes e 37,2% das moças. Frieza e distância são assinaladas também mais quanto ao pai (18,6% dos rapazes e 14,3% das moças) do que quanto à mãe (4,2% dos rapazes e 7,2% das moças). Ação hostil, agressiva, da parte de ambos os pais, corresponde a apenas 5,3% dos casos em relação à mãe e 6,2% em relação ao pai. Cerca de 10% dos sujeitos escolheram mais de uma categoria.

Entre os rapazes, 73,5% e, entre as moças, 60,8% sentem que os pais se apoiam reciprocamente; nos casos restantes, das moças, 17,4% negam a existência de apoio mútuo, 15,7% acreditam que apoio é só da mãe e 6,1% que o apoio é só do pai (sem contrapartida do outro cônjuge); dos rapazes 7,8% não vêem apoio mútuo, 11,4% acham que só a mãe dá apoio e 7,3% que só o pai dá apoio. Houve associação entre o sexo dos sujeitos e a percepção de apoio entre os cônjuges ($X^2 = 14,72$, 3 g.l., $p = 0,0021$), as moças sentindo-o menos do que os rapazes, e, em 33,1% dos casos, negando-o ou assinalando falta de reciprocidade de parte do pai (para 19,2% dos rapazes).

Em relação ao grau de responsabilidade atribuído aos pais em relação à família, quase a metade dos rapazes (49,6%) e das moças (47,4%) acreditam que ambos os pais assumem a mesma responsabilidade pela família; 38,5% das moças sentem que a mãe assume maior responsabilidade do que o pai, enquanto 13,3% pensam o inverso; a metade restante dos rapazes praticamente dividiu-se, 23,5% atribuindo maior responsabilidade à mãe e 25,6% ao pai (1,3% dos rapazes e 0,8% das moças afirmam inexistir responsabilidade). Vemos assim que as moças percebem, nos casos em que a responsabilidade é desigual, maior sobrecarga da mãe ($\chi^2 = 17,20$, 2 g. l., $p = 0,0000$).

Em relação à ajuda recíproca dentro da família como um todo, 59,0% dos rapazes e 53,7% das moças sentem que uns ajudam aos outros e todos se interessam por todos, enquanto 34,7% dos rapazes e 40,9% das moças acham que alguns ajudam, outros interferem ou são indiferentes; 6,3% dos rapazes e 5,4% das moças afirmam que ninguém ajuda ninguém.

Apenas 19,6% dos sujeitos sentem a harmonia familiar prejudicada por desacordos evidentes ou encobertos; os demais afirmam existir na família uma harmonia básica (com desacordos ocasionais).

Verificamos assim que, em relação ao estilo educativo e à integração familiar, rapazes e moças nem sempre coincidem em sua visão. Os rapazes estão mais satisfeitos com o interesse e a atenção dos pais, participam de discussão conjunta quando fazem algo considerado errado pelos pais, mantêm relações com o pai do tipo assimétrico-autorizadoras e percebem maior apoio entre pai e mãe. No entanto, em relação à interação afetiva, às reações dos pais face a ações corretas e aos papéis educativos da mãe não se verificou associação com o sexo.

A adoção ou não do modelo educativo da família de origem esteve relacionada ao sexo do sujeito ($X^2 = 4,33, \text{lg.l.}, p=0,0374$). A não reprodução do tipo de educação recebida foi tendência feminina e a sua conservação, tendência masculina. Educariam seus filhos da mesma forma como são educados pelos pais 52,7% dos rapazes e 43,8% das moças, alegando que a educação recebida no lar é basicamente correta ou também enfatizando a atenção, o afeto, o diálogo, o clima de liberdade no lar. Educariam seus filhos de maneira diferente 47,3% dos rapazes e 56,2% das moças, por falta de compreensão, abertura e atualização dos pais, cerceamento de liberdade (imposição) e atitude dos pais em relação à sexualidade (queixa esta de 6,3% dos rapazes e 10,6% das moças).

Não se esperava encontrar sujeitos que satisfizessem a todo um conjunto de condições consideradas desejáveis em relação à interação familiar, envolvendo categorias determinadas correspondentes a treze variáveis e exigindo respostas congruentes face a ambos os pais. Contudo, 4,7% dos adolescentes sentem que o pai e a mãe (a) elogiam, apoiam, estimulam quando fazem alguma coisa fora da rotina, de certa importância, considerada correta ou bem feita; (b) discutem antes o assunto com eles, buscando juntos uma solução, quando fazem alguma coisa considerada errada ou mal feita fora da rotina e de certa importância; (c) demonstram interesse e atenção satisfatórios em todos os aspectos; (d) costumam agir, em geral, de maneira carinhosa e acolhedora em relação a eles; (e) assumem o mesmo grau de responsabilidade pela família; (f) são pessoas mais experientes, que os orientam e com quem podem contar; (g) dão

apoio um ao outro; e que (h) na família, geralmente uns ajudam aos outros, todos se interessam por todos.

Como a probabilidade de encontrar todas essas características reunidas ao acaso é bem baixa, podemos considerar que a proporção de sujeitos encontrada, embora pequena (4,7%), revela um real grau de qualidade na interação familiar.

Considerando o conjunto dos resultados obtidos face à interação com os pais, verifica-se o seguinte:

Em sua maioria, os sujeitos não apontam restrições dos pais face a seus companheiros; aqueles que o fazem indicam tolerância ou rejeição; outros citam ainda indiferença e alheamento. Do ponto de vista do desenvolvimento psicossocial, a aceitação dos companheiros pelos pais constitui condição para experiências convergentes nos grupos familiar e de pares, dentro do mesmo universo de valores e significados (CAMPBELL, 1971; BRONFENBRENNER, 1973; HARTUP, 1980; DORN, 1981). A maioria dos sujeitos tem, pois, uma vivência família-pares complementar e harmônica.

O controle exercido pelos pais na rotina de vida dos sujeitos é, em geral, bem aceito pelos jovens, dado o baixo índice de discordância entre eles e os pais; contudo, as moças referem ser alvo de maior controle do que os rapazes junto à ajuda nas tarefas domésticas, período de permanência fora de casa e relacionamento com o sexo oposto, o que provavelmente reflete, nessas áreas, expectativas culturais diferentes para ambos os sexos. Os pais pouco discordam entre si quanto à orientação da

da aos filhos, face aos assuntos da rotina de vida, mas parte das moças sente, discordância quanto à ajuda nas tarefas domésticas e relacionamento com o sexo oposto, o que indicaria aspectos de transição cultural.

Os sujeitos estão conscientes das expectativas dos pais em relação ao seu desempenho pessoal, abrangendo estudo, disciplina familiar e comportamento social, indicando introjeção de valores.

No plano afetivo, a percepção da mãe como mais carinhosa e acolhedora do que o pai, por mais da metade dos sujeitos de ambos os sexos, confirma o papel integrador-expressivo que lhe é atribuído por PARSONS & BALES (1955). O papel do pai, adaptativo-instrumental, pode, contudo, estar prejudicado pela imprevisibilidade de reações apontada em quase metade das respostas masculinas e femininas. O fato de parte dos sujeitos sentir os pais frios e distantes, hostis ou mesmo imprevisíveis pode indicar um tipo de interação familiar geralmente associado à eclosão de desvios psicóticos (LANGNER et al., 1977; BROWN et al., 1978; BATESON et al., 1980).

As reações dos pais face a ações consideradas corretas (elogio) ou incorretas (discussão conjunta) são positivas na maioria dos casos, mas reações aleatórias, aversivas ou de indiferença (esta última não reforçando as ações corretas) são mencionadas por parte dos sujeitos, em prejuízo da adequação requerida sob o aspecto psicopedagógico. As moças estão mais sujeitas do que os rapazes a reações imprevisíveis, confirmando discriminação dos pais em relação a filhos de sexo diferente (PAPALIA et al., 1978).

Embora a maioria dos sujeitos veja os pais como orientadores-experientes, ou autorizadores na taxionomia de BAUMERIND (... 1971), parte dos sujeitos aponta relação simétrica-paritária, considerada inadequada por MINUCHIN (1977), levando a um apagamento de papéis (KOENIG, 1950); parte assinala indiferença ou alheamento, traduzindo omissão do desempenho dos papéis de pai e ou de mãe, caracterizando o abandono moral (CATALANO, 1979; RUYTER, 1973) e a falta de vínculo de reciprocidade (... HIRSCHI, 1969): parte, finalmente, refere autoritarismo, que NILSON-GIEBEL (1980), entre outros, aponta como gerador de rebeldia e maior rigidez.

A maioria dos sujeitos assinala que ambos os pais assumem em igual medida as responsabilidades pela família, apoiando-se mutuamente, satisfazendo pois condições importantes à manutenção de um clima favorável ao crescimento psicossocial dos membros da família (BATESON, et al., 1980; TOWLE, 1955, entre outros). Parte dos jovens, porém, atribui maior responsabilidade à mãe, o que pode significar concentração do poder de decisão na figura materna, com risco de tornar os filhos dependentes (BRONFENBRENNER, 1973) e levar à abdicação pelo pai dos papéis de socialização, formação cultural e emancipação (RUYTER, 1973; CATALANO, 1979).

Finalmente, quanto à adoção ou não do modelo educativo da família de origem em relação à futura família, os sujeitos se dividiram havendo maior rejeição do mesmo por parte das moças, possivelmente expressando maior discriminação que sentem por parte dos pais.

5. INTERAÇÃO COM O SEXO OPOSTO

O relacionamento com o sexo oposto tem para 54,2% dos rapazes e 62,8% das moças muita importância, regular para 37,0% e 29,5%, e pouca ou nenhuma para 8,8% e 7,7%, respectivamente. No índice de auto-disciplina esse item é o terceiro em importância na vida do jovem, com 2,433 pontos para os rapazes e 2,528 pontos para as moças (escala de 0 a 3).

Entre os sujeitos, 83,3% dos rapazes e 81,8% das moças namoram ou já namoraram (estão namorando 35,1% e 43,5% e já namoraram 81,5% e 79,7%, respectivamente). Dos que estão namorando, 30% o fazem de uma semana até 3 meses; 14,8% de 3 a 6 meses; 15,6% de 6 meses a um ano; 16,8% de um a dois anos; 15,6% há mais de dois anos e apenas 7,2% há uma semana. Dos que já namoraram o namoro durou até 3 meses em 49,4% dos casos; 3 a 6 meses em 17,9%; de 6 meses a um ano em 15,1%; de um a dois anos em 8,5%; mais de dois anos em 5,8%; e até uma semana em 3,3% dos casos.

Dentre todos os sujeitos, 83,9% dos rapazes e 85,3% das moças já haviam namorado antes de atingir os 16 anos de idade. Entre os 14 e 15 anos, 49,9% das moças e 34,2% dos rapazes iniciam namoro; nas idades anteriores de 12 a 13 anos, a proporção é semelhante (14,6% e 14,1%, respectivamente, para os rapazes e 13,3% e 14,9% para as moças). Em idades mais precoces (início entre 7 a 11 anos, inclusive), há um nítido predomínio dos rapazes (21,0% para 7,0% de moças); em idades mais tardias (início entre os 16 e 21 anos de idade) ambos os sexos

se aproximam (16,1% dos rapazes e 14,9% das moças),

Quanto à constância do relacionamento no namoro, os rapazes as sinalam ter tido mais namoradas do que as moças namorados. Os sujeitos assinalaram de 1 a 40 namorados; a moda para ambos os sexos é de 3 namorados, mas a média para os rapazes é de 7,1 namoradas, enquanto para as moças a média é de 4,9 namorados (45,7% dos rapazes e 49,2% das moças assinalam ter tido até três namorados, 22,3% e 31,3% de 4 a 6, 14,1% e 13,2% de 7 a dez e 17,9% e 6,3%, respectivamente, mais do que onze),

A qualidade do intercâmbio na situação de namoro quanto a troca de afeto, confiança, comunicação e compreensão mútuas foi aferida mediante o índice de mutualidade no namoro, na escala de 0 a 3, sendo obtidas as médias de 2,251 para o sexo masculino e 2,361 para o sexo feminino e, por tópico, índices pouco afastados das médias, sem diferenças significativas entre os sexos em relação aos indicadores, excetuando o aspecto de doação de amor (quanto o sujeito diz ter gostado da outra pessoa), cuja pontuação foi de 2,313 para as moças e 1,970 para os rapazes ($X^2 = 14,03$, 3 g.l., $p = 0,0029$). No conjunto, os valores estão no terço superior da escala (entre 2 e 3), o que indica que a situação de namoro é vivenciada pelos jovens em níveis satisfatórios no tocante à reciprocidade de afeto, confiança, comunicação e compreensão.

A intimidade física no namoro revelou-se associada ao sexo do sujeito ($X^2 = 19,69$, 3 g.l., $p = 0,0002$); mais rapazes do que moças assinalaram as categorias Bastante e mais ou menos (pela ordem, 19,6% e 30,2% dos rapazes para 12,9% e 17,2% das moças),

o inverso ocorrendo em relação às categorias pouco e nada (respectivamente, 17,5% e 32,8% para 21,5% e 48,3%). Acreditamos que a maior reserva entre as moças nessa questão reflete uma valorização específica: enquanto para os rapazes maior intimidade física reforçaria a identidade masculina, para as moças seria uma decorrência do relacionamento afetivo, não um alvo em si. A intimidade física variou desde carícias, beijos e abraços até contatos envolvendo áreas erógenas e relações sexuais.

Considerando as descrições oferecidas pelos sujeitos, temos o quadro seguinte: nenhuma intimidade física, 32,8% dos rapazes e 48,3% das moças; afagos, beijos, abraços, mãos dadas e "intimidades normais", 33,9% dos rapazes e 28,8% das moças; contatos e relações sexuais, 19,6% dos rapazes e 11,6% das moças; toques íntimos, 3,7% dos rapazes e 4,6% das moças e sem descrição 10,1% dos rapazes e 6,6% das moças.

Os sujeitos sentem que o namoro pouco interfere na vida familiar, escolar ou de grupo; a média dos índices de interferência foi baixa nos três casos e quase a mesma para ambos os sexos (média global 0,689 na escala de 0 a 3); as moças assinalam um grau de interferência ligeiramente maior do namoro na vida familiar (0,675 para 0,400 para os rapazes, com $X^2=11,24$, 3 g.l., $p = 0,0105$) e os rapazes acusam um grau de interferência ligeiramente superior na vida escolar (0,791 para 0,559 para as moças, com $X^2 = 12,76$, 3 g.l., $p = 0,0052$); o grau de interferência na vida do grupo de pares é quase o mesmo para ambos os sexos (0,851 pontos em média).

Rapazes e moças divergem ao atribuir aos pais conhecimento de estarem namorando ou terem namorado: em aproximadamente dois terços dos casos afirmam que ambos os pais souberam (74,3% dos rapazes e 63,4% das moças), ou que nenhum soube (15,3% e 13,1%, respectivamente); quando apenas a mãe soube, a proporção foi de 22,9% para as moças e 8,4% para os rapazes; só o pai ter tido conhecimento correspondeu apenas a 0,6% das respostas das moças e 2,0% dos rapazes ($X^2=20,02$, 3 g.l., $p=0,0002$).

Quanto à reação dos pais face ao namoro (real ou esperada, caso tivessem tido ou viessem a ter conhecimento do namoro), rapazes e moças diferem em relação às condutas atribuídas. No tocante ao pai, em mais da metade dos casos os rapazes assinalam interesse (55,2%) e em cerca de um quarto desinteresse (26,6%), enquanto as moças atribuem interesse em menos da metade (47,2%) e desinteresse em 14,5% dos casos, apontando tolerância em cerca de um quinto dos casos (19,8% para 3,9% para os rapazes) e tentativa de impedir em 10,1% dos casos (para 0,6% dos rapazes). No tocante à mãe, a reação de interesse é assinalada em cerca de dois terços dos casos (64,0% de rapazes e 68,9% de moças), desinteresse na proporção de 13,4% para os rapazes e 4,7% para as moças e tolerância na razão de 6,4% para os rapazes e 16,7% para as moças; tentativa de impedir corresponde a 1,2% dos rapazes e 4,3% das moças. Outras reações atribuídas ao pai por 13,6% dos rapazes e 8,5% das moças e à mãe por 15,0% e 5,4% respectivamente, referem-se a brincadeiras, preocupação, medo, ciúmes, ou aceitação progressiva. As reações atribuídas ao pai e à mãe estiveram associadas ao sexo ($X^2=41,45$, 4 g.l., $p=0,0000$ e $X^2=35,03$, 4 g.l., $p=0,0002$).

Verificamos que a mãe tende a se interessar mais pelo evento na moro, independentemente do sexo dos filhos; que as filhas apontam, de parte dos pais, as reações tolerância e tentativa de impedir em maior proporção do que os rapazes (que pouco as assinalam); os sujeitos atribuem maior desinteresse em relação ao progenitor de sexo contrário.

Quanto ao prestígio de alguém que começa a namorar, os rapazes acham, em relação a seu próprio sexo, que ele aumenta em 64,2% dos casos, não muda em 32,7% dos casos e diminui em 3,1% dos casos; em relação ao sexo contrário, que aumenta em 48,6% dos casos, não muda em 42,4% dos casos e diminui em 9% dos casos. As moças, por sua vez, acham que, em relação a seu próprio sexo, o prestígio de alguém que começa a namorar aumenta em 43,4% dos casos, não muda em 46,4% dos casos e diminui em 10,2% dos casos; em relação ao sexo contrário, que aumenta em 54,6% dos casos, não muda em 38,7% dos casos e diminui em 6,7% dos casos. Parece, assim, que começar a namorar favorece mais o prestígio dos rapazes, não afetando muito o das moças, na opinião de ambos os sexos.

Sobre quem namora qualquer pessoa (não escolhendo muito) os rapazes acreditam que, em relação a seu próprio sexo, o prestígio diminui em 54,5% das respostas, não muda em 32,4% e aumenta em 13,1%; em relação ao sexo oposto crêem que diminui em 77%, não muda em 17,4% e aumenta em 5,6%. As moças, por sua vez, acham que, em relação a seu próprio sexo, o prestígio diminui em 77,8% não muda em 16,7% e aumenta em 5,5%; em relação ao sexo oposto, que diminui em 45,6%, não muda em 40,9% e aumenta em 13,5% das respostas. Embora ambos os sexos atribuam uma diminuição de

prestígio ao fato de namorar qualquer um(a), deixam claro que os rapazes têm seu prestígio menos afetado do que as moças por essa prática.

Quanto ao prestígio de quem namora mais de uma pessoa, os rapazes assinalam, em relação ao seu próprio sexo, que ele aumenta em 38,6% dos casos, não muda em 31,9% e diminui em 29,5%; em relação ao sexo oposto acham que diminui em 67,9% dos casos, não muda em 19,5% e aumenta em 12,6%. As moças, por sua vez, acreditam que, em relação ao seu próprio sexo, diminui em 71,7%, não muda em 18,6% e aumenta em 9,7%; em relação ao sexo contrário, que diminui em 36,4%, aumenta em 32,4% e não muda em 31,2%. Vemos novamente que ambos os sexos desfavorecem a prática em relação às moças, mas não em relação aos rapazes.

Os dados revelam que o prestígio ou valor atribuído ao evento namoro, à discriminação na escolha e à fidelidade, sofre variação segundo a questão é aplicada a um rapaz ou a uma moça, mas não está associado ao sexo do sujeito que responde. Para ambos os sexos iniciar namoro é algo que prestigia mais o rapaz do que a moça, namorar mais de um(a) é algo que desprestigia mais a moça do que o rapaz e namorar indiscriminadamente (qualquer um ou uma) é algo que desprestigia a ambos, mas mais a moça.

Quanto aos sentimentos despertados pela sexualidade verificamos que, de maneira geral, a sexualidade desperta nos sujeitos sentimentos positivos, adequados à sua inclusão como componentes da personalidade e ao processo de crescimento e desenvolvimento. Por ordem de frequência, os sujeitos de ambos os se -

xos citaram, em proporções elevadas, sentimentos associados a atração (94,4%), amor (92,4%), alegria (91,0%), prazer (89,9%), naturalidade (82,1%), espontaneidade (76,9%), tranqüilidade (72,0%), confiança (69,7%), êxito (67,1%), curiosidade (66,1%). A influência do sexo do sujeito fez-se presente quanto a amor, mais citado pelas moças ($X^2 = 11,81$, 1 g.l., $p = 0,0006$); naturalidade, mais citado pelos rapazes ($X^2 = 6,66$, 1 g.l., $p = 0,0099$) e êxito, também mais citado por eles ($X^2 = 4,33$, 1 g.l., $p = 0,0375$).

Os sujeitos, contudo, associam à sexualidade sentimentos que podem expressar conflitos íntimos, como ansiedade (80,8% dos rapazes e 72,0% das moças), medo (20,6% dos rapazes e 44,3% das moças), insegurança (24,6% dos rapazes e 42,0% das moças), sofrimento (14,2% dos rapazes e 21,5% das moças), vergonha (12,9% dos rapazes e 26,1% das moças), obrigação (20,7% dos rapazes e 9,0% das moças), ausência de inocência (76,3% dos rapazes e 63,9% das moças). Sentimentos de ansiedade, obrigação e ausência de inocência afetam mais rapazes do que moças e medo, sofrimento, vergonha e insegurança atingem mais moças do que rapazes. Nessa ordem, para um grau de liberdade, foram obtidos os seguintes resultados: $X^2 = 5,49$ ($p = 0,0191$); $X^2 = 15,67$ ($p = 0,0001$); $X^2 = 9,68$ ($p = 0,0019$); $X^2 = 33,95$ ($p = 0,0000$); $X^2 = 4,47$ ($p = 0,0344$); $X^2 = 13,69$ ($p = 0,0002$); $X^2 = 18,18$ ($p = 0,0000$). Desconfiança foi ainda assinalada por 19,3% dos rapazes e 21,8% das moças.

Em relação à iniciação sexual, 73,2% dos rapazes e 12,6% das moças declaram ter tido relações sexuais. A idade da iniciação variou de 6 (sic) a 20 anos, estando a moda masculina nos 15 anos e a moda feminina nos 17 anos de idade. A média para

os rapazes é de 14,41 e para as moças de 17,02 anos de idade (nenhuma moça assinalou iniciação sexual antes dos 14 anos). A maior precocidade na iniciação é, pois, característica masculina. A proporção de moças com experiência sexual é quase a mesma daquelas que a assinalam em situação de namoro (12,6% para 11,6%), enquanto a de rapazes é três vezes e meia maior (... 73,2% para 19,6%) indicando que, para o sexo masculino, a atividade sexual é uma experiência em grande parte alheia ao contexto do namoro e está associada ao sexo ($X^2=231,17$, 1 g.l., $p = 0,0000$), inclusive face à idade ($X^2=70,65$, 14 g.l., $p = 0,0000$). Quanto ao relacionamento mínimo necessário para manter relações sexuais, rapazes e moças têm expectativas diferentes e se situam em extremos opostos. Assim, os rapazes assinalaram amizade em 24,3% dos casos, namoro em 19,2%, casamento também em 19,2%, encontro ocasional em 13,6%, namoro firme em 13,0%, simples camaradagem em 7,3% e noivado em 3,4%. As moças assinalaram casamento em 63,3% dos casos, namoro firme em 13,6%, namoro em 9,4%, noivado em 7,4%, amizade em 4,8%, encontro ocasional em 0,9% e simples camaradagem em 0,6%. Enquanto as moças têm posições ligadas à maior intensidade do vínculo, os rapazes não excluem outros relacionamentos ($X^2=155,05$, 6 g.l., $p = 0,0000$).

Em relação ao prestígio de quem tem experiências sexuais, os rapazes acreditam que, em relação ao seu próprio sexo, aumenta em 54,5% dos casos, não muda em 37,8% dos casos e diminui em 7,7% dos casos; em relação ao sexo oposto, que diminui em 45,9% dos casos; aumenta em 20,9% dos casos e não muda em 33,2% dos casos. As moças, por sua vez, acreditam que, em relação ao seu próprio sexo, diminui em 56,2% dos casos, não muda em 23,1% dos casos e aumenta em 20,7% dos casos; em relação ao sexo o -

posto, que aumenta em 52,5% dos casos, não muda em 39,5% dos casos e diminui em 8,0% dos casos. Ambos os sexos desprestigiam as experiências sexuais femininas, o que resulta num universo conceitual comum, embora assimétrico. Apesar de a maioria dos sujeitos ter expectativas diferentes para os sexos masculino e feminino, 75,2% dos rapazes e 76,7% das moças declaram que ambos os sexos deveriam orientar-se pelas mesmas normas de conduta sexual, o que talvez expresse conceito compartilhado apenas de forma ideal, sem condições de influir nas práticas.

Um rapaz e uma moça estariam felizes, após o primeiro encontro, porque teria havido atração mútua, simpatia, entendimento (25,9% dos rapazes e 36,7% das moças), troca de afeto, de idéias e comunicação (29,9% dos rapazes e 33,2% das moças), proposta de namoro, noivado, casamento (11,7% dos rapazes e 16,4% das moças) e relações íntimas, sexuais (19,2% dos rapazes e 16,7% das moças). A visão de intercâmbio afetivo e comunicativo prevaleceu sobre a explicitamente sexual em relação a ambos os sexos. Os sujeitos escolheram mais de uma das categorias acima, além de outras, menos citadas.

Quanto aos requisitos que os sujeitos exigem do sexo oposto para se tornarem noivos ou noivas, figuram, entre os mais citados: afeto, carinho, amor (30,9% dos rapazes e 40,2% das moças), caráter, responsabilidade (11,7% e 13,6%, respectivamente); os rapazes acentuam aparência física (19,6% para 7,5% das moças); as moças, destacam atenção, consideração, respeito (39,4% para 7,1% dos rapazes), compreensão (20% para 5,8% dos rapazes), sinceridade (16,9% para 7,9%) e estabilidade financeira (14,4% das moças para 1,2% dos rapazes). Quanto aos requisitos que os

sujeitos acham que devem ser deles exigidos pelos seus noivos ou noivas, figuram afeto, carinho, compreensão (24,6% dos rapazes e 46,8% das moças), aparência física (16,3% dos rapazes e 8,1% das moças), caráter, responsabilidade (15,0% dos rapazes e 8,8% das moças), compreensão (7,1% dos rapazes e 18,9% das moças). Houve respostas múltiplas e outras menos citadas.

No tocante ao prestígio de quem pretende se casar, os rapazes acreditam que, em relação ao seu próprio sexo, aumenta em 45,1% dos casos, não muda em 34,8% e diminui em 20,1% dos casos e, em relação ao sexo contrário, que aumenta em 57,4% dos casos, não muda em 30,1% e diminui em 12,5% dos casos. As moças acreditam que, em relação ao seu próprio sexo, o prestígio aumenta em 57,6% dos casos, não muda em 31,7% e diminui em 10,7% e, em relação ao sexo contrário, que aumenta em 45,6% dos casos, não muda em 32,1% e diminui em 22,3%. Vemos assim que o prestígio aumenta para as moças e diminui para os rapazes na mesma razão e independentemente do sexo do sujeito que responde; em termos globais aumenta para ambos os sexos, mas em proporções diferentes.

Em relação às situações melhores e piores no casamento, o resultado foi o seguinte. De melhor, os sujeitos destacam afeto e apoio mútuo entre os cônjuges (28,4% e 24,6%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 39,7% e 45,8% entre as moças), constituir família, ter filhos (17,9% e 19,6%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 9,3% e 9,8% das moças), sexualidade (15,9% e 6,7%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 5,5% e 5,5% entre as moças).

De pior, a falta de afeto e apoio entre os cônjuges (16,7% e 16,7%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 10,3% e 11,3% entre as moças), incompreensão e brigas (8,3 % e 16,7%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 19,7% e 17,4% entre as moças), responsabilidades familiares (9,6% e 10,4%, respectivamente para marido e mulher, entre os rapazes e 18,9% e 10,1% entre as moças), perda de liberdade pessoal (11,7% e 9,6%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 11,9% e 8,6% entre as moças), infidelidade (13,1% e 20,5%, respectivamente, para marido e mulher, entre os rapazes e 13,4% e 17,4% entre as moças).

Quanto aos motivos mais importantes que levam os casais à separação são mais citados, respectivamente por rapazes e moças, fim do amor (12,1% e 36,7%); incompreensão mútua (19,6% e 19,7%); desarmonia no lar, brigas (22,1% e 10,1%); casamento precipitado ou forçado (15,8% e 12,9%); desconfiança, ciúmes e insegurança (17,1% e 16,2%); infidelidade (10,8% e 11,3%); incompatibilidade de temperamento e interesses (12,9% e 7,5%); rotina (12,1% e 9,1%); falta de diálogo (7,9% e 10,3%); 8,7% dos rapazes e 9,7% das moças citaram também relacionamento sexual insatisfatório.

A propósito das questões sobre reprodução humana e aspectos de saúde, o resultado foi o seguinte:

Quanto às mudanças no organismo que permitem saber se um jovem está apto a procriar ou gerar um filho, os rapazes responderam corretamente (puberdade, menarca, ovogênese ou ejaculação, espermatogênese), em relação ao seu próprio sexo, em

49,9% dos casos e, em relação ao sexo oposto, em 36,8%; as moças ofereceram respostas corretas, em relação ao seu próprio sexo, em 61,5% dos casos e, em relação ao sexo oposto, em 33,1%. As respostas restantes foram "não sei" ou incorretas ou genéricas: ereção, masturbação, caracteres sexuais secundários, desenvolvimento. Os sujeitos conhecem menos o que ocorre no sexo oposto ao seu; o auto-conhecimento é maior entre as moças.

Quanto à idade em que a moça atinge desenvolvimento físico adequado para dar à luz uma criança houve respostas na faixa dos 12 aos 29 anos, com média de 18,64 anos. Entre 12 e 16 anos houve citações de 44,2% dos rapazes e 27,4% das moças, entre 17 e 20 anos, de 42,3% e 47,3% e entre 21 e 29 anos, de 13,5% e 25,3% respectivamente. A dispersão de frequências ao longo de faixa tão ampla poderia ser explicada, nas idades mais baixas, pela ocorrência da menarca, tida, provavelmente, como condição suficiente por parte dos sujeitos, e, nas idades mais elevadas, pela necessidade de desenvolvimento físico completo, obviamente exagerado ($X^2 = 39,86, 18 \text{ g.l.}, p = 0,0022$).

Em relação ao intervalo mínimo de tempo entre o nascimento de um filho e o seguinte, objetivando a saúde e bem-estar da mãe e da criança, 44,5% dos sujeitos assinalaram ser de dois anos; 35,0% de um ano; 13,0% de três anos; 4,1% de quatro anos; 3,0% de cinco anos e 0,4% de seis a sete anos. As moças assinalam o intervalo de tempo de dois ou mais anos em maior proporção do que os rapazes (70,3% para 44,9%), indicando maior conhecimento do que eles ($X^2 = 19,23, 6 \text{ g. l.}, p = 0,0038$).

Os sujeitos, em sua quase totalidade (84,5%), afirmam saber que, para a mulher que tem relações sexuais, as possibilidades de engravidar não são as mesmas todos os dias; 58,6% dos rapazes e 69,1% das moças apresentam justificativas corretas, indicando conhecimento do ciclo menstrual (os demais ou deixam de justificar ou o fazem incorretamente).

Dos rapazes e moças, apenas 4,4% não tinham ouvido falar de métodos para evitar a gravidez: 72,1% citam pílulas anticoncepcionais; 29,0% preservativos; condom; 21,4% ritmo, "tabelinha", 19,7% dispositivo intra-uterino, 9,9% laqueadura das trompas; 6,8% diafragma, espermicidas e 4,9% vasectomia; 5,5% incluem aborto (respostas múltiplas).

Afirmam saber o que é doença venérea 82,3% dos sujeitos e, como formas de proteção, 34,9% indicam escolher o parceiro, não manter relações sexuais com qualquer um; 16,7% evitar a promiscuidade sexual, a prostituição; 22,0% higiene corporal; 14,2% abster-se de relações sexuais com pessoa doente; 11,3% exames médicos periódicos; 5,9% usar preservativo, condom e 9,0% (moças) não utilizar sanitários públicos (respostas múltiplas).

As fontes de informação sobre vida sexual e reprodução humana citadas pelos rapazes, em ordem decrescente de frequência, foram companheiros, 86,8%; revistas, 79,6%; livros, 72,1%; professores, 66,4%; irmãos e primos, 58,7%; televisão, 58,1%; pai, 48,2%; namorada, 43,9%; jornais, 39,1%; mãe, 39,3%; parentes (tios), 31,9%; rádio, 21,6% e outros, 17,1%. As moças citaram compa -

nheiros, 86,5%; revistas, 81,5%; livros, 80,7%; televisão, 76,9%; professores, 76,0%; mãe, 67,2%; namorado, 58,2%; irmãos e primos, 54,9%; outros parentes (tios), 35,5%; jornais, 30,1%; rádio, 18,3%; pai, 17,4% e outros, 10,6%. Estiveram associadas ao sexo, entre as moças, as fontes mãe, namorado e televisão ($X^2 = 44,06$; 10,94 e 22,83, respectivamente, 1 g.l., $p=0,0000$) e, entre os rapazes, pai ($X^2 = 62,43$, 1 g.l., $p = 0,0000$).

As fontes preferidas de informação, segundo o índice de intensidade de preferência (escala de 0 a 3) mostram, para os rapazes, o quadro seguinte: 2,144 para pai; 2,031 para professores; 1,968 para livros; 1,955 para namorada; 1,888 para companheiros; 1,893 para revistas; 1,690 para mãe; 1,659 para irmãos, primos; 1,635 para televisão; 1,538 para jornais; 1,339 para rádio; 0,958 para parentes. Vemos, assim, que pais, professores e livros aparecem nos três primeiros lugares, seguidos por namorada, companheiros e revistas, como fontes mais preferidas de informação sobre sexualidade pelo sexo masculino. Para as moças, a ordem de preferência foi mãe (2,512); livros (2,163); professores (2,156); companheiros (2,029); namorado (1,921); revistas (1,815); televisão (1,556); irmãos, primos (1,533); pai (1,473); jornais (1,155); parentes (1,026); rádio (1,014).

Moças e rapazes apresentam pois um perfil semelhante quanto à ordem de preferência; o progenitor do mesmo sexo encabeça a lista em ambos os casos; os pais representam a fonte mais desejada pelos jovens, seguida pelos livros e professores; os companheiros, namorado ou namorada e revistas vêm a seguir. Jornais e rádio como fontes de informação sobre sexualidade

são mais preferidos pelos rapazes do que pelas moças ($X^2=21,93$, 3 g.l., $p = 0,0001$ e $X^2 = 12,68$, 3 g.l., $p = 0,0054$, respectivamente), o mesmo ocorrendo com o pai ($X^2=42,75$, 3 g.l., $p = \dots 0,0000$).

Em relação à influência que os sujeitos admitem receber de terceiros em seu relacionamento com o sexo oposto, o índice de influência conjunto (média das oito categorias para ambos os sexos) foi de 0,890 (escala de 0 a 3). Os rapazes sentem ser influenciados pelos companheiros (1,772), revistas (1,195), livros (1,066), pai (0,934), televisão (0,930), mãe (0,864), professores (0,348). As moças sentem influência da mãe (1,252), companheiros (1,227), livros (0,865), revistas (0,829), pai (0,764), televisão (0,629), professores (0,314). São valores em geral baixos, exceto para companheiros (sexo masculino).

Há associação entre o sexo do sujeito e a influência dos companheiros ($X^2 = 34,14$, 3 g.l., $p = 0,0000$), da televisão ($X^2 = 19,38$, 3 g.l., $p = 0,0002$) e de revistas ($X^2 = 21,32$, 3 g.l., $p = 0,0001$), mais sentida por rapazes do que por moças; a influência da mãe prevalece entre as moças ($X^2 = 22,76$, 3 g.l., $p = 0,0000$).

Especificamente, 56,4% dos rapazes e 52,7% das moças consideram que religião não influi nas atitudes e comportamentos relativos à sexualidade; exceto 6,9% que assinalam que influi, prejudicando, os demais acreditam que influi, ajudando.

Considerando o conjunto dos dados referentes à interação com o sexo oposto, delinea-se o seguinte quadro.

A experiência de namoro faz parte da adolescência e geralmente se inicia antes dos sujeitos completarem 16 anos. A variação referente ao número de namorados e à duração do namoro, configura situações típicas da adolescência, em que a aproximação com o outro sexo é de caráter exploratório, significando um processo de descoberta de si e de outro (SULLIVAN, 1953; RIVENBARK, 1966; REISMAN & SHORR, 1978; BIGELOW, 1977; FISCHER, 1981).

Nesse processo observou-se níveis elevados de doação e recepção em termos de afeto, confiança, comunicação e compreensão, tendo as moças se diferenciado dos rapazes em relação à doação de amor (quanto o sujeito afirma ter gostado do outro), o que pode significar tanto uma característica feminina efetiva como uma maior reserva masculina em reconhecer-se apaixonado.

Por outro lado, a intimidade física no namoro é discreta na maioria dos casos, embora os rapazes a acentuem mais do que as moças. Envolvimento sexual no namoro, comparado com experiência sexual (além da situação de namoro), coincide somente entre as moças, enquanto os rapazes apontam essa experiência no contexto do namoro em cerca de um quarto dos casos. Os sujeitos são coerentes, nesse sentido, face às respostas sobre relacionamento mínimo para manter relações sexuais: os rapazes optam pelas mais diversas circunstâncias; as moças, em grande parte, as restringem ao matrimônio. Estamos aqui frente a uma questão cultural, com valores diferentes para os diferentes sexos, que pode prejudicar o relacionamento interpessoal.

O universo cultural é conflitivo para rapazes e moças e res -

peito do prestígio ou desprestígio de determinadas condutas, quando aplicadas a um ou a outro sexo (namorar mais de uma pessoa, namorar qualquer pessoa, ter experiências sexuais), ambos os sexos compartilhando, em proporções equivalentes, das mesmas percepções não complementares e discriminatórias.

O evento namoro, na maioria dos casos, não desperta reações defensivas dos pais, embora parte das moças aponte oposição; de maneira geral, pouco interfere na vida familiar, escolar ou de grupo, segundo percebem os sujeitos.

Em nossa amostra a iniciação sexual correspondeu a seis rapazes para cada moça, enquanto em países europeus alguns estudos mostram que a proporção de moças chega a superar a de rapazes (IPPF, 1980; HUSSLEIN et al., 1982; LEWIN, 1982) e, nos E.U.A., a aproximar-se deles (VINCENT, 1981; SHEN, 1982).

A sexualidade, de maneira geral, desperta sentimentos positivos, embora ocorram, em menor proporção, percepções relacionadas a ansiedade, obrigatoriedade, ausência de inocência, medo, sofrimento, vergonha, insegurança e desconfiança, cuja origem pode ser atribuída, em parte, ao meio cultural, mas, também, ao próprio meio familiar imediato, onde o indivíduo recebe as influências básicas na formação de sua personalidade.

Na interação com o sexo oposto os sujeitos se posicionam de maneira crítica, valorizando os vínculos afetivos, a compreensão e a responsabilidade mútua em oposição a falhas de caráter, desonestidade, desrespeito, hostilidade. Tais valores são utilizados como critérios para suas decisões em diferentes ti-

pos de envolvimento afetivo, do primeiro encontro ao casamento. Essa visão crítica definiria nível crescente de maturidade, mas, também, pode significar idealização das relações entre os sexos, comum à adolescência.

Na área da reprodução humana e aspectos de saúde, os conhecimentos dos sujeitos apresentam-se incompletos ou deficientes, confirmando estudos que indicam o desenvolvimento de projetos específicos para suficiência do seu ensino (SALOMÃO et al., 1983). Os professores, como fontes de informação sobre sexualidade e reprodução humana, ocupam o quarto lugar e são citados por 66,4% dos rapazes e 76,0% das moças. São precedidos, em proporções maiores, pelos companheiros, revistas, livros e, entre as moças, televisão, confirmando estudos que apontam o grupo de pares como principal fonte de informação (WAGNER, 1980). Os pais, que representam a fonte mais preferida pelos jovens, são citados como fontes atuais apenas por menos da metade dos sujeitos, exceção feita à mãe, para as moças, deixando assim de preencher um espaço que lhes é reservado pelos próprios filhos.

O fato de desejar essas fontes de informação não significa que os jovens seriam influenciados diretamente por elas em seu relacionamento com o sexo oposto; o índice de influência, nesse aspecto, foi baixo, por que os jovens desenvolvem e buscam crescente autonomia no processo de crescimento e desenvolvimento, o que é natural e vem de encontro ao objetivo educacional de estimular a responsabilidade pessoal pelo próprio projeto de vida,

6. CONCLUSÕES

1. Caracterização dos sujeitos

1.1 Nível e período escolar

A distribuição dos sujeitos nos períodos diurno e noturno (metade em cada período) e ao longo das três séries do segundo grau (cerca de um terço para cada série) revelou proporções equivalentes, o mesmo ocorrendo em relação à proporção de rapazes e moças no período noturno (cerca de metade de cada sexo); no período diurno, porém, a proporção de moças excedeu a de rapazes, o que aconteceu também em relação às duas últimas séries, enquanto na primeira série prevalecem os rapazes.

1.2 Idade e sexo

As idades se distribuíram na faixa dos 14 aos 21 anos, na razão de 0,9%, 10,6%, 20,8%, 26,8%, 20,3%, 10,7%, 6,9% e 3,0%, configurando uma curva normal de assimetria positiva; a média das idades dos rapazes foi de aproximadamente 17 anos e dois meses e das idades das moças de cerca de 17 anos e cinco meses, com moda e mediana nos 17 anos. No conjunto o total de rapazes e moças foi, respectivamente, de 239 (37,7%) e 395 (62,3%).

1.3 Família efetiva

A família efetiva (aquela com quem os sujeitos moram) correspondeu em 77,1% dos casos à própria família de or-

rigem (pai e mãe), em 2,7% a um dos pais e padrasto ou madrasta, em 12,8% só à mãe, em 1,1% só ao pai, em 3,9% a parentes e em 2,4% a outras pessoas.

1.4 Profissão dos pais

Dos sujeitos, 87,0% declararam que o pai trabalha e 26,2% que a mãe trabalha fora; 35,2% dos pais pertencem a categorias profissionais mais elevadas socio-economicamente e 64,8% a categorias menos elevadas; em relação às mães as proporções são de 29,7% e 70,3%, respectivamente.

1.5 Escolaridade dos pais

Menos da metade, 40,1% dos pais e 35,1% das mães, completou cursos além do antigo primário: 18,1% e 19,7% completaram o ginásio antigo; 10,3% e 12,3% concluíram o 2º grau e apenas 11,7% e 3,1% o curso superior; 6,4% e 8,4%, respectivamente, não tinham nenhum curso,

1.6 Trabalho do sujeito

Cerca de metade dos sujeitos trabalha (46,5%); 73% dos que trabalham o fazem por 8 h diárias e os demais por períodos de 3 a 7 h ao dia.

2. Aspirações, interesses, valores e auto-imagem

2.1 Significado da escolarização

2.1.1 Sentido da escola para a vida

Ambos os sexos consideram que o processo de escolarização, além de ser requisito para obtenção de emprego e exercício de profissão, preenche necessidades psicossociais de crescimento, propiciando cultura geral, relacionamento humano e desenvolvimento da pessoa e do cidadão.

2.1.2 Importância atribuída ao tempo de estudo, deveres e notas escolares

Ocupando o quinto lugar em importância entre os tópicos de rotina de vida, a valorização de tempo de estudo, deveres e notas escolares esteve associada ao sexo do sujeito, as moças obtendo 2,279 pontos e os rapazes 2,004 (escala de 0 a 3).

2.1.3 Percepção do aproveitamento escolar

No conjunto, as moças assinalaram ter melhor aproveitamento escolar do que os rapazes, havendo associação entre este item e o sexo do sujeito.

2.1.4 Perspectiva de estudo e trabalho

Dos sujeitos, 75,7% esperam estar trabalhando e continuando seus estudos após a conclusão do segundo grau; os demais acreditam que estarão ou apenas trabalhando ou só estudando.

2.1.5 Prestígio atribuído ao trabalho e ao estudo

Trabalho e estudo são valorizados por ambos os se xos; deixar de estudar diminui o prestígio e pas-
sar a trabalhar o aumenta.

2.1.6 Influência da opinião dos professores sobre deci- sões de vida

A opinião dos professores é levada em conta ape-
nas quanto aos estudos e somente por 22,5% dos su
jeitos.

2.1.7 Percepção do papel dos professores como fontes de informação sobre vida sexual e reprodução humana

Os professores são a segunda fonte preferida de
informação por ambos os sexos, embora ocupem o
quarto e quinto lugares, respectivamente, como
fontes atuais para rapazes e moças.

2.2 Importância atribuída a aspectos da rotina de vida

Os rapazes valorizam, em sua rotina de vida, pela ordem
de importância, colegas, companhias e amizades; lazer ,
recreação, distrações e entretenimentos; relacionamento
com o sexo oposto; aparência pessoal; alimentação, horá-
rios de refeição; tempo de estudo, deveres e notas esco-
lares; gastos em objetos, roupas e uso do dinheiro, pe-
ríodo de permanência fora de casa, horários; crença re-
ligiosa, freqüência a atos religiosos e ajuda nas tare-

fas domésticas. As moças dão mais importância, pela ordem, a colegas, companhias, amizades; aparência pessoal; relacionamento com o sexo oposto; lazer, recreação, distrações, entretenimentos; tempo de estudo, deveres e notas escolares; ajuda nas tarefas domésticas; período de permanência fora de casa; horários; gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro; alimentação, horários de refeição; crença religiosa, frequência a atos religiosos. O sexo do sujeito esteve associado a seis tópicos, grifados no texto, aos quais as moças dão maior importância do que os rapazes.

2.3 Percepção do desenvolvimento pessoal

2.3.1 Auto-imagem

No conjunto, os sujeitos atribuem às pessoas que os cercam avaliações favoráveis, em ordem decrescente, aos seguintes aspectos de seu desenvolvimento: relacionamento com os companheiros, relacionamento familiar, responsabilidade e cumprimento de deveres, facilidade de convivência, desenvolvimento físico, atração para o sexo oposto, desempenho escolar, desembaraço no relacionamento com os outros, preocupação com religião. Existem diferenças entre os sexos em relação a desenvolvimento físico, desempenho escolar e preocupação com religião, as moças se situando em melhor posição do que os rapazes.

2.3.2 Expectativas para a vida

Os jovens desejam, principalmente, felicidade, êxito na vida (estudo, profissão, trabalho, amor), relacionar-se bem com as pessoas, tranqüilidade, estabilidade, equilíbrio, independência e autonomia.

2.3.3 Uso do tempo livre

Quase todos os sujeitos (85,4% dos rapazes e 89,4% das moças) têm atividades preferidas nas horas vagas, sendo mais citados esportes, música, leitura, televisão, estar com os amigos, passear e executar atividades artesanais ou artísticas.

3. Interação com os companheiros

3.1 Composição do grupo de companheiros

Predominam no grupo de companheiros colegas e ex-colegas de escola, seguidos de vizinhos, parentes, colegas de trabalho e outros.

3.2 Importância atribuída ao grupo de companheiros

Na rotina de vida dos jovens, colegas, companhias e amizades representam a questão mais importante, obtendo 2,778 pontos entre as moças e 2,633 entre os rapazes (escala de 0 a 3).

3.3 Assuntos de conversação preferidos

Em grupo, os rapazes conversam preferentemente sobre esportes, diversões e sexo e as moças sobre diversões, namoro e estudo; reuniões sociais, trabalho, família e outros também são mencionados.

3.4 Percepção da influência do grupo

A influência do grupo prevalece, para ambos os sexos, em relação a lazer, recreação, distrações e entretenimento e, para o sexo masculino, no relacionamento com o sexo oposto. Os sujeitos mantêm sua autonomia no grupo face a propostas das quais discordem, as moças mais do que os rapazes. A pressão do grupo leva a atos não aprovados apenas em 15,4% dos casos.

3.5 Percepção do desenvolvimento do melhor amigo

Os sujeitos sentem que o melhor amigo relaciona-se bem com a família, com os companheiros e outras pessoas e é responsável no cumprimento de deveres, mas tem um menor desempenho em relação à escola e à religião (esta última principalmente entre os rapazes). O desenvolvimento físico do melhor amigo, a preocupação com religião e a responsabilidade e cumprimento dos seus deveres são características assinaladas mais pelas moças.

4. Interação com os pais

4.1 Participação atribuída aos pais face ao grupo de companheiros

Os pais conhecem pessoalmente alguns dos companheiros dos filhos; em 63,3% dos casos o pai e 71,8% a mãe gostam deles e aprovam que andem juntos; nos demais casos, as reações variam entre tolerância, rejeição, imposição ou simplesmente indiferença. Dos sujeitos, 20,6% afirmam possuir amizade desconhecida pelos pais e que estes não aprovariam: 57,5% das moças conversam regularmente ou conversam muito com os pais sobre as atividades do grupo de companheiros, enquanto 60,4% dos rapazes não conversam ou conversam pouco.

4.2 Controle atribuído aos pais sobre assuntos da rotina de vida

Os sujeitos atribuem aos pais, em ordem de maior para menor importância, controle sobre alimentação e horários de refeição, período de permanência fora de casa e horários (mais em relação às moças), colegas, companhias e amizades, tempo de estudo, deveres e notas escolares, aparência pessoal, gastos em objetos, roupas e uso do dinheiro, ajuda nas tarefas domésticas (mais em relação às moças), lazer, recreação, distrações e entretenimentos, relacionamento com o sexo oposto (mais em relação às moças) e crença religiosa, frequência a atos religiosos. Pouca discordância existe entre pais e filhos e entre pai e mãe no tocante aos assuntos mencionados; há associação com o sexo do sujeito quanto a estudo (rapazes), ajuda em casa e relacionamento com o sexo oposto (moças), como causas de discordância.

Apenas 14,2% dos sujeitos consideram-se motivo de desacordo entre os pais. Os sujeitos afirmam, em geral, que os pais ficariam desgostosos e aborrecidos com problemas relacionados aos estudos ou à conduta pessoal (desde atos de indisciplina familiar até comportamentos do tipo infrator ou sexualmente permissivos).

4.3 Estilo educativo atribuído aos pais

As reações atribuídas aos pais face a ações consideradas corretas e incorretas foram, respectivamente, elogio (pai, 54,3%; mãe, 68,9%) e discussão conjunta (pai, 53,0%; mãe, 65,4). Reações do tipo aleatório (imprevisíveis), aversivas ou de indiferença são citadas nos demais casos, prejudicando a adequação requerida do ponto de vista psicopedagógico, especialmente quando se trata das moças.

No relacionamento com os filhos predominam relações assimétricas-autorizadoras (pais orientadores e experientes), seguidas de relações simétricas-igualitárias (pais espécie-de-colega), relações assimétricas-autoritárias (pais "mandões") e omissão de relações (pais alheios e indiferentes). Pai, experiente ou colega, foi percepção masculina. O modelo educativo da família de origem não seria reproduzido na família que viessem a formar por 47,3% dos rapazes e 56,2% das moças.

4.4 Percepção da qualidade de vida em família

Sentem interesse e atenção satisfatórios em todos os aspectos 48,2% dos rapazes e 33,1% das moças; a insatisfa-

ção (parcial) é maior entre o sexo feminino. Os sujeitos vêem a mãe como mais carinhosa e acolhedora do que o pai; frieza, distância e imprevisibilidade são atribuídos predominantemente a este. As moças assinalam menos apoio mútuo entre os pais do que os rapazes (60,8% para 73,5%). Quase a metade dos rapazes (49,6%) e das moças (47,4%) afirmam que ambos os pais assumem idêntica responsabilidade pela família; a atribuição de responsabilidade maior ao pai ou à mãe esteve associada ao sexo do sujeito, as moças atribuindo à mãe maior sobrecarga. Ajuda recíproca no seio da família, incluindo todos os membros, é indicada por 58,9% dos rapazes e 53,8% das moças. Apenas 19,6% dos sujeitos mencionam prejuízo à harmonia familiar devido a desacordos evidentes ou encobertos.

5. Interação com o sexo oposto

5.1 Início, duração, constância, qualidade, importância e prestígio do namoro

O relacionamento com o sexo oposto é o terceiro item de maior importância na vida do jovem (2,492 pontos, na escala de 0 a 3). Antes de completarem os 16 anos de idade, 83,9% dos rapazes e 85,3% das moças já haviam namorado; a duração da experiência é variável e a moda, para ambos os sexos é de 3 namorados; em média os rapazes mencionaram ter tido 7,1 namoradas e as moças 4,4 namorados. A experiência envolve intercâmbio de afeto, confiança, comunicação e compreensão em graus elevados, mas as moças sentem que amam mais do que os rapazes (2,313 para 1,970 pontos na escala de 0 a 3). A intimidade física esteve as-

sociada ao sexo do sujeito; os rapazes acentuando-a mais do que as moças (relações sexuais no namoro são indicadas por 19,6% dos rapazes e 11,6% das moças). Iniciar o namoro prestigia mais os rapazes, namorar qualquer um ou mais de um desprestigia a ambos os sexos, mas mais as moças.

5.2 Reação atribuída aos pais face ao namoro

Interesse, apoio e orientação foram assinalados, em relação ao pai, por 55,2% dos rapazes e 47,2% das moças e, em relação à mãe, por 64,0% e 68,9% respectivamente; os demais mencionam desinteresse, tolerância, tentativa de impedir e outras reações, menos citadas.

5.3 Iniciação sexual, valores e prestígio

Declaram ter tido relações sexuais (não necessariamente no contexto de namoro), 73,2% dos rapazes e 12,6% das moças; a iniciação ocorre, em média, aos 14,4 anos para os rapazes e aos 17 anos para as moças, estando a moda, respectivamente, aos 15 e 17 anos. Apesar de 75,2% dos rapazes e 76,7% das moças afirmarem que ambos os sexos deveriam orientar-se pelas mesmas normas de conduta sexual, divergem no tocante às experiências pré-conjugais, admitidas por 80,8% dos rapazes mas apenas por 36,7% das moças; em relação aos próprios pares, ambos os sexos desprestigiam as experiências sexuais femininas e prestigiam as masculinas.

5.4 Sentimentos despertados pela sexualidade

A sexualidade desperta nos sujeitos sentimentos positivos (atração, amor, alegria, prazer, naturalidade, espontanei

dade, tranqüilidade, confiança, êxito, curiosidade). Amor é mais citado pelas moças e naturalidade e êxito pelos rapazes. Parte dos sujeitos, contudo, sente ansiedade, obrigação e ausência de inocência (especialmente rapazes) e medo, sofrimento, vergonha e insegurança (especialmente moças).

5.4 Expectativas face ao primeiro encontro, ao noivado e ao casamento

Para se sentirem felizes, um rapaz e uma moça teriam, no primeiro encontro, um intercâmbio predominantemente na área afetiva e cognitiva (troca de sentimentos e idéias); apenas 19,2% dos rapazes e 16,7% das moças mencionam relações íntimas, sexuais. Para tornarem-se noivos exigiriam principalmente reciprocidade afetiva, qualidades de caráter e respeito mútuo. De melhor no casamento destacam afeto e apoio mútuo e, de pior, a sua ausência. Uma série de fatores levariam à separação, sendo mais citados o fim do amor, a incompreensão mútua, desconfiança, ciúme, insegurança.

5.6 Conhecimentos sobre reprodução humana e aspectos de saúde

As alterações fisiológicas no organismo que tornam os jovens aptos para a procriação são citadas corretamente, em relação ao próprio sexo, por 49,9% dos rapazes e ... 51,5% das moças e, em relação ao sexo contrário, por ... 36,8% dos rapazes e 33,1% das moças; ocorre, pois, maior desconhecimento em relação ao sexo oposto. Os sujeitos

em parte subestimam e em parte superestimam a faixa etária a partir da qual a mulher completa seu desenvolvimento físico para poder dar à luz: 44,2% dos rapazes e 27,4% das moças assinalam a faixa de 12 a 16 anos, 42,3% e 47,3%, respectivamente, a de 17 a 20 anos e 13,5% e 25,3%, respectivamente, a de 21 a 29 anos (última idade assinalada). O intervalo mínimo entre o nascimento de um filho e o seguinte, tendo em vista a saúde e o bem-estar da mãe e da criança, é fixado em dois ou mais anos por 70,3% das moças e... 44,9% dos rapazes, enquanto os demais mencionam o intervalo de apenas um ano. Embora 84,5% dos sujeitos afirmem saber que a mulher não tem a mesma possibilidade de engravidar todos os dias, apenas 58,6% dos rapazes e 69,1% das moças justificam corretamente a razão. Dos sujeitos, 95,6% já ouviram falar em métodos anticoncepcionais: as pílulas anovulatórias correspondem a 72,1% das citações, os preservativos, condom a 29,0% e os demais são pouco citados. Embora 82,3% afirmem saber o que é doença venérea, as respostas foram imprecisas quanto às formas de proteção: abster-se de relações sexuais com pessoas doentes foi mencionada apenas por 14,2% dos sujeitos; 34,9% assinalam escolha do parceiro, não manter relações sexuais com qualquer um; 22,0% higiene corporal; 16,7% evitar a promiscuidade, a prostituição; 11,3% exames periódicos médicos; 5,9% uso de preservativo, condom e 9,0 (moças) não utilizar sanitários públicos (respostas múltiplas).

5.7 Fontes atuais e fontes preferidas sobre vida sexual e reprodução humana

São fontes atuais de informação sobre vida sexual e repro-

dução humana, em ordem decrescente de frequência, para os rapazes, companheiros, revistas, livros, professores, irmãos e primos, televisão, pai, namorada, mãe, jornais, outros parentes, rádio e outros; para as moças, companheiros, revistas, livros, televisão, professores, mãe, namorado, irmãos e primos, outros parentes, jornais, rádio, pai e outros. Mãe, namorado e televisão são fontes associadas ao sexo feminino e pai ao sexo masculino.

Quanto às fontes preferidas, rapazes e moças preferem, em primeiro lugar, respectivamente, o pai e a mãe e, em seguida, livros, professores, companheiros, namorado(a), revistas, mãe (rapazes), televisão, irmãos e primos, pai (moças), jornais, rádio (ambos mais preferidos pelos rapazes) e parentes, com alguma inversão na ordem de preferência segundo o sexo.

5.8 Influência de terceiros no relacionamento com o sexo oposto

Os sujeitos admitem receber, em geral, pouca influência de terceiros no relacionamento com o sexo oposto (média de influência de 0,890 na escala de 0 a 3). Destaca-se a influência dos companheiros, especialmente entre os rapazes (1,772 pontos) e da mãe entre as moças (1,252). Os demais itens variam em torno de menos de um ponto: revistas, livros, pai, televisão e professores (ordem decrescente). Quanto à religião, especificamente, 56,4% dos rapazes e 52,7% das moças consideram que não influem nas atitudes e comportamentos relativos à sexualidade; 6,9% acreditam em sua influência, mas em sentido negativo e os demais acham que ela influi, positivamente.

De acordo com a literatura revisada, certos fatores poderiam trazer alguma preocupação quanto a situações consideradas inadequadas à saúde mental e social de parcela dos jovens estudados: 36,7% e 28,2%, respectivamente, sentem que o pai e a mãe não acolhem favoravelmente os companheiros; 20,7% afirmam que os pais não aprovariam certas amizades; 15% acreditam ter sido levados a ações erradas por pressão do grupo de companheiros; entre rapazes e moças, 45,7% e 46,9% vêem o pai e 31,1% e 34,6% vêem a mãe, respectivamente, como pessoas imprevisíveis, indiferentes, críticas ou punitivas em relação aos filhos; 20% consideram os pais autoritários ou indiferentes e 19,6% apontam desarmonia básica na família.

Na área da reprodução humana a informação dos jovens é incompleta e agrava-se quando se refere ao sexo oposto, em que é mais falha, alcançando desde os mecanismos fisiológicos da puberdade até conhecimentos sobre condições adequadas à concepção (idade da mulher, intervalo intergestacional, ciclo menstrual e gravidez, anticoncepção) e prevenção de enfermidades de transmissão sexual. Do ponto de vista psicológico, sentimentos como medo, insegurança, vergonha e sofrimento atingem mais as moças e ansiedade, obrigação e ausência de inocência mais os rapazes, no que se refere à sexualidade.

Experiência sexual no namoro é relatada por 19,6% dos rapazes e 11,6% das moças; fora do namoro, atinge 73,2% e 12,6%, respectivamente; a idade de iniciação é de 14,4 anos para os rapazes e 17 anos para as moças. Conforme verificamos na literatura revista, o envolvimento sexual precoce é fator de risco ao desenvolvimento biopsicossocial do jovem.

7. RECOMENDAÇÕES

Do ponto de vista da Educação, as recomendações cabíveis melhor seriam expressas sob forma de sugestões às pessoas envolvidas em programas de Saúde, Educação, Bem-Estar Social e Promoção Humana, quaisquer que sejam as agências que os articulem, embora a escola assuma um papel específico ao reter parte da população jovem na faixa de escolarização.

Assim, sugere-se,

face à valorização pelos adolescentes do sentido para a vida da escola (função formativa) e ao elenco de necessidades relativas aos temas tratados neste trabalho,

1. a ênfase no currículo de tópicos relevantes ao crescimento e desenvolvimento do adolescente, integrando os aspectos biopsicossociais e discutindo questões relevantes na área da Psicologia da Adolescência, Saúde Mental e Saúde Social;

face às necessidades específicas de desenvolvimento inerentes às condições masculina e feminina e evidenciadas neste trabalho nas percepções de rapazes e moças sobre aspectos básicos de sua existência, definidos em relação a aspirações, interesses, valores e auto-imagem, interação com

os companheiros, pais, sexo oposto e sexualidade,

2. a consideração à singularidade e complementariedade das condições masculina e feminina, propiciando entre rapazes e moças tomada recíproca de consciência de suas diferentes percepções, papéis, necessidades e problemas;

face ao papel atribuído aos pais, professores e companheiros e à sua influência em relação a diferentes aspectos do crescimento desenvolvimento, ora prevalecendo uns, ora outros,

3. a respectiva inclusão em projetos destinados à discussão das necessidades e problemas dos jovens, mediante a constituição de grupos de participação que assumam responsabilidades pelos objetivos e atividades, cada qual como meio e alvo das ações educativas;

face à influência específica sobre sexualidade e relacionamento com o sexo oposto dos companheiros, no caso dos rapazes especialmente e dos companheiros e da mãe, no caso das moças;

face à ambos os pais e professores representarem fontes preferidas de informação quanto à sexualidade;

4. o desenvolvimento de programações específicas ao grupo de pares, aos pais e aos professores, integrando as informações sob o aspecto biopsicossocial à luz de uma visão holística do homem e do mundo, abrangendo questões culturais, filosóficas, religiosas e existenciais;

face à deficiência de conhecimentos de fisiologia e reprodução humana e aspectos de saúde associados, especialmente no tocante ao sexo oposto,

5. a revisão do currículo e metodologia de ensino de Programas de Saúde a nível de primeiro e segundo graus, especialmente nas aulas de Ciências e Biologia;

face à parcela de jovens que teriam dificuldades ou problemas de ordem psicossocial, associados ou não à interação com os pais (associação esta que se reflete mais entre as moças, face a determinadas variáveis),

6. desenvolvimento de projetos específicos para grupos de pais, jovens e professores, visando a discussão das dificuldades apontadas, com o concurso de especialistas e agências da comunidade e o eventual encaminhamento de casos aos recursos existentes na área de Serviços de Saúde, mediante prévia articulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAN GUTTMACHER INSTITUTE Teenage pregnancy: the problem that hasn't gone away. Autor, New York, 1981.
- ACKERMAN, N.W. The Psychodynamics of Family Life. Basic Books, N.York, 1958.
- ALEXANDER, K.L. et al. Estimating the effects of marriage timing and educational attainment: some procedural issues and substantive clarifications. American J. of Sociology, 87 (1): 143-156, 1981.
- AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION Comittee on Human Sexuality. Chicago, 1972.
- ANASTASI, A. Psicologia diferencial. S.Paulo, Herder Ed./ U.S.P., 1965.
- BARLTROP, D. Paediatrics and the environment. London, Fellowship of Postgraduate Medicine, 1975.
- BATESON, G. et alli. Interacción familiar; aportes fundamentales sobre teoria y técnica. Buenos Aires, Tiempo Contemporâneo, 1980.
- BAUMERIND, D. Current patterns of parental authority. Developmental Psychology, 4: 1-103, 1971.
- BERELSON, B. & STEINER, G.A. Human Behavior: an inventory of scientific findings. N. York, Hartcourt, Brace & World, 1964.
- BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade, Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.
- BIESTER, F.P. The casework relationship. G. Allen and Unwin, London, 1957.
- BIGELOW, B.J. Children's friendship expectations: a cognitive developmental study. Child Development, 48: 246-253, 1977.

- BIGNELL, S. Family life education curriculum guide. Sta. Cruz, Cal., Family Life Education Program Development Project, 1981.
- BITTENCOURT, W. et al. Estudo sobre contracepção, nível de in formação e sistemas de valores de um grupo de mães e adolescentes. Ciência e Cultura, 35 (7), supl.: 798; 1983.
- BLOOM, B.S. et al. Taxionomia dos objetivos educacionais. Por to Alegre, Ed. Globo, 1972.
- BLUMER, H. Symbolic interactionism. Perspective and method. New Jersey, Prentice-Hall, 1969.
- BOËTHIUS, C. G. Reporte final del tercer seminario sobre educación sexual y desarrollo social. Suécia (Estocolmo), 1976.
- BOISSET, B. Les loisirs peuvent-ils constituer un moyen primaire de prevention ? Sauvegarde de l'Enfance, 38 (1): 114-124, 1983.
- BOTT, E. Família e Rede Social. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976.
- BOWERMAN, C.E. & KINCH, J.W. Changes in family and peer orientation of children between the fourth and tenth grades. Social Forces, 1959, 37: 206-211.
- BRASIL (IBGE) Pesquisa nacional por amostra de domicílio, Rio de Janeiro, F. Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística, 1983.
- BRASIL (IBGE) Indicadores sociais: relatório 1979. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- BRICK, P. Sex and society: teaching the connection. J. School Health, 51 (4), 1981: 226-232.
- BRITTAIN, C.V. Adolescent choices and parent-peer cross pressures. American Sociological Review, 28: 385-391, 1963.

- BRIGHT, P. D. et al. Ameliorating parent-adolescent conflict with problem-solving communication training. J. Behav. Ther. & Exp. Psychiat., 12 (3): 275-280, 1981.
- BRONFENBRENNER, U. Two worlds of childhood: US and USSR. N. York, Pocket Book Edition, 1973.
- BRONFENBRENNER, U. Who cares for America's Children?, in VAUGHAN, V.C. e BRASELTON, T.B. The Family: Can It Be Saved? Chicago, Year Book Publ., 1976.
- BROWN, G. W. et alli. The influence of family life on the course of schizophrenic disorders: a replication. in TUCKETT, D. e KAUFERT, J.M. Basic readings in medical sociology: London, Tavistock, 1978.
- BRUCE, T. in MITCHELL, R.G: Child health in the community. Churchill Livingstone, Edinburgh, 1980.
- CAMPBELL, E.Q. Adolescent socialization. in GOSLIN, D.A. Handbook of socialization theory and research. Chicago, Rand McNally, 1971.
- CANDEIAS, N.M.F. Educação em saúde na prevenção do risco gravídico pré-natal e interconcepcional (tese de doutoramento). S.Paulo, Fac. de Saúde Pública/USP, 1979.
- CANDEIAS, N.M.F. & MARCONDES, R.S. Identifying educational needs of schoolchildren in São Paulo. International Journal of Health Education, 23 (1): 42-48, 1980.
- CANTONI, R. El hombre etnocéntrico. Ilusión y Prejuicio. Madrid, Ed. Guadarrama, 1967.
- CARNEIRO, T.F. Entrevista familiar estruturada: sua consistência, validade e aplicabilidade em psicologia clínica. S.Paulo, Pont. Univ. Católica, 1981 (tese/dout.).
- CARVER, V. Child Abuse: a study text. N.York, The Open University Press, 1978.

- CATALANO, R. Health Behavior and the Community. An ecological Perspective. N. York, Pergamon, 1979.
- CATES, W. Adolescent abortions in the United States. Journal of Adolescent Health Care, 1: 18-25, 1980.
- CATTERALL, R.D. Biological effects of sexual freedom. World Health Forum, 2 (4): 258-352, 1981.
- CHEETHAN, J. Unwanted pregnancy and counseling. London, Routledge & Kegan Paul, 1977.
- CHILMAN, S. Adolescent sexuality in a changing american society. US Dept. of Health, Education and Welfare. NIH Publ. n° 80 - 1426, U.S. Government Printing Office, Washington, 1980.
- COHEN-SEAT, G. & FOUGEYROLLAS, P. La influencia del cine y la television. México, Fondo de Cultura, 1967.
- COLEMAN, J.S. The adolescent society. N.York, Free Press, 1961.
- COLEMAN, J.S. et al. Youth: transition to adulthood. The University of Chicago Press, 1974.
- COOLEY, C. Social Organization. N.York, Scribness, 1909.
- CUSMINSKY, M. et al. Características de la morbimortalidad en el adolescente y el joven. in OPAS Condiciones de Salud del niño en las Américas (Publ. Cient. n° 381), Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1979.
- DARLING, C.A. Parental influence on adolescent sexuality: implications for parents and educators. J. of Youth and Adol., 11 (3): 231-245, 1982.
- DESCHAMPS, J.P. et al. Aspects psycho-sociaux actuels de la contraception dans l'adolescence. Medicine et Hygiène, 41 (1512): 1193-1200, 1983.

- DEUTLER, R.A. & MONROE, L.J. The family and early adolescent conformity and deviance. Marriage and Family Living, 23: 241-247, 1961.
- DORN, N. Youth culture in the U.K.: independence and round drinking. Implications for health education. International Journal of Health Education, 24 (2), 1981: 77-82.
- DUCK, S.W. Personality similarity and friendship choices by adolescents. Europ. Soc. Psychol., 5 : 351-365, 1975.
- DURANA, I. Estrategias de enseñanza-aprendizaje en la atención primaria de salud. Publ. Cient. 433, OPAS, 1982.
- EISEMBERG, L. A developmental approach to adolescence, in ROGER, D. Adolescent Psychology, N. York, Meredith Corporation, 1969.
- ELKINS, D. Some factors related to the choice status of ninety eighth-grade children in a school society. Genetic Psychology Monographs, 58: 207-272, 1958.
- EMERY, E. The theory and practice of behavior change in the school context. Int. J. Of Health Education, 23 (2): 116-125, 1980.
- EPSTEIN, A. New insights into problems of adolescent parenthood. Bull-High/Scope Found., 5: 6-8, 1980.
- ERIKSON, E.H. Childhood and Society. New York, Norton, 1963.
- ERIKSON, E.H. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro, Zahar Eds., 1972.
- FEINSILBER, M. et al. American averages. N.York, Doubleday, 1980.
- FIGUEIREDO, J.M. The law of sociocultural demoralization. Soc. Psychiatry, 18 (2): 73-78, 1983.

- FISCHER, J.L. Transitions in relationship style from adolescence to young adulthood. Journal of Youth and Adolescence, 10 (1): 11-23, 1981.
- FISCHER, J.L. and NARUS, L.R. Sex roles and intimacy in some sex and other sex relationships. Psychol. Woman Quart. 5, 1981.
- FREEDMAN, R. et alli. Principles of Sociology. Holt, Rinehart & Winston, 1956.
- FREIRE, P. Vivendo e aprendendo. SP., Brasiliense, 1980.
- GAGNON, J.H. Sexuality and sexual learning in the child. Psychiatry, 28: 212-228, 1965.
- GAGNON, J. et al. Sexual conduct: the social sources of human sexuality. Chicago, Aldine, 1973.
- GILES, T.R. Crítica fenomenológica da psicologia experimental em M. Merleau-Ponty. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
- GLIDEWELL, J.C. The psychosocial context of distress at school in BARTAL, D. e SAXE, L. Social Psychology of Education. Theory and Research. N. York, John Wiley & Sons, 1978.
- GOFFMAN, E. Stigma. New Jersey, Prentice Hall, 1963.
- GOODE, W. J. & HATT, P.K. Métodos em pesquisa social. S. Paulo, Editora Nacional, 1972.
- GOODY, E. Parental Roles in Anthropological perspective in The Family in Society. London: H.M.S.O., 1974.
- GORDON, S. Coming to terms with your own sexuality first. The Journal of School Health, 49 (5), 1979: 247-250.
- GREEN, A.W. Sociology. N.York, McGraw-Hill, 1972.
- GREEN, L.W. et al. Health education planning. A diagnostic approach. Palo Alto, Mayfield Publ., 1980.

- GREER, J. G. Psychosexual issues in adolescent contraception. Public Health Reviews, 10 (1): 27-47, 1981.
- GREYDANUS, D.E. Alternatives do adolescent pregnancy: a discussion of the contraceptive literature from 1960 to 1980. Seminars Perinat. 5: 53-90, 1981.
- GUILBERT, J.J. Educational handbook for health personnel. Geneva, World Health Organization, 1981.
- HALL, B. Value clarification as learning process. N.York, Paulist Press; 1973.
- HALLECK, S.L. Sex and Mental Health on the Campus in MUSS, R.E. Adolescent Behavior and Society. N.York, Random House, 1971.
- HARLOW, H.F. Learning to love. N.York, Jason Aronson, 1974.
- HARTUP, W.W. Peer relations and family relations: two social worlds. in RUTTER, M. Scientific foundations of developmental psychiatry. London, William H. Medical Books, 1980.
- HARVEY, O.J. et al. Conceptual systems and personality organization. USP/FSP/DESP, s.d. mimeo.
- HASS, A. Teenage sexuality a survey of teen-age sexual behavior. New York, Macmillan Publ. Co., 1979.
- HAVIGHURST, R.J. Psicologia social de la adolescencia, Washington, Organização dos Estados Americanos, 1962.
- HAVIGHURST, R.J. and TABA, H. Adolescent character and personality. John Wiley e Son., Inc. Chapman & Hall, Ltd., N. York e London, 1949.
- HEIMLICH, E. Ph. Parent as Assistant Therapist in Paraverbal Therapy with Children. Am. J. Psychoterapy, 35 (2):262-267, 1981.

- HERTZ, D.G. Psychological implications of adolescent pregnancy: patterns of family interaction in adolescent mothers-to-be. Psychosomatics, 18 (1): 13-16, 1977.
- HEROLD, E.S. The health belief model. Can it help us to understand contraceptive use among adolescents? J. of Sch. Health, 53 (1): 19-21, 1983.
- HETHERINGTON, E.M. et al. Patterns of family interaction and child-rearing attitudes related do three dimensions of juvenile delinquency. J. abn. Psychol., 78: 160-176, 1971.
- HETTLINGER, R.F. Sexual Maturity. Belmont, Wadsworth, 1970.
- HILL, R. & HANSEN, D.A. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. Marr. Fam. Living, 22: 299-311, 1960.
- HINDE, R.A. Family influences. in RUTTER, M. Scientific foundations of developmental psychiatry. London, William H. Medical Book, 1980.
- HIRSCHI, T. Causes of delinquency. Berkeley, Univ. of California Press, 1969.
- HÜCHER, G. Sexuality, eroticism and sexuality transmitted diseases. Int. J. of Health Educ., 17 (3): 3-15, 1974.
- HOFFMAN, L.W. The father's role in the family and the child's peer-group adjustment. Merrill-Palmer Quarterly, 7: 97 - 105, 1961.
- HOLZMAN, P.S. et al. Schizophrenia in adolescence. J. of Youth and Adol., 3: 276-290, 1974.
- HOWELL, F.M. e MABROOM, L.W. Social relations at home and at school: an analysis of the correspondence principle. Sociology of Education, 55: 40-52, 1982.

- HURLOCK, E.B. Adolescent development. N. York, McGraw-Hill, 1955.
- HUSSERL, E. L'idée de la phenomenologie. PUF, Paris, 1969.
- HUSSLEIN, A. et al. Sexualität der Jugendlichen. Aut.-Therm. Umsch., 39 (6): 428-433, 1982.
- I.P.P.F. Int. Pl. Parenthood Federation Working with youth. Some out-of-school approaches to population, family life and sex education. London, 1978.
- I.P.P.F. Int. Pl. Parenthood Federation Open File, set., 26, 1980.
- I.P.P.F. International Planned Parenthood Federation Open File, abril, 16, 1982.
- I.P.P.F. International Planned Parenthood Federation Open File, maio, 22, 1981.
- JACKSON, D.D. Interacción familiar, homeostasis familiar y psicoterapia familiar conjunta in BATESON, G. et al. Interacción familiar. Buenos Aires, Tiempo Contemporaneo, 1980.
- JESSOR, R. e JESSOR, S.L. The perceived environment in behavioral science. American Behavioral Scientist, 16 (6): 801-828, 1973.
- JESSOR, R. Problem behavior and developmental transition in adolescence. The Journal of School Health, 52 (5): 295 - 300, 1982.
- JESSOR, S. et al. Transition from virginity to nonvirginity among youth: a social-psychological study over time. Dev. Psychol. 11 (4): 473-484, 1975.

- KAGAN, J. Personality Development. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- KANDEL, D.B. and LESSER, G.S. Youth in two Worlds. San Francisco, Jossey-Bass, 1972.
- KANTNER, J. et al. Sexual experiences of young unmarried women in the US. Family Planning Perspectives, 4: 9-18, 1972.
- KATCHADOURIAN, H. Adolescent Sexuality Pediatric Clinics of North America, 27 (1), 17-28, 1980.
- KINSEY, A.C. et al. Sexual behavior in the human male, Philadelphia, Saunders, 1948.
- KNOBEL, M. Infancia, adolescencia y familia. Orientaciones sobre salud mental. Buenos Aires, Granica Editor, 1972.
- KOENIG, R. L'hyperorganisation de la famille, Cahiers Int, de Sociologie, 9: 42-56, 1950.
- KOHN, M.L. Social Class and Parent-Child Relationships: an Interpretation. The American Journal of Sociology, 68 (4): 471-480, 1963.
- KOLBE, L.J. Evaluation effectiveness: the problems of behavioral criteria. Health Education, 10 (1): 12-16, 1979.
- KULKA, R.A. et al. School crime and disruption as a function of student-school fit: an empirical assessment. Journal of Youth and Adolescence, 9 (4): 353-370, 1980.
- LANGNER, T.S. et al. The Epidemiology of Mental Disorder in Children. Implications for Community Psychiatry in the Community. in SERBAN, G. e ASTRACHAN, B. New Trends of Psychiatry in the Community. Cambridge, Mass., Ballinger. Publ. Co., 1977.
- LAYCOCK, S.R. Family living and sex education. A guide for parents and youth leaders. Toronto, Mil-Mac Publications Ltd., 1974.

- LEWIN, B. The adolescent boy and girl: first and other early experiences with intercourse from a representative sample of swedish school adolescents. Archives of Sexual Behavior, 11 (5): 417-428, 1982.
- LEWIN, K. A dynamic theory of personality. N. York, Mac-Graw-Hill, 1935.
- LEWIN, K. Field theory in social science, N.York, Harper and Row, 1951.
- LEWIS, R. Parents and peers: socialization agents in the coital behavior of young adults. J. Sex. Res., 9 (2): 156-170, 1973.
- LEWIS, R.A. Empathy and interpersonal perception in dating-pair relationships. Univ. de Minnesota, 1966 (dissertação de mestrado).
- LIPSITZ, J.S. Adolescent psychosexual development. in SMITH, P. B. et al. Adolescent pregnancy: Perspectives for the Health Professional. Boston, G.K. Hall, 1980.
- LLEWELLYN-JONES, D. Everywoman: a gynaecological guide for life. London, Faber, 1980.
- MANNARINO, A.P. Friendship patterns and altruistic behavior in preadolescent males. Dev. Psychol., 12: 555-556, 1976.
- MAQSUD, M. Social Interaction and Moral Judgement in Northern Nigerian Adolescents. J. Soc. Psych., 105, 3-10:1978.
- MARCONDES, R.S. et alli. Saúde na escola. S.P., Ibrasa, 1980.
- MARTINO, H. Fatores médico-sociais de alto risco perinatal. Jornal de Pediatria, jan-fev.: 13-14, 1974.

- MARTINO, J. Propositions pour une méthode raisonnée de la praxis éducative. Sauvegarde de l'Enfance, 36 (4): 523-537, 1981.
- MATTESON, D.R. Adolescence today: sex roles and the search for identity. Homewood, Ill, Dorsey Press, 1975.
- MATZA, D. Subterranean traditions of youth. The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences. 338: 102-118, 1961.
- MAXCY, K.F. Public Health and Preventive Medicine. N.York, Appleton-Century-Crofts, 1980.
- MENNINGER, K. The vital balance. N.York, Viking, 1963.
- MERTON, R. Social Theory and Social Structure. Glencoe, Ill, Free Press, 1957.
- MILLER, D. Parental responsibility for adolescent maturity in ELLIOTT, K. The family and its future. London, Churchill, 1970.
- MINUCHIN, S. Familias y Terapia Familiar. Barcelona, Gráfica, 1977.
- MITCHELL, R.G. Child health in the community. Churchill Livingstone, Edinburgh, 1980.
- MOSKOWITZ, R. Leaving the drug world behind. American Education, jan., 1970.
- NILSON-GIEBEL, M. Peer groups help prevent dependence among youth in the Federal Republic of Germany. International Journal of Health Education, 23 (1): 20-24, 1980.
- NUNES, E.P. Psicoterapia nas neuroses e psicoses. J. Bras. Psiqu., 29 (3): 157-164, 1980.
- NYE, F. Family relationships and delinquent behavior. N.York, Wiley, 1958.

- OFFER, D. et al. Clinical evaluation of normal adolescents. American Journal of Psychiatry, 121: 874-872, 1965.
- OFFER, D. & OFFER, J. B. Adolescents in REICH, W. T. Encyclopedia of Bioethics. New York, The Free Press, 1978.
- OFFER, D. & SIMON, W. Stages of sexual development in SADOCK, B.J. et al. The sexual experience. Baltimore, Williams and Wilkins, 1973.
- O'NEILL, W. F. Behaving and believing: an exploration into the role of values in the learning process in CARR, W.G. Values and the curriculum. Washington, N. Educ. Ass., 1970.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE Los aspectos de salud de la educación para la vida familiar de los niños y jóvenes en edad escolar en América Latina. Washington, OMS/OPAS, 1973.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE Instrucción y asistencia en cuestiones de sexualidad humana: formación de profesionales de la salud (Inf. Tecn. nº 572). Ginebra, OMS, 1975.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE Objetives of youth advisory services. Copenhagen, World Health Organization, 1978.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE Sexto informe sobre la situación sanitaria mundial, 1973-1977, Ginebra, Organización Mundial de la Salud, 1981.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE Condiciones de salud del niño en las Américas. Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1979. (Publ. Cient. nº 381).
- PAPALIA, D.E. et al. Human development. N. York, McGraw-Hill, 1978.
- PARCEL, G.S. et al. Formative evaluation of a sex education course for young adolescents. J. of School Health, 49 (6): 335-339, 1979.

- PLAT, P. et al. Adolescence, contraception, biologie. Sauvegarde de l'Enfance, 38 (2): 313-340, 1983.
- PARSONS, T. & BALES, R.F. Family, socialization and interaction process. Glencoe, Ill., Free Press, 1955.
- PERRY, C.L. et al. Enhancing the transition years: the challenge of adolescent health promotion. J. Sch. Health, 52 (5): 307-311, 1982.
- PETERSON, G. et al. Psychiatric aspects of adolescent pregnancy. Psychosomatics, 23 (7): 723-733, 1982.
- PIAGET, J. The Psychology of Intelligence. London, Routledge and Kegan Paul., 1950.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. De la logique de l'enfant et de l'adolescent. Paris, Masson, 1936.
- PILON, A.F. O jovem no mundo adverso. Academus, 14 (34): 9-16, 1971.
- PILON, A.F. Saúde e atenção das necessidades humanas básicas. Academus, 16 (36): 8-15, 1974.
- PILON, A.F. Da reabilitação à prevenção: o novo enfoque. Revista Comenor, ed. Piloto: 27-29, 1979.
- PRESCOTT, J. Phylogenetic and ontogenetic aspects of human affectional development. Montreal, International Congress of Sexology, 1976.
- PRINGLE, M.K. Identifying deprived children. Proceedings of the Royal Society of Medicine, 67: 1061-1062, 1974.
- PROSEN, H. et al. The life cycle of the family: parental midlife crises and adolescent rebellion. Adolescent Psychiatry, 9; 170-179, 1981.
- PUC-URPLAN, Instituto de Planejamento Regional e Urbano da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo O menor, seu

habitat e sociabilidade na cidade de São Paulo, outubro, 1979.

RAGAN, W.B. & SHEPERD, G.D. Educational objectives, in Modern elementary curriculum. New York, Holt, Rinehart and Wiston, 1974.

RATHBONE, F. & RATHBONE, E.T. Health and the nature of man, New York, McGraw-Hill, 1971.

REID, D. School sex education and the causes of unintended teenage pregnancies - a review Health Education Journal, 41 (1): 4-11, 1982.

REISMAN, J.M. & SHORR, S.I. Friendships claims and expectations among children and adults. Child.Dev. 49: 913-916, 1978.

RIJKSEN, P. Sociale en Psychologische Aspecten der Gezinsonvolledigheid. Assen, Van Gorcum & Comp., 1955.

RIVENBARK, W.H. Self-disclosure and sociometric choice in the adolescence period. Doctoral Dissertation, University of Florida, 1966.

ROBINS, L.N. & LEWIS, R.G. The role of the antisocial family in school completion and delinquency: a three-generation study. Sociological Quarterly, 7: 500-541, 1966.

ROGERS, C. Tornar-se pessoa. Lisboa, Moraes Editora, 1970.

ROSEMBERG, M. The use of test factors to assess the relationship between variables. In TUCKETT, D. & KAUFERT, J.M. Basic readings in medical sociology. London, Tavistock, 1978.

RUESCH, J. Comunicación terapéutica. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1964.

RUYTER, P.A. in DANIEL, J. Utilisation de concepts de la therapie familiale dans une experience d'accueil d'adolescents, Sauvegarde de l'Enfance, 35 (3): 427-432, 1980.

- SALOMÃO, C.L. et al. Alguns aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relativos à sexualidade. S.Paulo, II Congresso Paulista de Saúde Pública, 1983.
- SANTOS, J.M. Noções de Psicologia da Criança. São Paulo, Ed. Nacional, 1968.
- SÃO PAULO - Secretaria de Estado da Educação - Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional. Plano Trienal para 1980-1982. S.Paulo, 1979.
- SÃO PAULO - Secretaria de Estado da Educação - Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional - Centro de Informações Educacionais. Rede Estadual de Ensino - Estabelecimentos de 1º e 2º graus - Região Metropolitana da Grande São Paulo, 1980.
- SÃO PAULO - Secretaria de Estado da Educação - Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional - Projeto Nível Sócio-Econômico. Um estudo da família dos alunos do 1º grau da rede escolar estadual. S. Paulo, junho de 1981.
- SÃO PAULO - Secretaria de Estado da Educação - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Serviço de Orientação Educacional. Projeto Programas de Saúde - Aspectos do Crescimento e Desenvolvimento Humano. 1981 (mimeografado)
- SATIR, V. Conjoint family therapy. California, Science and Behavior Books, 1967.
- SAUCIER, J.F. et al. Parental marital status and adolescents' optimism about their future. J. of Youth and Adol., 11 (5): 345-354, 1982.

- SAUL, L.J. Emotional maturity: the development and dynamics of personality and its disorders. Philadelphia, Lippincott, 1971.
- SEADE Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, 1981.
- SEBALD, H. & WHITE, B. Teenagers Divided Reference Groups: Uneven Alignment with Parents and Peers. Adolescence, 15 (60), 1980.
- SCHMIDENBERG, M. Psychiatric social factors in young unmarried mothers. Soc. Casework, 32 (3): 3-7, 1951.
- SHEN, J.T.Y. Adolescent sexual behavior. Postgraduate medicine The Journal of Applied Medicine for the Primary Care Physician, 71 (4): 46-58, 1982.
- SHIRREFFS, J.H. et al. Adolescent perceptions of sex education needs. J. Sch. Health, 49 (6): 343-346, 1979.
- SILVA, J.L.P. Gravidez na Adolescência - Conduta frente à anticoncepção e ao sexo. Jornal Brasileiro de Ginecologia, 90 (6): 283-287, 1980.
- SIMON, W. & GAGNON, J.H. On Psychosexual Development. in GOSLIN, D.A. Handbook of socialization. Theory and Research. Chicago, Rand McNally, 1971.
- SLAVSON, S.R. Reclaiming the delinquent. New York, The Free Press, 1965.
- SMITH, A.J. A developmental study of group processes. Journal of Genetic Psychology, 97: 29-39, 1960.
- SMITH, M.B. Social psychology and human values. Chicago, Aldine Publ., 1969.

- SMITH, P.B. et al, Factors affecting perception of pregnancy risk in the adolescent, J. of Youth and Adol., 11 (3): 207-216, 1982.
- SNIGG, D. & COMBS, A.W. Individual Behavior, New York, Harper and Brother Publ., 1949.
- SORENSEN, R.C. Adolescent sexuality in contemporary America, New York, World Publishing Co., 1973.
- SORRELLO, J.M. & FORD, F.R. Toward an integrated theory of families and family therapy, in Psychoterapy: Theory, Research and Practice, 1969.
- SÖRLIN, G. Los Problemas Sexuales son Reflejo de Problemas de Relación - Reporte final de el tercer seminario sobre educación Sexual y Desarrollo Social, Estocolmo, Suecia, Marzo, 14-abril 4, 1976.
- SPRANGER, E. Psychologie des Jugendalters, Leipzig, 1924.
- STERN, A. Filosofia de los valores: panorama de las tendencias actuales en Alemania, Buenos Aires, Comp. General Fabril, 1960.
- STOGDILL, R.M. Handbook of Leadership, New York, Free Press 1974.
- SULLIVAN, H.S. The interpersonal theory of Psychiatry, New York, Norton, 1953.
- SUNDSTRÖM-FEIGENBERG, K. Adolescentes y Anticonceptivos. Reporte final de el tercer seminario sobre Educación Sexual y Desarrollo Social, Estocolmo, Suécia, Marzo 14-abril 4, 1976.
- SUTHERLAND, I. Health education. Perspective and choices, London, Allen & Unwin, 1979.

- SUTHERLAND, M.S. Relevant Curriculum Planning in Health Education: a methodology. J. Sch. Health, 49 (7): 387-389, 1979.
- TOWLE, C. Common Human Needs. New York, American Association of Social Workers, 1955.
- UNESCO L'education en matière de population: une perspective contemporaine. Paris, 1978.
- URBAN, W.M. Language and identity. New York, McMillan, 1939.
- VAN DER VEEN, F. Content dimensions of the family concept and their relations to disturbance, generation and gender. in HOWELLS, J. Advances in family psychiatry. New York, International Universities Press, 1978.
- VAN DER BERG, J. H. The phenomenological approach to psychiatry. Springfield, Ill., 1955.
- VELASCO, A. M. Cora: programa de orientaci6ns para adolescentes. Reuni6n T6cnica Internacional sobre Informaci6n, Educaci6n y Comunicaci6n en Planificaci6n Familiar. M6xico, 1979.
- VERNON, M.D. Percepç6o e experi6ncia. S.Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
- VINCENT, M.L. et al. Contraceptive patterns of college students who experienced early coitus. J. Sch. Health, 10 (51): 667-672, 1981.
- WALDEN, L. Comercializaci6n de las Relaciones Humanas. La Prensa Popular. Reporte final de el tercer seminario sobre Educaci6n Sexual y Desarrollo Social. Estocolmo, Su6cia, Marzo, 14-abril 4, 1976.

- WAGNER, C. A. Sexuality of american adolescents. Adolescence, 15 (59): 567-580, 1980.
- WALKER, D.K. et al. Comparisons between innercity and private school adolescents' perceptions of health problems. J. of Adol. Health Care, 3 (2): 82-90, 1983.
- WALLACE, H.D. Affectional climate in the family of origin and experience of subsequent sexual-affectional behaviors. J. of Sex and Marital Therapy, 7 (4): 296-306, 1981.
- WARNATH, C.F. The relation of family cohesiveness and adolescent independence to social effectiveness. Marriage and Family Living, 17: 346-348, 1955.
- WATERS, E., WIPPMAN, J. and SROUFE, L.A. Attachment, positive affect, and competence in the peer group: two studies in construct validation. Child Development, 50: 821-829, 1979.
- WEISMER, T.S. e WEIBEL, J.C. Home environments and family lifestyles in California. Environment and Behavior, 13 (4): 417-460, 1981.
- WEREBE, M.J. et al. Educação Sexual, instrumento de democratização ou de repressão? Cadernos de Pesquisa, (36), 1981.
- WINDER, C.L. and RAU, L. Parental attitudes associated with social deviance in preadolescent boys. Journal of Abnormal and Social Psychology, 64: 418-424, 1962.
- YINGER, J.M. Toward a field theory of behavior. New York, McGraw-Hill, 1965.
- ZELNIK, M. et al. Sexuality, contraception and pregnancy among unwed females in the United States. In WESTOFF, C.F. et al. Comission on Population Growth and the American Future, Research Reports, vol. I U.S. Government Printing Office, Washington, D.C., 1972.

Prezado(a) Aluno(a),

Precisamos de sua colaboração para este estudo, desenvolvido pela Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de S. Paulo, com o patrocínio da Organização Mundial da Saúde.

Este estudo visa a conhecer como o jovem se sente no relacionamento com seus pais, companheiros e o sexo oposto e como ele vê aspectos de seus estudos e desenvolvimento pessoal.

As perguntas constantes do questionário anexo deverão ser respondidas com sinceridade, conforme as coisas realmente são para você; vale aquilo que for verdade para você e não o que outras pessoas possam dizer ou pensar a respeito.

Esperamos que esta seja uma experiência interessante, valiosa, que o ajude a pensar sobre sua vida, a refletir sobre seu relacionamento com pessoas e situações e seus projetos de vida.

Siga as instruções seguintes:

INSTRUÇÕES PARA PREENCHER O QUESTIONÁRIO

Em relação a cada pergunta:

1. Leia todas as alternativas de resposta antes de assinalar a sua escolha.
2. Refleta sobre o sentido de cada alternativa.
3. Assinale com um X a alternativa que mais se aproxime de sua maneira de ver ou sentir.
4. Se for o caso, escreva a resposta pedida.
5. Se não entender alguma pergunta tente uma nova leitura.
6. Responda a todas as perguntas.

Não há tempo limitado. Trabalhe a vontade, dentro de seu próprio ritmo.

Não é preciso escrever seu nome no questionário; suas respostas não serão identificadas.

1 Nome da Escola _____

Período:

☐ 1. Diurno

☐ 2. Noturno

2 Série: _____

3 Idade: _____ anos

4 Data de Nascimento: _____ de _____ de 19__.

5 Sexo:

☐ 1. Masculino

☐ 2. Feminino

6 Indique com quem você mora:

☐ 1. Com seu pai e sua mãe

☐ 2. Com o pai e madrasta

☐ 3. Com a mãe e padrasto

☐ 4. Só com o pai

☐ 5. Só com a mãe

☐ 6. Com parentes, sem os pais

☐ 7. Com outras pessoas, sem os pais

☐ 8. Sozinho

5

6

7 8

9 14

15

16

Aqueles que não moram com o pai ou a mãe, devem responder às perguntas considerando as pessoas com quem moram como seus pais.

7 Seu pai trabalha? (se for aposentado assinale a alternativa sim)

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Se Sim

8 O que ele faz? _____

9 Sua mãe trabalha?

☐ 1. Sim, apenas em casa, como dona de casa

☐ 2. Sim, apenas em casa, mas exercendo atividade remunerada

☐ 3. Sim, fora de casa

10 Se sua mãe trabalha fora, o que ela faz? _____

Assinale abaixo o último curso que seus pais concluíram:

11 - 12

PAI

MÃE

1. Nenhum curso

☐☐

2. Antigo primário

☐☐

3. Antigo ginásio

☐☐

4. Colegial, normal ou técnico

☐☐

5. Faculdade

☐☐

13 Você trabalha?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Se Sim

14 O que faz? _____

15 Quantas horas por dia você trabalha? _____ horas.

17

18 19

20

21 22

PAI MÃE

23 24

25

26 27

28

16 Das afirmações abaixo qual corresponde melhor ao seu aproveitamento escolar?

- ☐ 1. Vou indo mal, minhas notas são baixas
- ☐ 2. Vou indo mais ou menos, minhas notas são regulares
- ☐ 3. Vou indo bem, minhas notas são boas

17 Você acha mais provável que após a conclusão do 2º grau você esteja:

- ☐ 1. Só trabalhando
- ☐ 2. Trabalhando e estudando
- ☐ 3. Nem trabalhando, nem estudando
- ☐ 4. Só estudando

18 Além de preparar para uma profissão e facilitar um emprego, o que se aprende na escola tem algum outro sentido para a vida?

- ☐ 1. Sim. Qual? _____
- ☐ 2. Não

Assinale nas questões 19 a 25 todos aqueles que, habitualmente, fazem parte do seu grupo de companheiros:

1. SIM 2. NÃO

19	Colegas de escola	☐	☐
20	Ex-colegas de escola	☐	☐
21	Colegas de trabalho	☐	☐
22	Vizinhos	☐	☐
23	Parentes	☐	☐
24	Outros	☐	☐
25	Ninguém, não tenho companheiros	☐	

Quem? _____

(Se sim, vá para a pergunta 55)

- 26 Que importância tem para você a companhia de seu grupo de companheiros?
- ☐ 1. Pouca
- ☐ 2. Regular
- ☐ 3. Muita
- 27 Em seu grupo de companheiros você se sente à vontade para expressar suas próprias idéias?
- ☐ 1. Nunca
- ☐ 2. Às Vezes
- ☐ 3. Sempre
- 28 Se em seu grupo de companheiros alguém apresentasse uma proposta da qual você discordasse:
- ☐ 1. Você aceitaria a proposta se o grupo todo também a aceitasse
- ☐ 2. Você não aceitaria a proposta mesmo se o grupo todo a aceitasse
- 29 Na lista abaixo assinale três assuntos sobre os quais seu grupo de companheiros geralmente conversa mais:
- ☐ 1. Diversões (cinema, teatro, música, televisão)
- ☐ 2. Esportes
- ☐ 3. Estudos
- ☐ 4. Família
- ☐ 5. Namoro
- ☐ 6. Reuniões Sociais (festas, passeios, encontros)
- ☐ 7. Sexo
- ☐ 8. Trabalho
- ☐ 9. Outros; Quais? _____
- 30 Você conversa com seus pais sobre as atividades que você realiza com seu grupo de companheiros?
- ☐ 1. Não
- ☐ 2. Conversa um pouco
- ☐ 3. Conversa regularmente
- ☐ 4. Conversa muito

[
39[
40[
41[
42 43[
44

31 Quantos de seus companheiros seus pais conhecem pessoalmente?

☐ 1. Todos

☐ 2. Alguns

☐ 3. Nenhum

32 Você já foi levado a fazer alguma coisa que considera errada por pressão de seu grupo de companheiros?

☐ 1. Sim. O que foi? _____

☐ 2. Não

Nas questões 33 a 42, em relação a seu grupo de companheiros você sente que de maneira geral seu pai e sua mãe:

PAI

MÃE

PAI

MÃE

33 - 34 Não gosta deles, proíbe que vocês andem juntos

☐
☐
☐
☐

35 - 36 Apenas os tolera, não vê com bons olhos que vocês andem juntos

☐
☐
☐
☐

37 - 38 Não se interessa em saber quem são eles, vocês são deixados à vontade para andarem juntos

☐
☐
☐
☐

39 - 40 Gosta deles e aprova que vocês andem juntos

☐
☐
☐
☐

41 - 42 Escolhe os companheiros para você

☐
☐
☐
☐

43 Você tem alguma amizade que seus pais desconhecem e que não aprovariam se conhecessem?

☐ 1. Sim. Por que seus pais não aprovariam? _____

☐ 2. Não _____

44 Em seu grupo de companheiros existe uma pessoa mais chegada e íntima que você considera seu melhor amigo ou amiga?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não (Se não, vá para a pergunta 55)

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

Nas questões 45 a 53 em que medida as afirmações abaixo se aplicam a essa pessoa mais íntima sua?

		1. SIM	2. MAIS OU MENOS	3. NÃO	
45	Tem bom desenvolvimento físico	☐	☐	☐	[59
46	Vai bem na escola	☐	☐	☐	[60
47	Dá-se bem com os companheiros	☐	☐	☐	[61
48	Vive bem com a família	☐	☐	☐	[62
49	É responsável, cumpre seus deveres	☐	☐	☐	[63
50	É desembaraçado no relacionamento com os outros	☐	☐	☐	[64
51	É fácil para conviver	☐	☐	☐	[65
52	Preocupa-se com religião	☐	☐	☐	[66
53	É atraente para o sexo oposto	☐	☐	☐	[67
54	A pessoa que você escolheu como melhor amigo(a) é:				
	☐ 1. do mesmo sexo que você				
	☐ 2. do sexo oposto				[68

Identificação do Questionário

Ordem do Cartão

1
2

Assinale nas questões 55 a 64 a importância que você dá aos seguintes assuntos:

		1. NENHUMA	2. POUCA	3. REGULAR	4. MUITA
55	Sua aparência pessoal	☐	☐	☐	☐
56	Sua alimentação, horários de refeição	☐	☐	☐	☐
57	Seus colegas, companhias, amigos	☐	☐	☐	☐
58	Seu lazer, recreação, distrações, entretenimentos	☐	☐	☐	☐
59	Período de permanência fora de casa, horários	☐	☐	☐	☐
60	Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	☐	☐	☐	☐
61	Tempo de estudo, deveres e notas escolares	☐	☐	☐	☐
62	Crença religiosa, frequência a atos religiosos	☐	☐	☐	☐
63	Ajuda nas tarefas domésticas	☐	☐	☐	☐
64	Relacionamento com sexo oposto	☐	☐	☐	☐

Nas questões 65 a 74 ainda em relação a você, qual a importância que seus pais dão ao controle de:

		1. NENHUMA	2. POUCA	3. REGULAR	4. MUITA
65	Sua aparência pessoal	☐	☐	☐	☐
66	Sua alimentação, horários de refeição	☐	☐	☐	☐
67	Seus colegas, companhias, amigos	☐	☐	☐	☐
68	Seu lazer, recreação, distrações, entretenimentos	☐	☐	☐	☐
69	Período de permanência fora de casa, horários	☐	☐	☐	☐

[5
[6
[7
[8
[9
[10
[11
[12
[13
[14[15
[16
[17
[18
[19

1. NENHUMA 2. POUCA 3. REGULAR 4. MUITA

- 70 Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro
- 71 Tempo de estudo, deveres e notas escolares
- 72 Crença religiosa, frequência a atos religiosos
- 73 Ajuda nas tarefas domésticas
- 74 Relacionamento com o sexo oposto.

☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐

Dos assuntos constantes nas questões 75 a 84, quais os que provocam na prática discordância entre você e seus pais?

1. NENHUMA 2. POUCA 3. REGULAR 4. MUITA

- 75 Sua aparência pessoal
- 76 Sua alimentação, horários de refeição
- 77 Seus colegas, companhias, amizades
- 78 Seu lazer, recreação, distrações, entretenimentos
- 79 Período de permanência fora de casa, horários
- 80 Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro
- 81 Tempo de estudo, deveres e notas escolares
- 82 Crença religiosa, frequência a atos religiosos
- 83 Ajuda nas tarefas domésticas
- 84 Relacionamento com sexo oposto

☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐

[
20
[
21
[
22
[
23
[
24[
25
[
26
[
27
[
28
[
29
[
30
[
31
[
32
[
33
[
34

Considerando as questões 85 a 94 que discordância existe entre seu pai e sua mãe quanto à orientação a ser dada a você, em relação a:

		1.NENHUMA	2.POUCA	3.REGULAR	4.MUITA	
85	Sua aparência pessoal	☐	☐	☐	☐	
86	Sua alimentação, horários de refeição	☐	☐	☐	☐	
87	Seus colegas, companhias, amizades	☐	☐	☐	☐	
88	Seu lazer, recreação, distrações, entretenimentos	☐	☐	☐	☐	
89	Período de permanência fora de casa, horários	☐	☐	☐	☐	
90	Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	☐	☐	☐	☐	
91	Tempo de estudo, deveres e notas escolares	☐	☐	☐	☐	
92	Crença religiosa, frequência a atos religiosos	☐	☐	☐	☐	
93	Ajuda nas tarefas domésticas	☐	☐	☐	☐	
94	Relacionamento com o sexo oposto	☐	☐	☐	☐	
95 - 96	Quando você faz alguma coisa fora da rotina, de certa importância, que seus pais consideram <u>correta ou bem feita</u> , seu pai e sua mãe:					
				PAI	MÃE	
	1. Quase não presta atenção, geralmente ignora			☐	☐	
	2. Geralmente elogia, apóia, estimula			☐	☐	
	3. Geralmente critica, não se dá por satisfeito(a)			☐	☐	
	4. Ora elogia, ora critica, nunca se sabe como vai reagir			☐	☐	

97 - 98

Quando você faz alguma coisa fora da rotina, de certa importância, que seus pais consideram errada ou mal feita, seu pai e sua mãe:

1. Quase não presta atenção, geralmente ignora
2. Vai logo castigando, logo perde a paciência
3. Discute antes o assunto com você, buscando junto a solução
4. Ora castiga, ora deixa passar, nunca se sabe como vai reagir

PAI

MÃE

☐☐☐☐☐☐☐☐

PAI

MÃE

┌
47┌
48

99 - 100

Você sente que o interesse e a atenção de seus pais em relação a você geralmente são:

1. Satisfatórios em todos os aspectos
2. Insatisfatórios em todos os aspectos
3. Satisfatórios em alguns aspectos e insatisfatórios em outros

PAI

MÃE

☐☐☐☐☐☐

PAI

MÃE

┌
49┌
50

a) Em que aspectos são satisfatórios? _____

b) Em que aspectos são insatisfatórios? _____

Nas questões 101 a 108, você sente que em relação a você seus pais costumam, em geral, agir de que maneira:

PAI

MÃE

☐☐☐☐☐☐☐☐

PAI

MÃE

┌
51┌
52┌
53┌
54┌
55┌
56┌
57┌
58

101 - 102

Fria e distante

103 - 104

Carinhosa e acolhedora

105 - 106

Hostil e agressiva

107 - 108

Variável, nunca se sabe como será a reação

- 109 Em relação a assumir responsabilidade por sua família, você sente que:
- ☐ 1. Sua mãe assume o maior grau de responsabilidade por sua família
 - ☐ 2. Seu pai assume o maior grau de responsabilidade por sua família
 - ☐ 3. Seu pai e sua mãe assumem o mesmo grau de responsabilidade por sua família
 - ☐ 4. Nem seu pai, nem sua mãe assumem responsabilidade por sua família

Nas questões 110 a 117, geralmente você vê seu pai e sua mãe como:

		PAI	MÃE
110 - 111	Uma pessoa autoritária, "mandona", que exige prestação de contas de seus atos	☐	☐
112 - 113	Uma espécie de colega, que você trata de igual para igual	☐	☐
114 - 115	Uma pessoa mais experiente, que o orienta e com quem você pode contar	☐	☐
116 - 117	Uma pessoa alheia à sua vida, indiferente ao que se passa com você	☐	☐

- 118 Em sua casa você sente que geralmente:
- ☐ 1. Seu pai apoia sua mãe, mas sua mãe não apoia seu pai
 - ☐ 2. Sua mãe apoia seu pai, mas seu pai não apoia sua mãe
 - ☐ 3. Tanto seu pai como sua mãe dão apoio um ao outro
 - ☐ 4. Nem seu pai, nem sua mãe, dão apoio um ao outro

- 119 Você acha que dentro de sua família geralmente:
- ☐ 1. Ninguém ajuda a ninguém, mas também não interfere na vida do outro
 - ☐ 2. Ninguém ajuda a ninguém, mas interfere na vida do outro
 - ☐ 3. Uns ajudam aos outros, todos se interessam por todos
 - ☐ 4. Alguns ajudam, outros interferem ou são indiferentes

[
59

PAI	MÃE
[60	[61
[62	[63
[64	[65
[66	[67

[
68[
69

120 Em sua família, você costuma sentir de maneira geral:

- ☐ 1. Uma harmonia superficial, no fundo há desacordo
- ☐ 2. Um desacordo evidente e manifesto
- ☐ 3. Uma harmonia básica, apesar de alguns desacordos

121 Você se considera motivo de desacordo entre seu pai e sua mãe?

- ☐ 1. Sim. Por que? _____
- ☐ 2. Não _____

122 Na sua opinião, o que deixaria seus pais mais desgostosos ou aborrecidos com você?

123 O que você mais quer da vida? _____

124 Você tem alguma atividade preferida nas horas vagas e que lhe dá satisfação?

- ☐ 1. Sim. Qual é ela? _____
- ☐ 2. Não _____

Se respondeu Não

125 Gostaria de ter alguma?

- ☐ 1. Sim. Qual? _____
- ☐ 2. Não. Por que? _____

70

71

72

73

Nas questões 126 a 135, as pessoas em geral acham que você:

		1.SIM	2.MAIS OU MENOS	3. NÃO	
126	Tem bom desenvolvimento físico	☐	☐	☐	[74
127	Vai bem na escola	☐	☐	☐	[75
128	Dã-se bem com os companheiros	☐	☐	☐	[76
129	Vive bem com a família	☐	☐	☐	[77
(continua)					

Identificação do Questionário

Ordem do Cartão

1	3
3	3
4	

(continuação)

1. SIM 2. MAIS OU MENOS 3. NÃO

130	É responsável, cumpre seus deveres	☐	☐	☐	[
131	É desembaraçado no relacionamento com os outros	☐	☐	☐	5
132	É fácil para conviver	☐	☐	☐	6
133	Preocupa-se com religião	☐	☐	☐	7
134	É atraente para o sexo oposto	☐	☐	☐	8
135	Se quiser, acrescente outras coisas _____				9

136 - 139 Assinale uma única alternativa, a que mais se aproxima da atitude de cada uma das pessoas abaixo em relação a religião:

- | | SEU
PAI | SUA
MÃE | SEU MELHOR
AMIGO(A) | VOCE
MESMO |
|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Ignora, não toma conhecimento | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 2. Interessa-se, valoriza, procura | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 3. Menospreza, caçoa, ridiculariza | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

140 Em sua opinião, a religião influi nas atitudes e comportamentos em relação à sexualidade?

- ☐ 1. Sim, ajudando a pessoa
☐ 2. Sim, prejudicando a pessoa
☐ 3. Não influi.

PAI	[
	10
MÃE	[
	11
AMIGO	[
	12
VOCE	[
	13

Nas questões 141 a 148, para cada um dos assuntos abaixo indicados, assinale uma única alternativa, indicando a opinião de quem você mais leva em conta, em suas decisões:

		1. PAI	2. MÃE	3. PAIS	4. PRO - FESSORES	5. COMPA- NHEIROS	6. OUTROS (QUEM)	7. NINGUÉM
141	Aparência pessoal	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
142	Estudos	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
143	Dinheiro	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
144	Lazer, recreação	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
145	Profissão, trabalho	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
146	Relacionamento com o sexo oposto	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
147	Religião	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐
148	Amizades	☐	☐	☐	☐	☐	☐ _____	☐

149 Você atualmente namora alguém?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Se Sim

150 Há quanto tempo você namora essa pessoa? _____

151 Você já namorou alguém no passado?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Se Sim

152 Quanto tempo durou seu último namoro? _____

[

15

[

16

[

17

[

18

[

19

[

20

[

21

[

22

[

23

[

24

[

25

[

26

Para aqueles que namoram ou já namoraram (os demais passem para a pergunta 168).

153 Com que idade você começou a namorar? _____ anos.

154 Indique o número de pessoas que você já namorou até agora. _____ pessoas.

Nas questões 155 a 163, em relação ao seu namoro atual ou, se não estiver namorando, em relação ao seu último namoro, até que ponto:

		1.BASTANTE	2.MAIS OU MENOS	3.POUCO	4.NADA	
155	0 namoro atrapalhou sua vida familiar	☐	☐	☐	☐	31
156	0 namoro atrapalhou sua vida escolar	☐	☐	☐	☐	32
157	0 namoro atrapalhou sua vida com seus companheiros	☐	☐	☐	☐	33
158	Você gostou da outra pessoa	☐	☐	☐	☐	34
159	A outra pessoa gostou de você	☐	☐	☐	☐	35
160	Você confiou nessa pessoa	☐	☐	☐	☐	36
161	Essa pessoa confiou em você .	☐	☐	☐	☐	37
162	Houve diálogo e compreensão entre vocês	☐	☐	☐	☐	38
163	Existiu intimidade física	☐	☐	☐	☐	39
164	Se existiu, em que consistiu essa intimidade física? _____					

27 28

29 30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Nº DA PERGUNTA	QUESTÕES					Nº DAS COLUNAS
165	Seus pais souberam que você namora ou namorava?					
	☐ 1. Ambos souberam					
	☐ 2. Nenhum deles soube					
	☐ 3. Apenas o pai soube					
	☐ 4. Apenas a mãe soube					
166 - 167	Qual foi a reação deles (se souberam) ou qual seria a reação deles (se soubessem):	PAI	MÃE			
	1. Interesse, apoio, orientação	☐	☐			
	2. Desinteresse, indiferença	☐	☐			
	3. Tentar impedir, armar briga	☐	☐			
	4. Tolerância, mas a contra-gosto	☐	☐			
	5. Outras reações. Quais? _____	☐	☐			
168	Um rapaz e uma moça se conheceram durante uma festa. Lá a coisa estava meio aborrecida e eles foram para longe dos outros. Quando retornaram uma hora depois estavam aparentemente felizes. O que você acha que poderia ter acontecido para deixá-los felizes?					
Nas questões 169 a 176, no relacionamento com o sexo oposto você sente que é influenciado por:						
		1.BASTANTE	2.MAIS OU MENOS	3.POUCO	4.NADA	
169	Seu pai	☐	☐	☐	☐	
170	Sua mãe	☐	☐	☐	☐	
171	Professores	☐	☐	☐	☐	
172	Companheiros	☐	☐	☐	☐	
173	Televisão	☐	☐	☐	☐	

Nº DA PERGUNTA	QUESTÕES	1.BASTANTE	2.MAIS OU MENOS	3.POUCO	4.NADA	Nº DAS COLUNAS
174	Revistas	☐	☐	☐	☐	[48
175	Livros	☐	☐	☐	☐	[49
176	Outros. Indique quais: _____ _____	☐	☐	☐	☐	[50
<p>Nas questões de 177 a 202, assinale os sentimentos que a <u>sexualidade</u> desperta em você:</p>						
			1.SIM	2.NÃO		
177	Alegria		☐	☐		[51
178	Amor		☐	☐		[52
179	Ansiedade		☐	☐		[53
180	Atração		☐	☐		[54
181	Confiança		☐	☐		[55
182	Curiosidade		☐	☐		[56
183	Culpa		☐	☐		[57
184	Desconfiança		☐	☐		[58
185	Destemor		☐	☐		[59
186	Espontaneidade		☐	☐		[60
187	Êxito		☐	☐		[61
188	Fracasso		☐	☐		[62
189	Indiferença		☐	☐		[63
190	Inocência		☐	☐		[64

1º DA PERGUNTA	QUESTÕES	1. SIM	2. NÃO	Nº DAS COLUNAS
191	Insegurança	☐	☐	☐
192	Medo	☐	☐	65 ☐
193	Naturalidade	☐	☐	66 ☐
194	Obrigaçã	☐	☐	67 ☐
195	Prazer	☐	☐	68 ☐
196	Raiva	☐	☐	69 ☐
197	Repulsa	☐	☐	70 ☐
198	Segurança	☐	☐	71 ☐
199	Sufrimento	☐	☐	72 ☐
200	Tranquilidade	☐	☐	73 ☐
201	Tristeza	☐	☐	74 ☐
202	Vergonha	☐	☐	75 ☐
203	Para manter relações sexuais, em sua opinião, qual deve ser o relacionamento mínimo necessário?			76 ☐
	☐ 1. Encontro ocasional			
	☐ 2. Simples camaradagem			
	☐ 3. Amizade			
	☐ 4. Namoro			
	☐ 5. Namoro firme			
	☐ 6. Noivado			
	☐ 7. Casamento			77 ☐

Nº DA PERGUNTA	QUESTÕES	Nº DAS COLUNAS
204	<p>Em relação ao comportamento sexual, rapazes e moças, em sua opinião, deveriam:</p> <p>☐ 1. Orientar-se pelas mesmas normas de conduta</p> <p>☐ 2. Orientar-se por normas diferentes de conduta</p>	78
205	<p>Considerando a maneira como você vem sendo educado por seus pais, basicamente você educaria seus filhos da mesma forma?</p> <p>☐ 1. Sim</p> <p>☐ 2. Não</p> <p>Justifique sua resposta: _____</p> <p>_____</p>	79
206	<p>Se você fosse se casar, que requisitos você exigiria de seu noivo ou noiva?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	
207	<p>E que requisitos você acha que seu noivo ou noiva deveriam exigir de você?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	
208	<p>Em relação ao casamento, o que você imagina que há de melhor e de pior?</p> <p>1. <u>Para o marido</u></p> <p>a) de melhor: _____</p> <p>_____</p> <p>b) de pior : _____</p> <p>_____</p> <p>2. <u>Para a mulher</u></p> <p>a) de melhor: _____</p> <p>_____</p> <p>b) de pior : _____</p> <p>_____</p>	

Nº DA PERGUNTA	QUESTÕES	Nº DAS COLUNAS
209	<p data-bbox="214 120 1606 158">Na sua opinião, quais os motivos mais importantes que levam os casais a se separarem?</p> <div data-bbox="214 196 2034 551"><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div></div>	

Identificação do Questionário

Ordem do Cartão

1 3
4
4

Nas questões de 210 a 227, independentemente do seu sexo, assinale o que acontece com o prestígio ou o cartaz de alguém da sua idade que:

		UM RAPAZ			UMA MOÇA			RAPAZ	MOÇA
		1. AUMENTA	2. DIMINUI	3. NÃO MUDA	1. AUMENTA	2. DIMINUI	3. NÃO MUDA		
210 - 211	Começa a namorar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	5	6
212 - 213	Namora qualquer um(a)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	7	8
214 - 215	Namora mais de um(a)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	9	10
216 - 217	Tem experiências sexuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	11	12
218 - 219	Pretende se casar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	13	14
220 - 221	Não quer mais estudar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	15	16
222 - 223	Passa a trabalhar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	17	18
224 - 225	Abandona o lar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	19	20
226 - 227	Preocupa-se com religião	☐	☐	☐	☐	☐	☐	21	22
228	Acrescente se quiser outras coisas _____								
229	Com que idade você considera que uma jovem atinge o desenvolvimento físico adequado para dar à luz a uma criança? _____ anos.								

23 24

230 Que mudanças no organismo permitem saber que um jovem está apto a procriar ou gerar um filho?

1. Sendo rapaz: _____

2. Sendo moça : _____

231 Para a mulher que tem relações sexuais, as possibilidades de engravidar são as mesmas em todos os dias?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Justifique sua resposta: _____

232 Para saúde e bem estar da mãe e da criança, qual deve ser, em sua opinião, o intervalo de tempo mínimo entre o nascimento de um filho e o seguinte? _____

233 Você já ouviu falar de métodos para evitar a gravidez?

☐ 1. Sim. Quais? _____

☐ 2. Não

234 Você sabe o que é doença venérea?

☐ 1. Sim

☐ 2. Não

Se Sim

Como alguém pode se proteger contra uma doença venérea?

25

26 27

28

29

235 Você já teve relações sexuais?

☐ 1. Sim☐ 2. NãoSe Sim

236 Com que idade?

_____ anos.

Nas questões 237 a 250, indique se você recebeu alguma vez qualquer informação sobre vida sexual e reprodução humana das seguintes fontes:

		1. SIM	2. NÃO
237	Seu pai	☐	☐
238	Sua mãe	☐	☐
239	Irmãos, primos	☐	☐
240	Outros parentes. Quais? _____	☐	☐
241	Professores	☐	☐
242	Companheiros	☐	☐
243	Namorado(a)	☐	☐
244	Televisão	☐	☐
245	Rádio	☐	☐
246	Jornais	☐	☐
247	Revistas	☐	☐
248	Livros	☐	☐
249	Outros. Quais? _____	☐	☐
250	Ninguém	☐	☐

[
30[
31 32[
33[
34[
35[
36[
37[
38[
39[
40[
41[
42[
43[
44[
45[
46

Nas questões 251 a 263, indique se você gostaria de receber informações sobre vida sexual e reprodução humana das seguintes pessoas e fontes:

		1. GOSTARIA MUITO	2. GOSTARIA MAIS OU MENOS	3. GOSTARIA POUCO	4. NÃO GOS- TARIA
251	Seu pai	☐	☐	☐	☐
252	Sua mãe	☐	☐	☐	☐
253	Irmãos, primos	☐	☐	☐	☐
254	Outros parentes. Quais? _____	☐	☐	☐	☐
255	Professores	☐	☐	☐	☐
256	Companheiros	☐	☐	☐	☐
257	Namorado(a)	☐	☐	☐	☐
258	Televisão	☐	☐	☐	☐
259	Rádio	☐	☐	☐	☐
260	Jornais	☐	☐	☐	☐
261	Revistas	☐	☐	☐	☐
262	Livros	☐	☐	☐	☐
263	Outros. Quais? _____	☐	☐	☐	☐

Agradecemos a sua colaboração respondendo a este questionário. Se quiser fazer algum comentário, use o verso desta folha.

São Paulo, _____ de _____ de 1982

[47
[48
[49
[50
[51
[52
[53
[54
[55
[56
[57
[58
[59

ANEXO II

Numeração dos Questionários da Pesquisa

Vila Madalena:

1ª série - diurno -	59 questionários	001 a 059
2ª série - diurno -	65 questionários	060 a 124
3ª série - diurno -	61 questionários	125 a 185
1ª série - noturno -	53 questionários	186 a 238
2ª série - noturno -	61 questionários	239 a 299
3ª série - noturno -	52 questionários	300 a 351
TOTAL	351 questionários	de 001 a 351

Vila Brasilândia:

1ª série - noturno -	67 questionários	352 a 418
2ª série - noturno -	55 questionários	419 a 473
3ª série - noturno -	40 questionários	474 a 513
TOTAL	162 questionários	de 352 a 513

Jardim Tremembé:

1ª série - diurno -	48 questionários	514 a 561
2ª série - diurno -	50 questionários	562 a 611
3ª série - diurno -	52 questionários	612 a 663
3ª série - noturno -	26 questionários	664 a 689
TOTAL	176 questionários	de 514 a <u>689</u>

Foram eliminados da codificação 55 questionários:

sujeitos com mais de 21 anos	34
incompletos, defeituosos	12
omissão do período de estudo,	05
sujeitos morando sozinhos	03
omissão do sexo	01

COMENTÁRIOS ESPONTÂNEOS REGISTRADOS PELOS ALUNOS
NO VERSO DA ÚLTIMA FOLHA DO QUESTIONÁRIO

Bairro: V I L A M A D A L E N A

Período: DIURNO

1ª Série

Sexo: FEMININO

15 anos

- "Achei um barato estas perguntas!"
- "Achei que este questionário foi de total interesse para aqueles que são fechados, e que gostariam de se abrir".
- "Gostaria que uma equipe de psicólogos fizesse uma reunião com os adolescentes, depois com os pais dos adolescentes e mais tarde com ambos, mostrando a realidade atual de ambos, principalmente aos pais de antigamente".

Sexo: MASCULINO

17 anos

- "Achei bom".

2ª Série

Sexo: FEMININO

15 anos

- "Achei válido e bastante proveitoso. É preciso que pesquisas como esta sejam realizadas e que haja a ação por parte do governo em trazer idéias contidas nesta pesquisa, como educação sexual, a público".

16 anos

- "Achei que esse questionário foi muito interessante, perguntando coisas que os jovens (como eu) dão muito valor".

Sexo: MASCULINO

15 anos

- "É preciso haver uma conscientização por parte dos homens e daqueles que governam, principalmente, que se aprendendo e colocando em prática aquilo que é bom, louvável e proveitoso, é que vai se tirar algum proveito da vida. Se não for assim estaremos sendo máquinas regidas pelo dinheiro, ambição, etc. Parabéns aos que formularam esta pesquisa".
- "Eu queria receber a resposta deste questionário. Meu nome é Marcos 2º S".

16 anos

- "Há questões em que nenhuma das alternativas corresponde a realidade".

17 anos

- "Parabéns pelo trabalho. Tomara que consigam modificar alguma coisa".

3ª série

Sexo: FEMININO

16 anos

- "Gostei muito deste questionário, é bom saber que há pessoas que se interessam pela opinião do jovem na sociedade e se preocupam pelo bem-estar deste. Apareçam mais vezes, debatendo os mais variados temas. Até breve".

18 anos

- "Apreciei muito responder a estas perguntas, não existe nada melhor que o interesse do próximo para com o outro próximo".

20 anos

- "Gostei de responder a essas perguntas - pois meus pais

não conversam muito comigo. Obrigada".

22 anos

- "Sou casada, por isso me embaracei nas perguntas que falava dos pais, namoro".

Sexo: MASCULINO

17 anos

- "Acho dispensável fazer comentário".

18 anos

- "Gostei muito, acho que foi produtivo e interessante e gostaria que fossem feitos mais porque acredito que isso ajude o indivíduo a se expressar".

Período: NOTURNO

1ª Série

Sexo: FEMININO

18 anos

- "Gostei da pesquisa, sô espero que ela seja satisfatória em relação às providências. Providências estas que tenho certeza que quem mais precisa de ajuda mental (psicológica) sejam as gerações anteriores à nossa. E esperando assim ajudar a nossa para não acarretar problemas para as "futuras" que serão frutos nossos. "Eu".
- "Que é interessante essas pesquisas! E que além disso deveria se criar órgãos de discussões, nas escolas, sobre sexualidade, o uso de drogas, discriminação e emancipação da mulher etc.".

Sexo: MASCULINO

15 anos

- "Muito bom".

- "Ouvir mais sobre o sexo, o relacionamento sexual, o comportamento sexual, as bases do ser".

17 anos

- "Parabêns, é disso que jovens como eu precisam para conhecer-se a si próprios".

19 anos

- "Gostaria que pusessem em prática este trabalho também em favelas e mansões, tá? Teríamos melhor entendimento. Também gostaria que viessem mais e mais vezes com novas experiências, 'tá? Tudo de bom".

2ª Série

Sexo: FEMININO

17 anos

- "Acho que temos idade suficiente para tais perguntas. Sendo que as últimas, as quais não respondi, são estritamente pessoais. Acho que não deveriam fazer tal tipo de pergunta. Pesquisem mais! Saibam que existem vários tipos de pessoas. Estas perguntas são pessoais e não interessam a ninguém!!!".

18 anos

- "A comentar só tenho uma coisa a lhe dizer, gostei muito de vocês. E eu quero dizer-lhes que adorei as perguntas. Voltem sempre. Sejam bem vindos à nossa Escola".

19 anos

- "Acho que somos muito ignorantes quanto ao assunto : sexo, ele ainda é muito encoberto, acho que há necessidade, pois é igual ou tão importante como os outros. É necessário um maior conhecimento geral de todas pessoas, para que assim (haja) um desenvolvimento e relacionando entre as pessoas, indiferente do sexo. As escolas deveriam iniciar o ensino das coisas mais simples de sexo, como:menstruação, reprodução, se não no primário, pelo menos no ginásio, aos

seus alunos. É preciso tirar esse tabu da proibição".

- "Gostei do questionário, mas espero que vocês voltem para ter um contato maior com a gente, além de folhas com perguntas e respostas objetivas. Às vezes não é sim, nem não, mas o tempo, o espaço da folha é pequeno para falar o que achamos. Obrigado. Sinto dizer, quase vocês não deixaram opção para nós a não ser sim ou não".

Sexo: MASCULINO

16 anos

- "Gostei da pesquisa".

17 anos

- "Eu achei as opções muito repetidas, quanto ao resto gostei muito. Só que é um pouco curioso o questionário, mas tudo bem. Tchau".
- "Achei muito interessante este questionário, pois acho que é um método para as pessoas jovens procurarem encontrar um caminho de conhecimento humano ou seja tanto da parte física como mental. É um meio de ficarmos sabendo coisas que sejam benéficas para o futuro. Gostei!".

19 anos

- "Gostaria de parabenizar os responsáveis por este trabalho. É bom a gente saber que existem pessoas preocupadas com a vida social dos jovens, num período em que nossos pensamentos e nossas idéias são tidas como rebeldes, agressivas e inválidas. Deixo aqui o meu agradecimento em poder participar de tal trabalho, pedindo que o mesmo continue, uma vez que, para mim, foi muito interessante a experiência e acredito que para os demais também. Entendo que o mesmo serviu para muitos refletirem sobre suas vidas e trazerem em sua mente muitos pontos falhos ocultos!".

20 anos

- "Ajuda muito no sentido de reaproximar as pessoas, no sentido de ver o que estamos fazendo de errado, tentar corrigir. Eu não tenho facilidade para dialogar, sou uma pessoa muito fechada e isto prejudica muito. Questionários como este deveriam ser feitos frequentemente. Gostei muito".

3ª Série

Sexo: FEMININO

17 anos

- "Gostaria de saber o resultado desta pesquisa e, se possível, informações sobre a finalidade dela".
- "Certas questões que foram formuladas eu respondi para não deixar em branco, mas realmente não havia nenhuma alternativa que expressasse minha verdadeira opinião, como nas perguntas 97-98, 101 a 108 entre outras".
- "Os problemas que enfrento atualmente têm muito a ver com várias das minhas respostas; ajudou-me a desabafar".

18 anos

- "Em algumas respostas não dá para falar o que se passa no íntimo da pessoa ou de nós mesmos. As respostas são muito objetivas".

21 anos

- "Obs: Para algumas perguntas não há resposta. Mas de qualquer maneira foi bom responder a este questionário".

Bairro: J A R D I M T R E M E M B' É

Período: DIURNO

1ª Série

Sexo: FEMININO

14 anos

- "Gostei das perguntas porque foram bem abertas, apesar de não ter gostado de algumas por não entender prontamente".
- "Adorei o questionário. Acho que ele leva um jovem às vezes desinteressado no assunto a pesquisar e perguntar as pessoas, todas as suas dúvidas principalmente sobre sexo. Eu não sou muito informada mas vou procurar me informar melhor. Obrigada".

15 anos

- "As perguntas estão muito desenvolvidas, desembaraçadas, etc".
- "Gostei de responder a essas perguntas. Me faz sentir bem e achei interessante".
- "Achei muito importante porque assim vocês têm condições de saber da falta de informação dos jovens".
- "Gostei muito do tipo de pergunta que foi incluída nesse questionário. Gostaria muito que repetissem a experiência para que despertasse maior interesse por parte dos alunos em todos os assuntos principalmente o sexo onde demonstrei um conhecimento baixíssimo. Grata pela dedicação e peço que continuem o seu trabalho".
- "Gostei muito, apesar de ter ficado um pouco confusa em algumas perguntas. Achei válido esse questionário e penso que todas as pessoas deveriam respondê-lo".
- "Gostei muito desse questionário e achei as perguntas interessantes".
- "Achei legal, pois desta forma pudemos saber o que sentíamos em relação a nós mesmos e os demais companheiros. Tu-

do que assinalei não foi sem pensar, tudo é real e é o que eu penso".

- "Gostei muito, assim tivemos um diálogo franco e aberto, sem restrições, podendo optar por respostas que realmente batem com nosso modo de pensar. Aceitando minhas opiniões foi quase como um desabafo".

16 anos

- "Em relação ao sexo acho que um dia ou outro a cabeça de um adolescente muda muito. Com 16 anos sinto isso mas amanhã ou depois tudo pode mudar, ser diferente, mas tenho certeza que sei me cuidar para não mudar para pior. Tchau".
- "Caros visitantes: Nós jovens, necessitamos de diálogos francos e abertos onde possamos nos abrir, mostrar nosso ponto de vista e receber sempre algo positivo, algo que nos instrua e nos prepare para a vida a dois e em conjunto. Sabe seria bom se pudessemos ter pessoas que nos ouvissem e nos compreendessem, estimulando-nos para buscar algo, tanto nos aspectos familiares e sexuais, como no estudo e lazer. Portanto, acho que foi válido nosso contato através desse questionário, onde foi possível expormos nos sas opiniões e receios".
- "Eu acho que não estou bem apta para responder certas perguntas mas em todo caso eu respondi, achei difícil as perguntas sobre o sexo".
- "Acho válido para poder conhecer o que os jovens estão pensando dos assuntos".

Sexo: MASCULINO

15 anos

- "Eu achei muito interessante este questionário, acho que uma vez por ano deveria haver em todas escolas esse tipo de teste".
- "Seria muito útil se acrescentassem nas matérias comentários a respeito do sexo".
- "Gostei das perguntas formuladas".

16 anos

- "Achei bastante interessante tanto as perguntas como a maneira com que elas foram feitas, sô acho que as perguntas não foram totalizadas, se o questionário se aprofundou em determinados assuntos acho que nos outros deveria ter a-contecido o mesmo".

2ª Série

Sexo: FEMININO

15 anos

- "Vocês elaboraram muito bem as perguntas, são muito envolventes".

16 anos

- "Achei-o muito válido pois permite um questionamento e posicionamento perante os assuntos principais de nossa vida atual e futura, abriu nossas mentes e decretou um pare para uma reflexão, funcionou como uma terapia (positivamente, válida)".
- "Achei ótimo porque tive coragem de responder tudo sem medo. Mas confesso que não me senti muito bem revelando-me num papel".
- "Gostei das perguntas embora não tenha me sentido apta para responder algumas".

17 anos

- "Achei que realmente foi válido, apesar de algumas perguntas um pouquinho indiscretas, ou será que nós e que não estamos acostumadas a conversar mais profundamente?".

18 anos

- "Acho muito interessante este tipo de trabalho, espero ter ajudado em alguma coisa".
- "Gostei das perguntas, e não me levem a mal pois há perguntas que não respondi aquilo que penso como a 203, pois

realmente no meu ver a mulher só deve ter relações sexuais com o seu futuro marido, mas infelizmente isso não acontece na maioria das vezes (90%); as mulheres não se casam mais virgens".

19 anos

- "Achei ótimo esse teste, acho que deveria ser feito em todas as escolas pois ajuda a pessoa a se conhecer".

Sexo: MASCULINO

18 anos

- "Foi a primeira vez que preenchi um questionário desse tipo. Achei as perguntas interessantes e coloquei um pouco de minha vida nestes papéis".
- "Existem alternativas que optei por razões minhas que creio que serão consideradas estranhas na nossa sociedade, gostaria de poder explicá-las. Obrigado pela oportunidade".

3ª Série

Sexo: FEMININO

17 anos

- "Gostei muito do questionário, perguntas muito bem elaboradas pelo grau do assunto, São realmente as coisas que atingem diariamente a vida cotidiana da maioria dos adolescentes".
- "Este questionário foi útil no sentido de colocar as idéias no papel, saber o que pensa a fundo".
- "Gostaria muito que depois de feito esse questionário, pudesse ser divulgado o resultado ou mesmo um apanhado geral do que foi feito, talvez em um programa de televisão, acho que seria uma forma de estimular e enriquecer os jovens e os velhos também, por que não?".
- "Gostei muito de responder esse questionário".

Sexo: MASCULINO

17 anos

- "A Universidade de São Paulo está de parabéns, porque através deste questionário nós, leitores, podemos discutir mais abertamente todos os assuntos. Para mim as perguntas foram de alto nível psicológico e espero que estejam satisfeitos com as respostas".

Período: NOTURNO

2ª Série

Sexo: FEMININO

18 anos

- "Eu achei este questionário ótimo, pois ele nos mostra como nós somos e o que achamos sobre os outros".

19 anos

- "É sempre bom escrever, ler, o que pensamos; sabem que vocês me tiraram da rotina desta sexta-feira".
- "Eu achei muito interessante, é sinal que os adultos estão se preocupando com o que os jovens pensam e suas necessidades. Obrigada".
- "Achei legal, espero ter oportunidades para poder dizer o que penso de novo".

Sexo: MASCULINO

17 anos

- "Eu achei muito interessante este questionário e realmente me ajudou a conhecer melhor minha vida, coisa que eu não me importava em pesquisar; achei sensacional; está de parabéns quem o elaborou".

21 anos

- "Do jeito em que anda a sociedade, os jovens são quem podem mudá-la; em relação a esse assunto eu penso que ajuda

o jovem a analisar o mundo de uma maneira mais inteligente e cria situações em que a decisão própria é a que vale, não só neste questionário, como também nas atitudes diárias de cada um".

22 anos

- "Para o meu meio de vida essas perguntas foram um pouco difíceis, principalmente na parte de relacionamento de meus pais, que para mim não foram muito aproveitados quando adquiri maior conhecimento pela vida".

3ª Série

Sexo: FEMININO

17 anos

- "Desde o meu 1º ano escolar nunca vi nada tão legal como este questionário. Se depender alguma coisa do que eu sinto e penso a respeito para dar uma força ou não, sigam em frente. Foi super legal viu! Apesar de que vocês não ficam sabendo nem 1/3 dos problemas que enfrento em casa, no serviço, na escola, com o namorado e comigo mesma. Gostei muito e isto é tudo tá!".
- "Gostei muito de responder, achei ótimo. Hoje, minha mãe discutiu, ou melhor, brigou comigo e eu não estava bem, precisava conversar e isso serviu para esquecer. Foi como um pequeno desabafo. Obrigado!".

18 anos

- "Quero agradecer a oportunidade que tive de refletir sobre a minha vida em geral. Achei uma idéia muito válida pois assim nós jovens poderemos expressar aquilo que sentimos. Meus parabéns à Faculdade de Saúde Pública por essa iniciativa".
- "Achei muito bom e gostosinho este questionário, porque

ele me fêz parar de pensar em estudo e trabalho, para pensar um pouco mais na minha vida do dia a dia. Obrigada".

Sexo: MASCULINO

20 anos

- "Eu quero que vocês me perdoem meus erros, e o que eu acho que isto que vocês estão fazendo é uma boa. Pelo menos assim eu acho que os rapazes e garotas têm uma maneira de falarem a verdade que está escondida no fundo do coração. Hoje em dia é difícil uma pessoa ser sincera e eu espero que esta seja uma forma de iniciar a sinceridade entre este povo. Minhas desculpas pelos erros. Obrigado".

NOTA: Os comentários dos alunos do período noturno, no Jardim Tremembé, foram feitos por ocasião do pré-teste do questionário.

Bairro: V I L A B R A S I L Â N D I A

Período: NOTURNO

1ª Série

Sexo: FEMININO

16 anos

- "Gostei muito do questionário, gostaria de poder saber mais. Obrigada".

20 anos

- "Eu gostei do interesse de vocês por nós. Estou contente em responder este questionário".

Sexo: MASCULINO

16 anos

- "Este questionário é muito grande, poderia simplificá-lo".

17 anos

- "Esta é a primeira vez em que respondo um questionário deste tipo; gostaria muito, pois achei muito interessante, de responder mais vezes ou pelo menos nos espaços de 2 em 2 anos".

2ª Série

Sexo: FEMININO

16 anos

- "Gostei muito, serviu como uma forma de desabafo para mim, que com isso melhorou muito a respeito de todos os assuntos que gostaria de falar para alguém que me escutasse".

18 anos

- "Achei as perguntas formuladas de maneira um pouco difíceis para se entender. Foi válido de outra maneira, pois mesmos com as dificuldades encontradas, creio que fomos sinceros com a gente mesmo".

19 anos

- "Eu acho muito importante esse tipo de trabalho, principalmente quando ele é voltado ao jovem de maneira geral".

22 anos

- "Acho que nossa juventude, especialmente a da classe média e pobre, precisa e muito de maior instrução a respeito. São os que têm maior número de filhos, menos diálogo e onde os filhos se sentem mais oprimidos, fazendo do sexo uma fonte de desabafo. Despejo de suas frustrações".

---Sexo: MASCULINO

17 anos

- "Respondi certas perguntas que não gostaria de responder, por que varia muito do seu ponto de vista com o do questionário".
- "Reconheço que o trabalho de vocês é um trabalho muito bom, pois visa a melhorar (não de todo) um pouco nossas condições, tanto moral como intelectual. Desejo a vocês bom sucesso em seus trabalhos".
- "Esse questionário, às vezes, é falho e incompleto. Ele se esquece de levar em consideração a sociedade em que vivemos, onde não temos direito nem mesmo de cuidar da nossa própria vida. Por maior que seja a boa vontade da elaboração, as respostas serão sempre um tanto utópicas, fugindo à realidade, principalmente num bairro periférico, de baixo poder econômico, cultural e social".

18 anos

- "Fiquei meio contraditório a certas perguntas, mas se con

seguí ajudá-lo, OK!".

- "Este tipo de questionário serve muito para nós abriremos de uma forma individual e sem dúvidas".

3ª Série

Sexo: FEMININO

17 anos

- "Dou meus parabéns a vocês que se interessam em nos procurar, para esta pesquisa. Pois ela chega a nos ajudar a raciocinar sobre coisas que as vezes não damos importância, mas nos influenciam invisivelmente, em nosso comportamento e até em nosso pensamento. Obrigada pela preocupação pelos futuros adultos de amanhã".
- "Nada a dizer, somente excelente!!!".

18 anos

- "Achei interessantíssimo esta pesquisa, pois nela se engloba os problemas atuais do jovem em todo o ambiente que ele frequenta. Estou torcendo para vocês possam nos ajudar através desta pesquisa, que tanto para nós quanto para vocês roubou tempo de nossa rotina diária. Obrigada pelo interesse e esforço. Atenciosamente (assinou)".

19 anos

- "Fiquei confusa, mas adorei".

20 anos

- "Achei muito interessante esta pesquisa. Gostaria que voltassem mais vezes para um papo aberto".

Sexo: MASCULINO

17 anos

- "Houve em algumas perguntas justificativas em que eu não sabia expressar com palavras".

1

TRABALHO DOS PAIS E DO SUJEITO, SENTIDO DA ESCOLA,
AMIZADES NO GRUPO DE PARES, ATIVIDADES PREFERIDAS

SEXO EVENTOS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
	%	%	%
Paí trabalha	213 89,12	339 85,82	552 87,07
Mãe trabalha fora	53 22,80	109 28,20	162 26,20
Sujeito tra- balha	135 56,49	158 40,00	293 46,21
Escola tem sentido para a vida (ex- clui preparo profissional)	192 80,30	345 87,30	537 84,70
Levado a a- ção errada por pressão dos pares	45 18,83	53 13,42	98 15,46
Tem amizade que os pais não aprova- riam	51 21,34	80 20,25	131 20,66
Considera-se motivo de de- sacordo en- tre os pais	25 10,46	65 16,46	90 14,20
Tem melhor a- migo (a)	213 89,12	351 88,86	564 88,96
Tem ativida- de preferida nas horas va- gas	204 85,35	353 89,37	557 87,85
Não tem ati- vidade prefe- rida, mas gostaria de ter	20 8,37	32 8,10	52 8,20

As variáveis acima referem-se, respectivamente, às questões
sob nº 07,09,13,18,32,43, 44, 121, 124 e 125.

2

CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE COMPANHEIROS

FACE AO TOTAL DE INFORMAÇÕES

SEXO COMPONENTES	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	%		%		%	
Colegas de <u>es</u> cola	220	22,47	366	24,11	586	23,47
Vizinhos	189	19,30	246	16,20	435	17,42
Ex-colegas de escola	171	17,47	266	17,52	437	17,50
Parentes	149	15,22	275	18,12	424	16,98
Outros*	132	13,48	224	14,76	356	14,26
Colegas de <u>tra</u> balho	117	11,95	138	9,09	255	10,21
Ninguém	1	0,10	3	0,20	4	0,16
T O T A L	979	100,00	1.518	100,00	2.497	100,00

* Pessoas conhecidas em clubes, igreja, viagens, festas e outros eventos.

(Questões 19 a 25)

CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE COMPANHEIROS

FACE AO TOTAL DOS SUJEITOS

SEXO COMPONENTES	MASCULINO %		FEMININO %		TOTAL %	
Colegas de escola	220	92,1	366	92,7	586	92,4
Vizinhos	189	79,1	246	62,3	435	68,6
Ex-colegas de escola	171	71,5	266	67,3	437	68,9
Parentes	149	62,3	275	69,6	424	66,8
Outros *	132	55,2	224	56,7	356	56,1
Colegas de trabalho	117	48,9	138	34,9	255	40,2
Ninguém	1	0,4	3	0,7	4	0,6
TOTAL **	239		395		634	

* Pessoas conhecidas em clubes, igreja, viagens, festas e outros eventos.

** Número de sujeitos.

(Questões 19 a 25)

ASSUNTOS MAIS DISCUTIDOS NO GRUPO DE COMPANHEIROS

FACE AO TOTAL DE SUJEITOS

SEXO \ ASSUNTOS	DIVER SÕES %	ESPOR TES %	ESTU DOS %	FAMÍ LIA %	NAMO RO %	REUNIÕES SOCIAIS %	SEXO %	TRABALHO %	OUTROS*
Masculino	109 58,6	132 71,0	54 29,1	16 8,6	69 37,1	51 27,4	80 43,0	31 16,7	16,6 8,6
Feminino	209 66,3	47 14,9	120 38,1	93 29,5	188 59,7	115 36,5	90 28,6	63 20,0	20 6,3
TOTAL	318 63,5	179 35,8	174 34,7	109 21,8	257 51,3	166 33,1	170 33,9	94 18,8	36 7,2

Dos assuntos acima indicados, os sujeitos escolheram três.

N = 186 (masc.) + 315 (fem.) = 501

*Política, economia, religião, psicologia, sociologia e correlatos.

(Questão 29)

ASSUNTOS MAIS DISCUTIDOS NO GRUPO DE COMPANHEIROS

FACE AO TOTAL DE INFORMAÇÕES

ASSUNTOS SEXO	DIVERSÕES %	ESPORTES %	ESTUDOS %	FAMÍLIA %	NAMORO %	REUNIÕES SOCIAIS %	SEXO %	TRABALHO %	OUTROS* %
Masculino	109 19,5	132 23,7	54 9,7	16 2,9	69 12,4	51 9,1	80 14,3	31 5,5	16 2,9
Feminino	209 22,1	47 5,0	120 12,7	93 9,8	188 19,9	115 12,2	90 9,5	63 6,7	20 2,1
Total	318 21,2	179 11,9	174 11,6	109 7,3	257 17,1	166 11,0	170 11,3	94 6,2	36 2,4

Dos assuntos indicados, os sujeitos escolheram três.

$N = 186 \text{ (masc.)} + 315 \text{ (fem.)} = 501$

*Política, economia, religião, psicologia, sociologia e correlatos.

(Questão 29)

COMPORTAMENTOS ATRIBUÍDOS AO PAI EM RELAÇÃO
AO GRUPO DE COMPANHEIROS

SEXO COMPORTAMENTOS	MASCULINO %	FEMININO %	TOTAL %
Rêjeição	15 6,9	22 6,4	37 6,6
Tolerância	23 10,6	38 11,0	61 10,9
Indiferença	50 23,1	58 16,8	108 19,3
Aceitação	140 64,8	215 62,3	355 63,3
Imposição	16 7,4	23 6,7	39 7,0
TOTAL *	216 108,6	345 103,2	561 107,1

*O total corresponde ao número de sujeitos; houve casos em que foi assinalada mais de uma alternativa.

Não há associação entre o sexo dos sujeitos e os comportamentos descritos (teste de χ^2).

(Questões 33 a 41)

5

COMPORTAMENTOS ATRIBUÍDOS À MÃE EM RELAÇÃO
AO GRUPO DE COMPANHEIROS

SEXO COMPORTAMENTOS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
	%	%	%
Rejeição	16 7,2	15 4,0	31 5,2
Tolerância	35 15,8	52 13,8	87 14,5
Indiferença	23 10,4	39 10,3	62 10,4
Aceitação	152 68,5	278 73,7	430 71,8
Imposição	25 11,3	30 8,0	55 9,2
TOTAL *	222 113,2	377 103,6	599 111,1

* O total corresponde ao número de sujeitos; houve casos em que foi assinalada mais de uma alternativa.

Não há associação entre o sexo dos sujeitos e os comportamentos descritos (teste X^2).

(Questões 34 a 42)

QUALIDADE DO AFETO PERCEBIDO DE PARTE DOS PAIS

		PAI			MÃE		
AFETO	SEXO	MASCU- LINO	FEMI- NINO	TOTAL	MASCU- LINO	FEMI- NINO	TOTAL
		%	%	%	%	%	%
Frieza		42 18,6	51 14,3	93 16,0	10 4,2	28 7,2	38 6,1
Carinho, acolhi- mento		83 36,7	146 41,0	229 39,3	150 63,3	231 59,2	381 60,8
Hostilidade		16 7,1	20 5,6	36 6,2	15 6,3	18 4,6	33 5,3
Imprevisibilida- de		112 49,6	165 46,3	277 47,6	91 38,4	145 37,2	236 37,6
T O T A L*		226 112,0	356 107,2	582 109,1	237 112,2	390 108,2	627 109,8

* O total corresponde ao número de sujeitos; houve casos em que foi assinalada mais de uma alternativa.

(Questões 101 a 108)

ESTILOS EDUCATIVOS ATRIBUÍDOS AOS PAIS PELOS ADOLESCENTES

SEXO ESTILOS	P A I			M ã E		
	MASCU- LINO %	FEMI- NINO %	TOTAL %	MASCU- LINO %	FEMI- NINO %	TOTAL %
Autoritário	46 20,5	90 25,7	136 23,7	33 14,1	64 16,5	97 15,6
Igualitário	64 28,6	57 16,3	121 21,1	72 30,8	112 28,8	184 29,5
Autorizador	145 64,7	178 50,9	323 56,3	162 69,2	269 69,2	431 69,2
Alheio ou In- diferente	28 12,5	61 17,4	89 15,5	25 10,7	30 7,7	55 8,8
T O T A L *	224 126,3	350 110,3	574 116,6	234 124,8	389 122,2	623 123,1

* O total corresponde ao número de sujeitos; houve casos em que foi assinalada mais de uma alternativa.

(Questões 110 a 117)

NAMORO, SEXUALIDADE E CONHECIMENTOS
SOBRE REPRODUÇÃO HUMANA

SEXO EVENTOS	MASCULINO %	FEMININO %	TOTAL %
Atualmente namoram	84 35,15	172 43,54	256 40,38
Já namoraram	195 81,59	315 79,75	510 80,44
Namoram ou já namoraram	199 83,26	323 81,77	522 82,33
Tiveram relações sexuais	169 73,2	49 12,6	218 35,1
Tiveram contatos ou relações sexuais com o (a) namorado (a)	37 19,60	35 11,60	72 14,70
Sabem que a possibilidade da mulher engravidar não é a mesma todos os dias	197 82,43	339 85,82	536 84,54
Já ouviram falar de métodos para evitar gravidez	227 94,98	379 95,95	606 95,58
Sabem o que é doença venérea	198 82,85	324 82,03	522 82,33

As variáveis acima referem-se, respectivamente, às questões nºs 149, 151, 153, 235, 164, 231, 233 e 234.

8-A

NÚMERO DE SUJEITOS QUE JÁ NAMORARAM FACE ÀS
PESSOAS NAMORADAS E RESPECTIVAS MÉDIAS POR
FAIXA ETÁRIA DOS SUJEITOS

IDADES	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	Suj. Nam.	Méd.	Suj. Nam.	Méd.	Suj. Nam.	Méd.
14	0	0	4	25	4	25
				6,25		6,25
15	25	154	27	131	52	285
		6,16		4,85		5,48
16	33	263	63	249	96	512
		7,97		3,95		5,33
17	55	287	79	382	134	669
		5,22		4,84		4,99
18	40	386	62	290	102	676
		9,65		4,68		6,63
19	16	105	44	229	60	334
		6,56		5,20		5,56
20	12	96	26	187	38	283
		8,00		7,19		7,45
21	3	13	8	35	11	48
		4,33		4,37		4,36
TOTAL	184	1.304	313	1.528	497	2.832
		7,09		4,88		5,70

Suj.- Número de sujeitos

Nam.- Número de pessoas namoradas

Méd.- Número médio de pessoas namoradas

(Questão 154)

SENTIMENTOS POSITIVOS DESPERTADOS NO ADOLESCENTE PELA
SEXUALIDADE

SEXO SENTIMENTOS	MASCULINO %	FEMININO %	TOTAL %
Alegria	212 91,0	356 91,0	568 91,0
Amor	201 87,4	368 95,3	569 92,4
Tranquilidade	170 74,6	265 70,5	435 72,0
Atração	221 94,8	366 94,1	587 94,4
Confiança	149 65,9	274 71,9	423 69,7
Inocência	54 23,7	137 36,1	191 31,5
Destemor	64 28,1	106 28,1	170 28,1
Espontaneidade	185 80,1	281 74,9	466 76,9
Êxito	165 72,4	236 63,8	401 67,1
Curiosidade	147 65,3	257 66,6	404 66,1
Naturalidade	202 87,4	298 78,8	500 82,1
Prazer	211 91,3	339 89,0	550 89,9
Segurança	147 65,3	241 64,1	388 64,6

(Questões 177 a 200)

SENTIMENTOS NEGATIVOS DESPERTADOS NO ADOLESCENTE
PELA SEXUALIDADE

SEXO SENTIMENTOS	MASCULINO %	FEMININO %	TOTAL %
Tristeza	19 8,3	45 12,2	64 10,7
Raiva	8 3,5	20 5,4	28 4,7
Ansiedade	185 80,8	275 72,0	460 75,3
Repulsa	25 11,1	31 8,3	56 9,4
Desconfiança	44 19,3	82 21,8	126 20,9
Culpa	23 10,1	48 12,6	71 11,7
Medo	47 20,6	170 44,3	217 35,5
Obrigação	47 20,7	34 9,0	81 13,4
Fracasso	7 3,1	19 5,1	26 4,3
Indiferença	30 13,3	47 12,5	77 12,8
Vergonha	29 12,9	98 26,1	127 21,2
Sufrimento	32 14,2	81 21,5	113 18,8
Insegurança	56 24,6	160 42,0	216 35,5

(Questões 179 a 202)

11

FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE VIDA SEXUAL
E REPRODUÇÃO HUMANA

	MASCULINO %	FEMININO %	TOTAL %
Pai	110 48,2	62 17,4	172 29,4
Mãe	90 39,3	254 67,2	344 56,7
Irmãos, primos	132 58,7	201 54,9	333 56,3
Outros parentes (tios)	65 31,9	108 35,5	173 34,1
Professores	150 66,4	285 76,0	435 72,4
Companheiros	198 86,8	321 86,5	519 86,6
Namorado (a)	101 43,9	214 58,2	315 52,7
Televisão	132 58,1	290 76,9	422 69,9
Radio	49 21,6	66 18,3	115 19,6
Jornais	90 39,1	110 30,1	200 33,6
Revistas	183 79,6	309 81,5	492 80,8
Livros	165 72,1	302 80,7	467 77,4
Outros (especialistas)	20 17,1	17 10,6	37 13,3
Ninguém	3 2,7	1 0,6	4 1,5

(Questões 237 a 250)

DISCRIMINAÇÃO DA CATEGORIA OUTROS (AS)

Em

Grupo de companheiros:

Pessoas conhecidas em clubes; na igreja; em viagens; em festas; em outros eventos; em trânsito; na rua.

Assuntos mais discutidos no grupo de companheiros:

Política; economia; religião; psicologia; sociologia e correlatos; veículos (motos, carros, entre os rapazes).

Desenvolvimento pessoal:

Traços de personalidade (dimensão Introversão-extroversão).

Pessoas cuja opinião é levada em conta nas decisões:

Namorado (a); o próprio sujeito; parentes (tios, avós).

Reações dos pais face ao namoro:

Brincadeiras; preocupação; medo; ciúmes; as mesmas da questão, mas variando no tempo.

Influências no relacionamento com o sexo oposto:

O próprio sujeito; vivências; parentes; filmes.

Eventos que alteram prestígio:

Nihil

Fontes de informação sobre vida sexual:

Outros parentes: tios; avós; outros: pessoas especializadas; filmes.

Fontes preferidas de informação sobre vida sexual:

Outros parentes: tios, avós; outros: pessoas especializadas; filmes.

As variáveis acima referem-se, respectivamente, às questões 24, 29, 135, 141 a 148, 166 a 167, 176, 228, 240, 249, 254 e 263.

EXPLICAÇÕES EM RESPOSTAS MENOS FREQUENTES

Em

Levado a ação errada por pressão dos pares:

Mentir aos pais; sair sem avisar; faltar a aulas; armar confusão, bader_{na}; fumar; alcoolizar-se; furtar.

Amizade oculta, que os pais não aprovariam:

Por que o amigo não tem religião; não estuda; não tem boa reputação; usa drogas; é marginal; é infrator.

Sujeito é motivo de desacordo entre os pais:

Pais divergem entre si; sujeito diverge dos pais (v. tópicos das questões 85 a 94).

Não tem atividade preferida, mas gostaria de ter:

As mesmas atividades citadas na questão 124.

Não tem atividade preferida, nem gostaria de ter:

Trabalha, prefere descansar.

As variáveis acima referem-se, respectivamente, às questões, 32, 43, 121, 125 (sim) e 125 (não).

A - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DO MELHOR AMIGO

	MASCULINO	FEMININO	T O T A L
Desenvolvimento físico	1,322	1,560	1,469
Desempenho escolar	1,287	1,402	1,357
Relacionamento com os companheiros	1,900	1,849	1,868
Relacionamento familiar	1,818	1,706	1,749
Responsabilidade, cumprimento de deveres	1,720	1,848	1,800
Desembaraço no relacionamento com os outros	1,597	1,694	1,658
Facilidade de convivência	1,678	1,725	1,707
Preocupação com religião	0,879	1,139	1,040
Atração para o sexo oposto	1,428	1,500	1,472
Índice conjunto de desenvolvimento	1,514	1,603	1,569

Escala de 0 a 2

(Questões 45 a 53)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta sim, mais ou menos e não os pesos 2, 1 e zero, respectivamente.

B - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Desenvolvimento físico	1,297	1,542	1,449
Desempenho escolar	1,301	1,485	1,415
Relacionamento com os companheiros	1,794	1,741	1,761
Relacionamento familiar	1,795	1,739	1,760
Responsabilidade, cumprimento de deveres	1,630	1,786	1,727
Desembaraço no relacionamento com os outros	1,414	1,401	1,406
Facilidade de convivência	1,585	1,537	1,555
Preocupação com religião	0,847	1,106	1,008
Atração para o sexo oposto	1,370	1,489	1,444
Índice conjunto de desenvolvimento	1,448	1,536	1,502

Escala de 0 a 2

(Questões 126 a 134)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta sim, mais ou menos e não os pesos 2, 1 e zero, respectivamente.

C - ÍNDICE DE AUTO-DISCIPLINA

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Aparência pessoal	2,285	2,644	2,508
Alimentação, horário de refeição	2,134	1,977	2,036
Colegas, companhias, amizades	2,633	2,778	2,723
Lazer, recreação, distrações, entretenimentos	2,498	2,391	2,432
Período de permanência fora de casa, horários	1,812	2,181	2,041
Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	1,950	2,082	2,032
Tempo de estudo, deveres e notas escolares	2,004	2,279	2,175
Crença religiosa, frequência a atos religiosos	1,381	1,782	1,630
Ajuda nas tarefas domésticas	1,236	2,173	1,821
Relacionamento com o sexo oposto	2,433	2,528	2,492
Índice conjunto de auto-disciplina	2,037	2,282	2,189

Escala de 0 a 3

(Questões 55 a 64)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta muita, regular, pouca e nenhuma os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente.

D - ÍNDICE DE HÉTERO-DISCIPLINA

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Aparência pessoal	2,277	2,305	2,295
Alimentação, horários de refeição	2,616	2,581	2,594
Colegas, companhias, amizades	2,295	2,379	2,347
Lazer, recreação, distrações entretimentos	1,855	2,023	1,960
Período de permanência fora de casa, horários	2,298	2,656	2,521
Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	2,055	2,176	2,130
Tempo de estudo, deveres e notas escolares	2,256	2,367	2,325
Crença religiosa, frequência a atos religiosos	1,785	1,916	1,866
Ajuda nas tarefas domésticas	1,373	2,359	1,986
Relacionamento com o sexo oposto	1,726	2,069	1,939
Índice conjunto de hétero-disciplina	2,054	2,283	2,196

Escala de 0 a 3

(Questões 65 a 74)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta muita, regular, pouca e nenhuma os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente.

E - ÍNDICE DE DISCORDÂNCIA ENTRE O ADOLESCENTE E OS PAIS

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Aparência pessoal	0,811	0,797	0,803
Alimentação, horários de refeição	1,180	1,223	1,207
Colegas, companhias, amizades	0,935	1,050	1,007
Lazer, recreação, distrações, entretenimentos	1,009	1,167	1,107
Período de permanência fora de casa, horários	1,576	1,749	1,683
Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	1,294	1,354	1,331
Tempo de estudo, deveres e notas escolares	1,551	1,190	1,327
Crença religiosa, frequência a atos religiosos	1,038	0,835	0,912
Ajuda nas tarefas domésticas	0,915	1,324	1,167
Relacionamento com o sexo oposto	0,747	1,257	1,065
Índice conjunto de discordância	1,106	1,195	1,161

Escala de 0 a 3

(Questões 75 a 84)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta muita, regular, pouca e nenhuma os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente,

F - ÍNDICE DE DISCORDÂNCIA ENTRE OS PAIS

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Aparência pessoal	0,550	0,514	0,528
Alimentação, horários de refeição	0,802	0,760	0,776
Colegas, companhias, amizades	0,872	0,967	0,931
Lazer, recreação, distrações, entretenimentos	0,838	0,924	0,891
Período de permanência fora de <u>ca</u> sa, horários	1,208	1,353	1,298
Gastos em objetos, roupas, uso do dinheiro	1,035	1,074	1,059
Tempo de estudo, deveres e notas escolares	1,027	0,852	0,919
Crença religiosa, frequência a atos religiosos	0,797	0,650	0,707
Ajuda nas tarefas domésticas	0,684	0,995	0,876
Relacionamento com o sexo oposto	0,673	1,079	0,924
Índice conjunto de discordância entre os pais	0,849	0,917	0,891

Escala de 0 a 3

(Questões 85 a 94)

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta muita, regular, pouca e nenhuma os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente.

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Na vida familiar	0,400	0,675	0,570
Na vida escolar	0,791	0,559	0,648
Na vida com os companheiros	0,837	0,860	0,851
Índice conjunto de interferência	0,676	0,698	0,689

Escala de 0 a 3

(Questões 155 a 157)

H - ÍNDICE DE MUTUALIDADE NO NAMORO

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Quanto gostou da outra pessoa	1,970	2,313	2,182
Quanto a outra pessoa gostou de você	2,315	2,435	2,389
Quanto confiou nessa pessoa	2,295	2,291	2,292
Quanto essa pessoa confiou em você	2,364	2,494	2,444
Quanto houve de diálogo e compreensão mútua	2,313	2,271	2,287
Índice conjunto de mutualidade	2,251	2,361	2,319

Escala de 0 a 3

(Questões 158 a 162)

I - ÍNDICE DE INFLUÊNCIA DE TERCEIROS NO
RELACIONAMENTO COM O SEXO OPOSTO

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Pai	0,934	0,764	0,829
Mãe	0,864	1,252	1,108
Professores	0,348	0,314	0,327
Companheiros	1,772	1,227	1,432
Televisão	0,930	0,629	0,741
Revistas	1,195	0,829	0,965
Livros	1,066	0,865	0,940
Outros*	1,026	0,613	0,781
Índice conjunto de influência	1,016	0,811	0,890

* O próprio sujeito; parentes; filmes; experiências de vida.

Este índice e os índices das tabelas G e H foram obtidos atribuindo às categorias de resposta bastante, mais ou menos, pouco e nada os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente.

Escala de 0 a 3

(Questões 169 a 176)

J - ÍNDICE DE INTENSIDADE DE PREFERÊNCIA PELA FONTE DE
INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE

	MASCULINO	FEMININO	G E R A L
Paí	2,144	1,473	1,732
Mãe	1,690	2,512	2,203
Irmãos, primos	1,659	1,533	1,581
Outros parentes (tios)	0,958	1,026	1,000
Professores	2,031	2,156	2,110
Companheiros	1,888	2,029	1,977
Namorado(a)	1,955	1,921	1,933
Televisão	1,635	1,556	1,586
Rádio	1,339	1,014	1,137
Jornais	1,538	1,155	1,300
Revistas	1,893	1,815	1,845
Livros	1,968	2,163	2,090
Outros (especialistas)	0,596	0,600	0,598
Índice conjunto de intensidade de preferência	1,638	1,612	1,622

Este índice foi obtido atribuindo às categorias de resposta gostaria muito, gostaria mais ou menos, gostaria pouco e não gostaria os pesos 3, 2, 1 e zero, respectivamente.

(Questões 251 a 263)

Escala de 0 a 3

ANEXO V

Relação de Profissões

Classe 1 - Trabalhadores das profissões científicas, técnicas, artísticas e trabalhadores assemelhados

01. Engenheiro
02. Arquiteto
03. Agrônomo
04. Químico, Físico e Geólogo
05. Médico, Veterinário e Odontólogo
06. Enfermeiro, Nutricionista, Biologista e Farmacêutico (auxiliares)
07. Economista e Técnico de Administração
08. Estatístico, Atuário e Matemático
09. Contador
10. Analista de Sistemas (programador)
11. Geógrafo, Astrônomo e Meteorologista
12. Advogado
13. Psicólogo, sociólogo e Assistente Social
14. Bibliotecário, Arquivologista, Museólogo e Arqueólogo
15. Relações Públicas e Comunicólogo (publicitário)
16. Professor e Diretor de Estabelecimento de Ensino (auxiliar)
17. Técnico de Contabilidade e de Estatística
18. Técnico de Mecânica
19. Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações
20. Técnico de Laboratório
21. Desenhista Técnico e Comercial
22. Empresário, Produtor, Ator e Diretor de espetáculos públicos
23. Cantor, Compositor, Músico, Coreógrafo e Bailarino
24. Locutor e Comentarista de Rádio e Televisão
25. Operador de Câmeras de Cinema e Televisão (sonoplasta)
26. Atleta Profissional e Técnico em Desportos
27. Jornalista
28. Piloto de Aeronaves, Comissário de Bordo e Comandante de Embarcações
29. Escultor, Pintor e Trabalhadores Assemelhados
30. Decorador

Classe 2 - Membros dos poderes legislativo , executivo e judiciário, servidores civis e militares

- 31. Juristas (juiz, promotor, procurador e assemelhados)
- 32. Diplomata
- 33. Agente Fiscal e Administrativo
- 34. Delegado de Polícia
- 35. Oficiais das Forças Armadas e Forças Auxiliares
- 36. Serventuário da Justiça, exceto tabelião (inspetor)
- 37. Tabelião
- 38. Militar em Geral ,exceto oficiais

Classe 3 - Trabalhadores administrativos e assemelhados

- 39. Diretor de Empresas
- 40. Gerente (chefes de departamento)
- 41. Trabalhador de Serviços de Contabilidade, de Caixa e Trabalhadores Assemelhados
- 42. Secretário(a), Estenógrafo, Datilógrafo, Recepcionista, Telefonista e Trabalhadores Assemelhados (escriturário, operadora de telex)
- 43. Auxiliar de Escritório, Bancário e Economiário (office-boy, almoxarife, contínuo).

Classe 4 - Trabalhadores de comércio e assemelhados

- 44. Supervisor, Inspetor e Agente de Compras e Vendas
- 45. Vendedor Pracista, Representante Comercial e Assemelhados (orçamentista), (revendedora)
- 46. Corretor de Imóveis, Seguros e Títulos e Valores
- 47. Leiloeiro, Avaliador e Assemelhados
- 48. Vendedor de Comércio. Varejista e Atacadista (comerciário, balconista)
- 49. Jornaleiro
- 50. Feirante
- 51. Demonstrador e Modelo de Modas (manequim)

Classe 5 - Trabalhadores de serviços e assemelhados

- 52. Porteiro de Edifício, Ascensorista, Garagista e Faxineiro (zelador, vigia, guardanoturno, servente)
- 53. Cabelereiro, Barbeiro, Manicure, Pedicure, Maquilador e Esteticista (massagista)

54. Governanta de Hotel, Camareiro, Porteiro, Cozinheiro e Garçon
55. Motorista de Veículos de Transporte de Passageiros ou de Carga
56. Contramestre de Embarcações, Marinheiros e Assemelhados
57. Maquinista e Foguista de Embarcações Locomotivas e Assemelhados
58. Mecânico de Manutenção de Veículos Automotores e Máquinas (borracheiro)
59. Eletricista de Manutenção de Veículos Automotores, Máquinas e Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e de Telecomunicações
60. Lanterneiro e Pintor de Veículos Metálicos
61. Bombeiro de Instalações de Gás, Água, Esgoto e Assemelhados (encanador)
62. Alfaiate (costureiro(a))
63. Protético Dentário
64. Despachante
65. Agente de Viagem e Guia de Turismo
66. Agente de Serviços Funerários e Embalsamador
67. Auxiliar de Laboratório
68. Estivador, Carregador, Embalador e Trabalhadores Assemelhados
69. Empregado Doméstico (copeira, babá)

Classe 6 - Trabalhadores agrícolas da pecuária, florestais, da pesca e assemelhados

70. Trabalhador Agrícola, da Pecuária, Florestal e da Pesca

Classe 7 - Trabalhadores da Produção Industrial

71. Mestre e Contramestre
72. Mecânico de Manutenção, Montador, Preparador e Operador de Máquinas e Aparelhos da Produção Industrial
73. Eletrecista e Assemelhados
74. Trabalhador de Instalações de Processamento Químico
75. Trabalhador de Fabricação de Roupas
76. Trabalhador do Tratamento de Fumo e de Fabricação de Cigarros e Charutos
77. Trabalhador Metalúrgico e Siderúrgico
78. Trabalhador de Usinagem de Metais
79. Trabalhador da Construção Civil (construtor)
80. Trabalhador da Fabricação e Preparação de Alimentos e Bebidas
81. Trabalhador de Artes Gráficas
82. Trabalhador de Fabricação de Produtos-Têxteis, exceto roupas
83. Trabalhador de Fabricação de Artefatos de Madeira
84. Trabalhador de Fabricação de Papel e Papelão

- 85. Trabalhador de Fabricação de Calçados e Artefatos de Couro
- 86. Trabalhador de Fabricação de Produtos de Borracha e Plástico (vidro)
- 87. Joalheiro e Ourives

Classe 9 - Trabalhadores não especificados nas classes anteriores

- 88. Proprietário de Estabelecimento Agrícola, da Pecuária e Florestal
- 89. Proprietário de Estabelecimento Comercial (comerciante)
- 90. Proprietário de Estabelecimento Industrial
- 91. Proprietário de Estabelecimento de Prestação de Serviços
- 92. Proprietário de Imóvel recebendo rendimento de aluguel
- 93. Capitalista recebendo rendimento de aplicação de capital em ativos financeiros
- 94. Sacerdote ou Membros de Ordem ou Seitas Religiosas
- 95. Funcionário Público
- 97. Aposentado
- 98. Outras Atividades não Especificadas
- 99. Não Respondeu
- 00. Não se aplica